

5. A.  
1786

LIÇÕES  
DE  
BOA MORAL, DE VIRTUDE  
E DE URBANIDADE.

COMPOSTAS NO IDIOMA HESPAÑHOL

POR

D. JOSÉ DE URCULLU,

E TRADUZIDAS PARA O PORTUGUEZ DA 3.<sup>a</sup> EDIÇÃO DE  
LONDRES DE 1828

POR

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO,

CÓNEGO DA SE' PATRIARCHAL DE LISBOA, SOCIO DA ACADE-  
MIA REAL DAS SCIENCIAS DA MESMA CIDADE, E D'OUTRAS  
SOCIEDADES LITTERARIAS ASSIM DE PORTUGAL, COMO DO  
BRASIL, &c., &c.;

SEGUIDAS DE 43 MAXIMAS

PARA O BOM REGULAMENTO DA VIDA DE UMA MULHER;

E NESTA 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Enriquecidas com outras muitas Maximas e Sentenças,  
colhidas de diferentes AV., de que podem fazer prou-  
dente uso os individuos de um, e d'outro sexo.



---

L I S B O A,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1847.

1875

THE MORAL DEBILITY  
OF THE

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

## ADVERTENCIA,

SERVINDO DE DEDICATORIA.

Salte á luz esta segunda edição das *Lições de Boa-Moral, de Virtude e de Urbanidade*, corrigidas de alguns poucos erros typographicos da primeira; e vai de mais a mais melhorada com o Indicc das materias, contidas no pequeno volume; e com uma Collecção de Maximas e Sentenças, colhidas da lição de varios Autores, as quaes são um thesouro de inapreciavel valôr, accumulado pela observação e pela experiencia de todos os séculos, de que podem aproveitar-se assim os, que vão ainda no começo da carreira da vida, como os, que havendo-a trilhado já larga e extensa, não tem tido opportuidade para meditar, e reflectir maduramente sôbre o que a observação e a experiencia proprias lhes teria podido ensinar. Pequeno em volume, é pois este Livro um dos mais uteis, que tem sahido dos prélos Portuguezes, inormente hoje em dia, em que os são dictâmes da Boa-Moral tão esquecidos, se não desprezados, estão sendo em um Mundo; todo occupado de *interesses materiaes*: são estes em verdade dignos de absorver grande parte das humanas attenções; mas andando desacompanhados da *Virtude e da Boa-Moral*, que outra cousa

pode resultar de uma educação toda material, senão o mais torpe e inhumano *egoismo*?

Para oppôr uma barreira a este andago geral, que hoje lavra extensamente pelo Mundo, escrevêo sem duvida o Autor este Livrinho; e o mesmo teve em vista, quem o traduzio para o idioma Portuguêz, esperando lhe levem em conta de bom serviço tanto esta sua traducção, como a Collecção de Maximas e Sentenças, com que nesta segunda edição vai o mesmo Livrinho enriquecido, todos os seus Patricios, e mais que todos os Pais e Mães de familia, verdadeiramente empenhados na bôa educação de seus Filhos e Filhas, a quem mais particularmente elle é offerecido e dedicado:

Fu desta gloria só fico contente;  
Que a minha Terra ame e a minha Gente.

*Freire de Carvalho.*

LIÇÕES  
DE BOA MORAL, DE VIRTUDE  
E DE URBANIDADE.

---

INTRODUÇÃO.

Um nobre Hespanhol, depois de ter viajado por França, Alemanha e Inglaterra, e de haver por alguns annos residido na Côrte, retirou-se, com o fim de tratar de suas fazendas, para o logar do seu nascimento, levando consigo sua esposa, e tres filhinhos, cujos nomes são Thiago, Emilio, e Luizinha. Propunha-se o pai a dedicar o primeiro á vida militar, e o segundo á Jurisprudencia; porque, ainda que o mais velho contava apenas doze annos, e Emilio onze, com tudo tinha notado, depois de muitas observações, a affeição de um ás armas e a todo o genero de exercicios violentos, ao mesmo tempo que o outro mais sedentario se entretinha com brincos pacificos, e em folhear a todos os instantes os livrinhos, que lhe davão.

Ja a este tempo haviã tido grande cuidado em instruil-os em tudo o que a sua idade tenra era capaz de receber com proveito. Alem disto propunha-se a envial- a algum Col-

legio acreditado, onde, alem de se ensinarem bem as Humanidades, houvesse particular e-mêro, em que os meninos sahisse[m] de lá com a mesma innocencia e pureza de costumes, com que tinham entrado.

Porê[m], antes de dar este passo tão pen-doso para um pai, que ama de véras a seus filhos, quiz dar-lhes por um modo agradavel algumas lições singelas de *boa moral*, de *virtude*, e de *urbanidade*; a fim de pôr seus tenros corações em estado de resistirem ao veneno corrosivo do máo exemplo, bem como a pintura serve em grande parte para que a humidade não corrôa o ferro, nem faça apodrecer a madeira.

Com isto na mente foi, como costumava todos os annos no estio, para uma casa de campo, que possuia a pequena distancia do mar, edificada em situação sobranceira á uma espaçosa veiga.

Passados alguns dias, quando a imaginação dos meninos, alvorogada a principio com a mudança de domicilio, começou pouco a pouco a serenar, uma tarde á hora da merenda, assentados os pequenos e sua irmãinha debaixo de uma frondosa ramada, depois que a Mãe dêo a cada um delles a sua merendeirinha e fructa sazoadada, o Pai lhes falou da maneira seguinte :

## TARDE I.

## DA SOCIEDADE.

Observo, meus filhos, que estaes merendando com grande appetite, e que cuidado nenhum vos incommoda. Oxalá podesseis ser sempre tão felizes, como o sôis agora! Porém os annos passão rapidamente, e em breve saldireis da infancia, para serdes homêns; porque ides crescendo, que é um pnismo. Tempo é pois, que comeeis a saber, qual seja a maneira, por que o homem deve comportar-se na Sociedade, para viver em paz e com honra.

*Thiago.* Sim, meu Pai, conte-nos V. m. alguma coisa, que nos instrua, e divirta, como costumava fazer no inverno passado.

*Emilio.* Que é Sociedade, meu Pai?

*O Pai.* Por Sociedade, querido Emilio, entende-se a reunião dos homens, que vivem juntos, governados pelas mesmas leis. Figurai-vos por um momento, que os homens vivem espalhados pelo Mundo da mesma sorte, que os brutos, e que assim como um urso passa ao lado de outro urso sem se falarem, nem sequer olharem um para o outro, passassem os homêns do mesmo modo, ou talvez para se insultarem de palavra, e para se darem reciprocamente a morte: parece-vos em taes circumstancias, que o genero humano seria muito feliz? Reduzido o homem

a viver sósinho, e ás suas proprias forças, em vez de fazer uma casa para nella morar, teria de metter-se em uma caverna, ou na cavidade de algum tronco. Os seus vestidos seriam péllles de animaes, e o seu alimento dependeria da caça. Colheria os fructos, antes que amadurecessem, receoso de que outro se apoderasse delles. Haveria a cada passo rixas e combates, e o mais forte seria o mais feliz.

*Thiago.* E vivem assim os povos, que os viajantes denominão selvagens?

*O Pai.* Não, meu filho: Esses povos, que nos pintão como solragens, são homens grosseiros, que ignorão as artes, e os prazeres, que resultão da civilização; mas conhecem as primeiras e principaes ventagens da Sociedade; tem usos, que para elles são o mesmo que para nós as leis; e sabem respeitar mutuamente os seus direitos.

*Emílio.* Agora me parece, que ja sei o que é Sociedade: É o estado, em que os homens se achão reunidos para se sustentarem mutuamente, e para impedirem que os máos lhes fação mal impunemente.

*O Pai.* Essa é na verdade a base da Sociedade. Reunidos os homens, ficarão mais fortes, e mais felizes. A necessidade, e a emulação fizerão, que cada um inventasse alguma cousa util em prol da Sociedade, e para seu proprio proveito; visto que em troca do seu trabalho recebia o de que necessitava, e sabia das mãos dos outros.

*Thiago.* Ah! ja entendo: Isso quer dizer,



que um era lavrador, outro pedreiro, outro alfaiate, &c.

*Luizinha.* E as mulheres farião meia, lavrião a roupa e amassarião o pão : Não é assim, minha Mãe?

*A Mãe.* Com o tempo aprenderião todas essas cousas, e se encarregarião das fadigas domesticas, ao passo que os homens se dedicavão a trabalhos mais penosos.

*Emilio.* Está-me parecendo, meu Pai, que o que tivesse mais dinheiro, não trabalharia nada.

*O Pai.* O dinheiro foi invenção mais moderna. A experiencia fêz ver a necessidade, que havia, de recorrer a um meio, que facilitasse as operações do commercio; porque o lavrador, o artífice e o fabricante não podião obtêr aquillo, de que carecião, com as sóbras dos seus fructos, do seu trabalho, nem da sua industria: e daqui veio o fazerem moedas de ouro, de prata, de cobre e de outros metaes, que representavão o trigo do lavrador, o trabalho do artífice, o pano do fabricante, &c. . . . Mas parece-me, que ja vos ides enfadando de escutar-me.

*Thiago.* Não, não, meu Pai. V. m. diz isso, porque Luizinha está brincando; porém nós ambos ouvimos com gosto.

*O Pai.* Passarei agora a dizer-vos, quaes são as bases moraes da Sociedade; a fim de que saibais procedêr como homens de bem.

*Emilio.* Meu Pai, eu não entendo o que são bases moraes.

‘ *O Pai.* Alegro-me que m’o perguntes : O que nunca pergunta, ou tem muita vaidade, ou poucos desejos de saber. Eu vou explicar-vos o que se entende por *bases moraes*. Lembra-te, de que ao começar a fazer-se aquella casa, que d’aquí estamos vendo, forão abertos uns caboncos, e que em logar da terra, que ali antes havia, lhe lançarão muitas pedras postas por ordem?

‘ *Emilio.* Sim, meu Pai : e recordo-me tambem de que V. m. nos disse, que aquillo tinha o nome de alicerces.

‘ *O Pai.* Pois bem : assim como todo o edificio tem seus alicerces ou bases, sobre as quaes se sustêm com firmeza; do mesmo modo as açõs, que devemos praticar, tem por fundamento certos principios geralmente reconhecidos por todos os homens, taes como os seguintes : *Não faças a outrem, o que não quererias que te fizessem a ti : E faze aos outros, o que quererias que os outros te fizessem.* Eis aqui pois o que se denomina *bases moraes*. Tendes-me entendido?

‘ *Todos tres.* Sim, Senhor.

*A Mãe.* Dize-me, Thiago, gostarias, quando estás jogando a pélla, que outro rapaz viesse, e l’ha tirasse?

*Thiago.* Não, minha Mãe.

*A Mãe.* Logo deves confessar, que praticaste uma ação má, quando tiraste hontem a tua irmãzinha a bouéca, com que estava brincando, e lh’a lançaste no pção, dando causa com isso para que ella toda a tarde estivesse chorando!

*Thiágo.* Confesso, que obrei muito mal; porém ella tambem não devia fazer escarneo de mim. Não é assim, minha Mãi?

*A Mãi.* Certamente; e ja daqui ficais vendo, como o obrar mal, sempre traz consigo desgostos. Porém deixemos que vosso Pai continue.

*Emílio.* Meu Pai, o que V. m. e minha Mãi querem dizer é, que ninguem deve fazer aos outros aquillo que pode desgostal-os, como, por exemplo, roubar-lhes alguma coisa, prendel-os, e fazer delles zombaria; assim como tambem, que devemos fazer aos mais o mesmo bem, que elles nos tem feito.

*O Pai.* Nem mais, nem menos: e eis ali o que se chama *boa moral*, a qual consiste em não fazer mal, e em tornar bem por bem. Porém o homem virtuoso não se contenta só com isto; mas faz sacrificios generosos, sem esperar que lhos recompensem. De maneira que o fazer uma coisa util aos nossos semelhantes gratuitamente, e ainda contra o proprio interesse de quem o faz, eis o que se chama *Virtude*, e *virtuoso* o que a pratica. Para que entendais isto melhor, pôr-vos-hei varios exemplos: No fôgo, que houve em uma das noites passadas na nossa rua, o pedreiro, que entrou com perigo da sua vida na casa incendiada, para salvar uma mulher enferma, sem esperar premio algum por esta acção, foi um *homem virtuoso*. O lavrador, que se lançou ao rio para salvar o filho do nosso vizinho, que se hia afogando, foi

um *homem virtuoso*. Aquelle Cavalheiro, que vos costuma dar doces, é um *homem virtuoso*; porque adoptou por seu filho a um pobre orfão; e porque defendeo uma innocente e infeliz mulher, perseguida por uns malvados. Todos estes tem preferido a felicidade do proximo á sua propria felicidade; e eis a razão, por que merecem ser chamados *virtuosos*.

*Emilio*. Quem se abstêm de fazer mal, torna bem por bem, e acrescenta a isto alguns sacrificios generosos, quando se lhe offerece occasião, terá feito tudo, quanto deve?

*O Pai*. Pode dizer-se, que sim: posto que ainda haja outros deveres na Sociedade, aos quaes cumpre que nos sujeitemos.

*Thiago*. Que deveres são esses, meu Pai?

*O Pai*. Os da Urbanidade.

*Emilio*. Faça-nos V. m. o favor de explicar isso com alguns exemplosinhos; para que comprehendâmos bem, o que seja Urbanidade.

*O Pai*. Pois bem, escutai-me attentamente. Figurai-vos um mancebo, que cumpre exactamente todos os deveres da boa Moral, e da Virtude; que respeita os direitos de seus similliantes, honra a seus Pais, e lhes serve de apôio; que faz bem ao proximo, sacrificu-se por todos; e rende a Deus as homenagens, que dicta a Religião; este jóven é um ser digno do respeito dos homens, e das recompensas do Ceo. Felizes, mil vezes felizes todos quantos a elle se asemellião! Mas figurai-vos tambem, que um tal não sabe o

que é Urbanidade; e notareis, que pratica o bem sem graça alguma; que todos se queixão de que entra em uma companhia sem saudar a ninguém, de que se assenta na primeira cadeira, que encontra; de que anda feito um rustico; e de que não sabe estar á mesa, como manda o dever. Todos o compararão a um diamante de grande valor, porém mal lapidado. É sem embargo de tudo isto mui pouco é o que lhe resta que fazer. Bem examinadas as cousas, pouco importa, que eu tire, ou não o chapéo, que me assente direito ou de travez, que dê o tratamento de V. m., ou de Tu; porém todas estas cousas são outras tantas demonstrações do respeito, que tenho aos meus semelhantes, e que até observo lhes agradão: por consequência é do meu dever o ser cortêz nos termos, que o uso requiere. A falta de limpeza em meus vestidos e acções causa aos, que me rodêão, sensações desagradaveis; é por isso que o accio se converte em virtude, por ser um bem para os outros. Com uma attenta cortezia ganho o affecto de um desgraçado, que vê me não dedigno de saudal-o; pois não penseis, meus filhos, que só devemos ser cortezes com os nossos superiores e iguaes: um coração, que é bom, compeaz-se em o ser ainda com aquelles, que a casualidade fez sejão nossos inferiores; e por este modo tornamos mais toleravel a sua má sorte. — Meus filhos, os tres pontos principaes, que nos occuparão algumas tardes á hora da merenda, são os seguintes:

*A boa Moral*, ou a necessidade, que temos, de não fazer mal a pessoa alguma; e de fazer a outrem o bem, que nos tem feito.

*A Virtude*, ou o valor de praticar o bem gratuitamente, e ainda contra o nosso proprio interesse.

*A Urbanidade*, ou as fórmãs exteriores do homem na Sociedade.

Procurarei amenizar a narração com alguns exemplos, ou casos, que sei vos agradarão; e por ultimo na parte da Urbanidade misturarei alguns conselhos, de envolta com as regras da cortezia, que será bom os saibais desde ja.

Agora vamos até a borda do mar dar um pequeno passeio, ali apanharemos miudas e piutudas conchinhas, e ensinar-vos hei a fazer com ellas alguns adornos mõi bonitos.

*Todos.* Vamos, meu Pai, vamos. *Minha Mãi*, venha tambem connosco.

PARTE PRIMEIRA.

DA BOA MORAL.

TARDE II.

DEVERES PARA COM DEUS.

*Emílio.* Que nos contará V. m. esta tarde, meu Pai?

*O Pai.* Esta tarde dir-vos-hei alguma coisa ácerca dos deveres moraes do homem. Sabeis, meus filhos, qual delles é o primeiro?

*Todos.* Sim Senhor, sim Senhor.

*O Pai.* Fala tu primeiro, Thiago.

*Thiago.* O primeiro dever é amar, ou respeitar a nossos Pais; e quando succeda o ter um Pai tão bom, como o nosso, este dever é um prazer muito grande.

*O Pai.* Que dizes tu a isto, Emílio?

*Emílio.* Digo, que meu irmão tem razão; porque vejo, que V. m., e minha Mãe nos querem muito; e julgo que todos os Pais quererão da mesma sorte a seus filhos.

*A Mãe.* Luizinha, dize-nos tambem o que pensas a este respeito.

*Luizinha.* Eu digo, que ninguém me quer tanto, como V. m., e meu Pai; e que a ninguém quero, nem devo querer tanto, como a V. m.

**O Pai.** Vinde a meus braços, meus filhos, para que vos cubra de beijos. Bem vedes, quão agradavel me deve ter sido a vossa resposta; porém, isto não obstante, é obrigação minha o dizer vos, que não devo occupar o primeiro logar em vossos corações. Eu sou vosso Pai; porém lembrai-vos, de que tendes outro, que é o de todas as creaturas; este é Deus, o qual não só dá a vida, mas a conserva com suas continuas bondades. D'elle vem tudo, e tudo a elle deve tornar. Os vossos corações, animados por elle, devem a' elle dirigir-se continuamente. Não pode dar-se cousa mais ingrata, do que receber benefícios, sem os agradecer ao bemfeitor. Ah! meus filhos, se quereis viver felizmente, fazei que habite sempre convosco o agradecimento! Este vôo da alma, que deseja subir no Céu; estas palavras, que sáhem com fervôr da minha bôcca: *Oh meu Deus, bendito e louvado sejais uma e mil vezes por vossas bondades e beneficios!* este vôo, estas palavras fazem, que eu sinta maior prazer ao dar graças pelas bondades do Creador; então nos parece, que temos mais direito á protecção Divina.

**Emilio.** Tem V. m. razão, meu Pai: Desde que costumâmos rezar, figura-se-me, que sou filho de Deus; e costume ir mais contente para a cama.

**O Pai.** E naquelle momento presumo, que vos julgues melhores, do que nos mais instantes. Não é assim, meus filhos?

**Todos tres.** Sim, Senhor.



*Emilio.* Tenho observado, que Thiago, depois de rezar, não costuma brincar tanto; e eu mesmo sinto-me disposto a obrar bem:

*O Pai.* Felizes efeitos da piedade sincera! Queridos filhos, nunca vos esqueçais de que tudo, quanto sôis e possuis, a Deus é que o deveis; e que elle será tambem o que recompensará; ou castigará no outro Mundo as boas, ou más acções, que houverdes praticado neste.

*Thiago.* E que devemos nós fazer; para ter a Deus contente?

*O Pai.* Alem de cumprides os deveres, sobre que vos irei instruindo pouco a pouco, em que consiste o ser bons; tende particular cuidado em não deixardes passar um só dia sem dirigir as vossas orações ao Criador do Universo. Isto custar-vos-ia mui pouco, se considerardes, que é mui grande gloria para nós, que sômos umas pobres creaturas, o poder elevar a voz até Aquelle, que é superior a tudo: e isto mesmo deve ser um motivo de agradecimento. Cada dia, de que gozais, é um beneficio extraordinario: Por isso, ao despertardes pela manhã, deveis agradecer-o a Deus: este seja sempre o vosso primeiro pensamento. A' noite, empregai os vossos ultimos momentos em louvar a Divindade; e depois de haverdes cumprido um dever tão sagrado, o vosso somno será mais tranquillo. Deus não tem necessidade das nossas orações; mas vós tendes precisão de dirigir-lhe as vossas preces: e desde agora vos

pronostico que, se fizerdes as vossas orações com fervôr, e com gôsto, sem que se convertão em um vão costume; todos os deveres da humanidade vos parecerão mais faceis e agradaveis. — Agora vamos gozar do fresco, que corre á beira-mar.

*Todos tres.* Tão cedo, meu Pai!

*O Pai.* Não é cedo, meus filhos; pois o Sol acaba de pôr-se.

---

### TARDE III.

#### DOS DEVERES PARA COM OS PAIS.

*Thiago.* Parece-me que adivinho o, com que V. m. julga a proposito entreter-nos esta tarde.

*Luizinha.* Com que, Thiago?

*Thiago.* Parece-me que, depois de Deus, devem seguir-se nossos Pais, e que disto é que V. m. nos falará hoje.

*O Pai.* Tens razão. Não é esta a primeira vez que vos tenho falado ácerca dos deveres dos filhos para com seus Pais; e estou certo, de que os conheceis, porque o vejo por experiencia, ainda quando não saibais explicar-vos.

*Emilio.* Meu Pai, como V. m. nos tem falado tantas vezes a este respeito, deixe-me V. m. dizer o que sei; e se acaso não disser bem, então me corrigirá;

O *Pai*. Ouvir-te-hei com muito gosto : além de que , assim te exercitarás em discorrer , e falar diante de gente. Dize pois o , que quizeres.

*Emilio*. Primeiro que tudo , cumpre que amemos a nossos Pais mais , que a nós mesmos ; porque devemos sacrificar-nos por elles , se fôr necessario : Elles tem-nos dado a vida , tem cuidado de nós a todas ns horas , e são para conosco sobre a terra o , que Deus é no Céu para todos os homens. Como tudo , quanto os Pais fazem , é para bem nosso , as suas ordens devem ser-nos sagradas ; por isso o altercar com elles , ou sequer resmungar , é ja uma falta ; e desobedecer-lhes , um crime. Se nos dizem , que estudemos , não é para atormentar-nos , mas sim para que a seu tempo venhamos a ser homens uteis. Quando nos castigão , é porque o merecemos ; pois , se assim não fôra , nunca estudariamos , e viriamos a ser uns vadios. Eu tenho ouvido dizer a meu Pai , que um rapaz glotão , se lhe não corrigirem o vicio de comer muito , faz-se prigueiro , e com o andar do tempo dá-se à borracheira , e arruina a sua familia. O rapaz colérico chegaria a fazer-se um furioso , e talvez viria a ser um assassino. Tudo isto e as desgraças , que daqui se seguirião , se remedeia com os castigos dos Pais ; e a elles devemos o ser activos , instruidos e bons.

*Thiago*. Emilio falou como um prégador ; vou dar-lhe um abraço. Ainda que eu seja mais velho , vejo que sabe mais do que eu ;

e se meu Pai quizer, tambem direi alguma coisa, ainda que não tão bem, como **Emilio**.

*O Pai.* Fala, meu filho : não sabes o gosto, que com isso me dás, e com o amor, que tens a teu irmão. Alegro-me de ver, que não dás em teu peito abrigo á inveja, paixão mesquinha e rasteira, capaz por si só de suffocar na sua origem todas as virtudes.

*Thiago.* O amor e o respeito devem ser as bases do procedêr de um menino, devendo manifestal-os; para que seus Pais tenham a dôce satisfação de ver que são amados e respeitados. Costumo notar que, quando abraçamos a nosso Pai, as nossas caricias lhe causão grande prazer, e contribuem para a sua felicidade : por isso um filho deve manifestar os bons sentimentos, que nutre em seu coração. Todas as manhãs devemos informar-nos, se nossos Pais gozão de boa saude, e todas as noites desejar-lhes um descanso feliz : Faltar a este dever é uma indifferença culpavel, que pode affligir aos Pais. Os filhos, que, como nós, tem a fortuna de receber todos os dias a benção paternal, devem recebê-la com o mais profundo respeito, considerando que a vontade de Deus se expressa pela bôcca dos Pais virtuosos. (1)

---

(1) Algumas pessoas respeitaveis tem por costume lançar a benção a seus filhos antes de se recolherem a dormir. Este costume geralmente estabelecido nos Paizes-baixos, deveria abranger a todas as familias honra-

*Emílio.* Thiago, o que acabas de dizer-nos, foi dito por ti muito melhor, do que o tinha sido por mim. Não é isto verdade, meu Pai?

*O Pai.* Estou contentissimo com ambos: Tenho a consolação de ver, que minhas lições não são infructuosas. Ditosos vós, se as não riscardes da memoria, e se observardes o que vos digo! Quão feliz será a minha velhice a vosso lado, se Deus me permittir que a ella chegue! — Tendes até agora falado, meus filhos, sómente dos pais, que amão a sua familia, e que marchão pelo caminho da justiça: Porém existem desgraçadamente homens destituídos dos sentimentos mais naturaes, ou

das. O Pai, que tolas as noites chama a seus filhos, estende as mãos sobre suas cabeças, e faz uma curta Oração em silencio, para que sejam honrados e felizes, este Pai não parece aos olhos da sua familia um mortal ordinario, mas antes o proprio agente da Divindade, o que tem direito de fazer que baixe do Ceu o bem, ou o mal sobre seu filho. Esta acção tão singela está mui longe de ser indifferente; pois, alem de dar mais autoridade aos Pais, inspira virtude, e vem a ser a defesa dos bons costumes. Nenhum Pai lança a benção a seu filho, sem desejar parecer respeitavel a seus olhos; e o filho, que não traz em si o germen da depravação, jamais recebe a benção paternal, sem desejar ser digno de ella. E haveria ainda quem pense, que a lembrança deste momento religioso não seja no progresso da vida um prazer, que cause grande delicia? Que mola tão pueril para uma boa educação não poderia ser este costume nas mãos de um Pai sensato! « Meu filho, (poderia elle dizer) não te dou hoje a minha benção, porque faltaste aos teus deveres ». Estas palavras em um coração bem nascido causarão a impressão do raio.

que por seus vícios e crimes pertencem a uma classe infame, e são odiados do publico : que deverão em tal caso fazer seus filhos ?

*Thiago.* É essa uma desgraça bem grande ; mas eu não sei o que devem fazer.

*Emílio.* Nem eu também o sei.

*O Pai.* O filho deve lamentar essa desgraça, seguir um caminho opposto ao de seu Pai, e guardar-se o mais possível de desprezal-o ; porque isso fóra um crime. Se não pode conseguir com seus conselhos, que elle entre na vareda da virtude, donde se ha desencaminhado, deve guardar um silencio respeitoso ; deve fazer, quanto possa, para encobrir as suas culpas, e occultal-as aos olhos do publico. Muito vil e desprezível é o filho, que revéla as faltas de seus Pais : e merece a sua maldição aquelle que, esquecendo-se da voz da Natureza, vai accusal-os aos outros homens. Nada ha, que nos autorize a faltar ao respeito devido aos autôres da nossa existencia.

*Luizinha.* Meu Pai, não se enfade V. m. ; pois nós não sômos máos.

*O Pai.* Vem a meus braços, filha do meu coração ; eu nunca posso enfadar-me com filhos tão bons, como vós sôis. Agora vos contarei um caso succedido em França no anno de 1787.

*Luizinha* (fazendo caricias a seu Pai). Sim, sim, meu Pai ; pois eu começava ja a ficar triste.

*O Pai.* Os prezos de uma Cidade de França

ça estavam condemnados a varrêrem as ruas. Em certo dia chegou-se a um delles um môço, e beijou-lhe ternamente a mão. Um Cavalheiro, que vio isto da sua janella, chamou o môço, e disse-lhe, que se não beijavão as mãos dos presos da Cadeia publica : « Ah ! ( respondeo o môço derramando lagrimas ), e se o prezo fôr meu Pai ! » Quanto valor, quanta ternura não encerra esta resposta ! Um orgulhoso, um ingrato teria deitado a correr por outra rua, ao ver o desgraçado ancião : este bom e respeitavel filho vio sómente a desgraça de seu Pai, e esquecco-se da vergonha da sua situação.

*Luizinha.* Esse caso é muito bom, mas foi tão pequenino.

*O Pai.* Contar-vos-hei outro, de que gostareis.

*Emilio.* Sim, sim. E tu, Thiago, não estejas puxando pelo rabo ao gato ; pois me distrahes, e eu quero ouvil-o todo bem.

*O Pai.* Emilio disse ha pouco, que um filho devia sacrificar-se por seus pais, se fosse necessario : muitissimos filhos ingratos ha, que, apenas podem passar sem o soccôrro de seus pais, abandonão-os, e os deixão perecêr de miseria.

*Emilio.* Que filhos tão máos ! Meu Pai, não conte cousas tristes.

*O Pai.* O que vou referir-vos, é um caso singular de amor filial. — Uma pobre viuva tinha tres filhos, e o seu trabalho apenas bastava para mantêl-os, e para acudir ás

suas proprias necessidades. Os tres irmãos amavam extremamente a sua Mãe; e como a vião muitas vezes afflicta por não saber como havia de ganhar o seu sustento, tomáráo uma resolução bem extraordinaria. Acabava de fazer-se publico, que o que entregasse á justiça o autor de certo roubo, receberia uma somma de diuheiro bastantemente consideravel. Os tres irmãos convierão entre si, que um dos tres passaria por ladrão, e que os outros dous o conduzirião á presença do Juiz, Lançáráo sortes, e tocou o fazer o papel de ladrão ao mais inôco, o qual se deixou prender, e conduzir á presença do Juiz. O magistrado interróga-o, e elle responde ter sido o que commetteo o roubo; em consequencia do que, levão-no prezo para a Cadeia, e dão aos, que o apresentáráo, a somma promettida. Afflicto então com a desgraça de seu irmão, vão consolal-o á Cadeia; e pensando que ninguém os via, lanção-se em seus braços, e começão a chorar. O magistrado, que foi por casualidade á prisão, surprehendeo-os nesta postura, e ficou admirado de ver espectáculo tão estranho. Immediatamente dá commissão a um seu agente, para que siga os delatores, ordenandô-lhe, que os não pèrca de vista, até rastrear alguma cousa, que possa aclarar este facto tão singular. O agente desempenha a sua commissão, e conta, que vira entrar os dous joyens em uma pequena casa mui pobre; que, tendo-se arrimado a ella, ouvira, que contáráo a sua Mãe o que



tinhão acabado de praticar por amor della : que a pobre mulher, ao ouvir isto, tinha começado a dar mil gritos, mandando aos filhos, que restituissem o dinheiro, que trazião, dizendo-lhes, que preferia o morrer de fome, a conservar a vida á custa de seu filho. O magistrado apenas ousa dar crédito ao que lhe contão : manda vir o prezo á sua presença, interróga-o de nôvo ácerca do pretendido roubo, ameaça-o com o supplicio mais cruel; porém o môço mantêm-se firme em se declarar criminoso. « Basta, basta, lhe disse o Juiz, dando-lhe um abraço, Joven virtuoso, o teu procedimento assombra-me ! » Apresenta-se immediatamente ao Imperador, a dar-lhe parte deste acontecimento. O Principe, admirado de uma acção tão heroica, quiz ver os tres irmãos, fez-lhes mil caricias, assignou uma boa pensão ao mais môço, e outra mais pequena aos outros dous. — A fortuna põe raras vezes os homens em semelhantes provas; porém a Natureza manda aos filhos, que as não temão, quando se trata de salvar a vida daquelles, a quem devem a sua existencia.

*Thiago.* Quanto folgaria de poder conhecer a estes tres irmãos tão bons !

*Emilio.* E eu igualmente ; parece-me, que seriamos muito bons amigos.

*O Pai.* Vamos dar um passcio, para irmos ceiar cedo; pois temos que madrugar á manhã, para ir ver a vosso tio Antonio.

*Thiago.* E de tarde contar-nos-ha V. m. alguma cousa ?

*O Pai.* Se fizer bom tempo, voltaremos por mar; e em tal caso, se não enjoardes, contar-vos-hei alguma cousa.

*Luizinha.* Eu não enjoô, meu Pai.

*Thiago, e Emilio* (a um tempo). Nem eu tambem.

---

## TARDE IV.

DOS DEVERES PARA COM OS NOSSOS IRMÃOS,  
E SIMILHANTES.

Serião as sete horas da tarde de um calmoso dia do mez de Agosto, quando o Pai de familias se despedia de seu irmão, e entrava com sua espoza e filhos em uma pintada fálua, que na praia do mar os estava esperando. O mar, tão bravo e terrivel, quando o incommódão os feros Aquilões, parecia um espelho cristallino, donde reflectião os ultimos raios do Sol, que depois da sua larga carreira hia derramar beneficios em um novo hemispherio. Nada perturbava a unida superficie das aguas, senão os ordenados golpes de oito rémos déstramente manejados, a cujo compasso cantárão agradavelmente um pouco os remadores.

*Thiago.* Que dia tão divertido, meu Pai; não temos hoje passado.

*Emilio.* Ja vê, meu Pai, que não enjoã-

mos; bem pode V. m. contar-nos alguma cousinha.

*O Pai.* Hoje, meus filhos, havemos estado em casa de um meu irmão; por tanto devo dizer-vos, que, depois de nossos Pais, nada ha que nos toque tão de perto, como nossos irmãos; e que é nossa obrigação amal-os como a nós mesmos: São, como disse um homem de juizo, *amigos, que nos dá a Natureza.* Não é por isso cousa vergonhosa o ver tantas familias desunidas pelos zelos e rancores? Esta reunião de filhos debaixo de um mesmo tecto, debaixo da mesma lei paternal; esta reunião, que deveria gerar a amizade mais terna, é justamente a que nos corações mal formados desenvolve germens perniciosos. Que acontece ao joven, que tem inveja dos afagos feitos a seus irmãos, ainda depois de haverem sido feitos a elle mesmo? Triste, de máo humôr, passa os dias a formar sentimentos rancorosos contra aquelles, que a Natureza convida a amar, e afflige-se vendo-os alegres. Os sentimentos penosos, que dentro de si abriga, crecem á medida que elle vai crescendo; é terrivel o seu rancôr, quando chega a ser homem; e em seu irmão vê sómente um inimigo, que suppõe lhe usurpará uma parte dos bens de seus Pais. Morrem estes, e ainda antes de se lhes cobrir a sepultura, começa ja a disputar com violencia a sua legitima e a de seus irmãos. Apenas recebe o que lhe pertence, ausenta-se, ou se concentra em si mesmo, sem se lembrar de

que tem irmãos, excepto para aborrecê-los : alegra-se, se são mais desgraçados, do que elle : a sua dor augmenta-se, sabendo que prosperão : e até se atreve a ultrajar a memoria dos autores de sua existencia, accusando-os de haverem sido injustos; porque, cheio de má fé, não quer convir em que a injustiça existe só no fundo do seu coração. — Tal é a situação horrível do máo irmão, a qual nasce quasi sempre da inveja. Indicar-vos, meus filhos, um vicio tão horroroso, é ensinar-vos a que o aborreçãos.

*Thiago.* Meu querido Pai, eu nunca serei assim : en nunca aborrecerei a meus irmãos.

*Emilio.* Eu amarei sempre a Thiago, e a Luizinha, como V. m. ama a nosso tio Antonio.

*Luizinha.* E eu quererei sempre muito bem a meus irmãos, ainda que me fação pirraças; assim como minha Mãe me quer a mim, ainda quando ás vezes costumo enfadal-a.

*A Mãe.* Vem cá, minha filha, quero dar-te um beijo : o que acabas de dizer é para mim mais agradavel, do que esta suave viração, que vem temperar o ardôr da tarde.

*O Pai.* Não basta, meus filhos, que os irmãos se queirão bem : é preciso de mais a mais, que se ajudem mutuamente. Falando em geral, sempre que o caso o pede, devemos soccorrer aos nossos semelhantes, tendo presente, que, em igualdade de circunstancias, o irmão deve ser preferido ao homem, com quem não estivermos unidos pelos laços do saugue.

Os irmãos mais novos tem obrigação de respeitar o mais velho; não porque os seus direitos sejam mais sagrados, mas sim porque a sua idade lhe dá uma experiencia, que lhes pode ser util: e elle pela sua parte deve ser o protector daquelles, e fazer as vezes de seu Pai em caso de ausencia, ou de morte deste. A amizade entre os filhos dos mesmos Pais não é um affecto, que se possa abraçar, ou depôr livremente; é uma ordem da Natureza, é um dever sagrado: faltar a ella, seria um crime.

*Thiago.* E se meu irmão não quizer a minha amizade?

*O Pai.* Deves assim mesmo amal-o continuamente, e ajudal-o. Nem sempre dependerá de ti o agradar-lhe; porém não há um momento, em que não devas ser generoso para com elle. Usando da palavra *generoso*, não quero dizer que faças tudo quanto exige a situação, em que elle se encontre; senão que faças aquillo, que podéres.

*Emílio.* Diga-me, meu Pai, deve-sei usar com os mais homens o mesmo, que com meus irmãos?

*O Pai.* Sim. O genero humano é uma familia immensa: Devemos dar preferéncia aos nossos mais proximos parentes; mas nem por isso estamos dispensados de procedermos do mesmo modo com quaesquer outros.

*Thiago.* E hei de fazer bem a um homem, que não conheço?

*O Pai.* Sim, meu filho. Para fazer bem,

não é necessario saber a quem se faz. Todos temos precisão uns dos outros neste Mundo. O homem mais rico pode acaso jurar, que será sempre rico? Quem sabe, se chegará a ser tão pobre, como aquelles a quem algumas vezes tem dado esmola? Lembras-te, Emilio, daquella bonita fabula do *Leão* e do *Rato*?

*Emilio.* Sim, meu Pai; e se V. m. quér, eu vou repetil-a.

*O Pai.* Dize-a; porém muito de vagar: e se a disseres bem, dar-te-hei um bôlo doce, quando chegarmos a casa.

*Emilio recitando.*

1.

Achava-se prizioneiro,  
 Não por crimes de ladrão,  
 Um desditoso ratinho  
 Entre as garras de um leão.

2.

Delle a culpa, e d'outros mais  
 Toda inteira se cifrava  
 Em fazerem muita bulha,  
 Quando o leão repouzava.

3.

Chorando o ratinho implora  
 Perdão da sua insolencia:  
 Novo Tito, o rei ostenta  
 Sobre elle Real Clemencia.

4.

Não tarda muito que, á caça  
 O leão andando um dia,

Em subtil rêde tropece,  
Que entre as selvas se escondia.

5.

Quiz sahir, mas fica envôlto  
Mais e mais no laço armado;  
E cil-o que atrôa as montanhas,  
Rugindo desesperado.

6.

Corre o ratinho a seus gritos,  
Põe-se a roer diligente,  
É o rei dos brutos soltando,  
Salva-o da morte imminente.

7.

Poderozo, tem piedade  
Do teu igual desgraçado;  
Quem sabe, se delle um dia  
Te não verás precisado!

*A Mãe.* Emilio ganhou o bôlo.

*Thiago.* Quer V. m. que eu tambem diga  
uma fabulazinha, que não deixa de vir a  
proposito?

*O Pai.* Sim : E desse modo será a nossa  
conversação mais divertida.

*Thiago recitando.*

## O CASTOR E A LEBRE.

- « Se é da fortuna o ser vária,
- » Oh ! como é insensato
- » Quem do pobre e desditoso,
- » Soberbo desdenha o trato!

» O mais desprezível ente,  
 » Se com teu genio condiz,  
 » Talvez por seus bons officios  
 » Te possa fazer feliz » :

Fugaz Lébre ao Castôr assim dizia,  
 Jurando-lhe amizade eterna e pura :

Oh quão bem que sentia !

A experiencia o mostrou; por quanto um dia  
 Certo Galgo, ao sabir de uma espessura,  
 Travou viva querella

Co'o mesquinho Castôr ! e agota é ella,  
 Já lhe lançava o dente;

Mas o Castôr gritou tão rijamente,  
 Que muito atraz lhe fica Dáphne bella,  
 Quando em Apollo viu, Deus presumido,  
 Mui grande vocação de ser marido.

Eis nisto a Lébre assoma,

E aqui do seu talento portentoso,  
 Sem unha como o rei da fulva côma,  
 Sem corno como o bôi, tira arditoso

Remedio a mal tamanho;

Que, a empolgar indo o Galgo o seu gadânho,  
 Passu entre os dous a Lébre prestadia :

O Galgo, mal a via,

Deixa o triste Castôr, que ao bosque escapa,  
 E em frente a espessa mata a Lébre vóa;

Veloz ella se escôa,

E entre aqui perde, aqui já larga a capa,  
 Chega da fuga ao cabo :

Fazendo então zumbaias com o rabo,  
 Lhe dá as boas noites lindamente

E embrenha-se nas selvas promptamente



A tempo que a hospedal-a com xibanga  
Hia o Galgo nos âmbitos da pansa.

*O Pai.* Bem, bem, meu Thiago: tambem tu receberás um dôce. Terás observado como a Lébre se portou generosamente; pois assim devemos nós portar-nos. Figura-te, que dous homens se tem unido; aquelle dos dous, que abandona o outro, quando implora o seu socôrro, é culpavel; o seu proprio coração, a Terra, o Ceo o condemnão. — Mas vejo, que somos chegados á praia, e aqui termina por hoje a minha instrucção; pois pelo caminho iremos falando de outras cousas.

---

## TARDE V.

### DO QUE DEVE O HOMEM A' SUA PATRIA.

*O Pai.* O que o homem deve aos seus semelhantes, isso mesmo deve tambem á sua Patria: E' este um principio de boa Moral.

*Thiago.* Meu Pai, que quér V. m. entender por *Patria*? E' a cidade, onde nós nascemos?

*O Pai.* Por *Patria* entende-se não sómente o lugar, onde cada um nasce; ma' todo o paiz, que é governado pelas mesmas leis. Quero dizer nisto, que um habitante de Barcelona e outro da Corunha, tem a mesma Patria, não obstante a distancia de perto de du-

zentas leguas de uma Cidade á outra, e ainda que o primeiro seja Catalão e o segundo Gallego. Todos os homens de uma mesma Patria são como filhos de uma mãe commua; e em certo sentido estão unidos por deveres reciprocos, como o estão entre si os irmãos. Lembrais-vos do que vos tenho dito ácerca das bases da Sociedade geral dos homens?

*Thiago, e Emílio.* Sim, sim, meu Pai, muito bem estamos lembrados.

*O Pai.* Pois sabeí agora, que as bases de cada Estado em particular são as mesmas; trata-se da união de todos para segurança de cada um dos individuos. As leis tem sido feitas para segurar a todos os Cidadãos seus bens e direitos; e como a Patria nos protege continuamente, quando chega o caso de ella precizar de mim, devo servir-a até onde chegarem minhas forças. Vou fazer-vos tudo isto palpavel com um exemplo: Imaginai um homem, que não quer sujeitar-se ás leis da sua Patria, que não paga tributos, nem vai á guerra, nem se julga obrigado a fazer o que fazem os mais Cidadãos: Um tal homem vive independente, seguindo o principio moral, *de não fazer mal a ninguém.* Pensais, que tenha ganhado muito em viver assim? Escutai agora o resultado. Um dia um ladrão rouba-lhe o seu dinheiro. O nosso independente vai correndo a casa do Magistrado, queixasse, e pede justiça. « Bem vejo, que V. m. tem sido roubado, lhe responde o Magistrado; porém, que se ha de fazer a favor de um ho-

mem, que nada quer fazer para bem dos outros? O que se dá á Patria, é como o grão de trigo, que se lança no campo para ter com que subsistir em devido tempo. Se ninguém quizesse pagar as contribuições, com que se manterião as tropas necessarias para conservar a ordem, e para perseguir os malfeitores? Com que se sustentarião os Magistrados para administrarem justiça? O que não quer carregar com o ónus, que lhe pertence, como assegurará seus bens, e sua vida? V. m. quer viver sósinho; pois ache em si meios equivalentes aos da Sociedade, que abandona. Desgraçadamente o homem é máo: é preciso contê-lo: os ladrões quererião, que não houvesse leis, para se apoderarem dos bens alheios; e apenas se enriquecessem com o roubado, farião leis, para gozarem tranquilamente das suas rapinas.» — Estas razões fazem força ao independente, elle conhece o seu erro, e entra no grémio da Sociedade, cumpre os deveres sagrados, que a Patria impõe; e por este modo assegura os seus bens e até a sua propria vida.

*Thiago.* Com o exemplo, posto por V. m., tenho comprehendido perfeitamente a obrigação, e a necessidade, em que estamos, de sujeitar-nos ás leis do governo, para sermos felizes.

*Emilio.* Meu Pai, abi vem um homem com uma Carta para V. m.

*O Pai.* (Virguendo-se depois de ter lido a carta.) Séllem-me o cavallo.

*Thiago.* V. m. vai deixar-nos?

*O Pai.* Sim, é preciso obedecer. Este papel é um Officio da principal Autoridade da Provincia, e nelle me diz, que é do interesse publico, que eu vá á Cidade immediatamente.

*Emílio.* E se a trovoada apanhar a V. m. no caminho? Não vá, meu Pai: que negrumes! Não vá, não vá.

*O Pai.* Com maior gosto ficaria na vossa companhia; porém eu, antes de ser Pai, ja era Cidadão: lembrai-vos tambem do que vos tenho dito esta tarde: pouco importarião as minhas lições, se vos não dêsse exemplo na occasião. Para que fiqueis bem penetrados disto, na minha volta da Cidade vos ensinarei a fabula intitulada *Os Caranguejos.* (1)

*Luisinha.* Meu Pai, V. m. voltará esta noite?

*O Pai.* É provavel, que não; mas tratarei de voltar amanhã Adeus, meus filhos; chegai-vos a mim, para que dê a cada um de vós um estreito abraço.

(1) O Autor esqueceo-se do que aqui promettêo; pois a fabula dos *Caranguejos* não apparece em parte alguma desta obra.

## TARDE VI.

## NÃO FAZER MAL A OUTREM.

(O Pai, depois de haver estado quatro dias na Cidade, voltou ao seio da sua familia, pela qual foi recebido com o maior enthusiasmo, e com demonstrações de um carinho verdadeiro : Prazer incomparavel, cujo valor só pode ser calculado por um bom Pai de familias.)

O *Pai*. Esta tarde, meus queridos filhos, temo-nos reunido um pouco mais cedo; porque tenciono entreter-vos largamente; posto que não tanto, que chegue a cansar-vos. Já sabeis o que o homem deve a seus Pais, a seus semelhantes, e a sua Patria : é preciso agora, que vos diga alguma cousa sobre os principios, que nascem da máxima fundamental : *Não faças a outrem o que não querias que outrem te fizesse a ti*. Que entendes tu por isso, *Thiago*?

*Thiago*. Entendo, que não devo fazer aos outros o que (se elles m'o fizessem) poderia prejudicar me, ou dar-me pena. Eu não gostaria, que outro viesse dar-me um bofetão, nem tirar-me o dinheiro, que V. m. me costuma dar todos os Domingos, nem que dissesse mal de mim, nem tão pouco que me mortificasse com uma péça pezada ; por con-

sequencia não devo espancar a pessoa alguma, tirar nada a ninguém, nem calumniar, nem mortificar a quem quer que seja. E' assim, meu Pai?

O *Pai*. Tens-te explicado muito bem; e os mesmos exemplos, de que te serviste, servirão tambem para dividirmos o assumpto, que nos occupa. Começemos pois explicando o que se entende por fazer mal á pessoa de outrem.

**NÃO OFFENDER O PROXIMO NA SUA PESSOA.**

*Continua o Pai*. Fazer mal a outrem na sua pessoa é espancal-o, feril-o, ou matal-o. Qualquer destas tres cousas é uma verdadeira brutalidade, que avilta o homem. O que costuma levar-nos a commetter uma acção tão indigna, é a cólera; por isso; meus filhos, é mui importante o ter sempre cobibidas as paixões violentas: Sobre tudo na mocidade ha mister, que nos esforcemos por contel-as; porque, arraigado uma vez o habito de cucolerizar-nos, é mui difficil o destruil-o. A cólera é um vicio, que pode facilmente arrastar aos maiores crimes. O homem, dominado della, transforma-se em um animal furioso, que nada vê; espanca, fére e mata a quem se lhe oppõe: Que remorsos não deve soffrer este desgraçado, ao considerar a sangue frio a maldade produzida por um louco arrebatamento! Como temerá, que o persiga a justiça, para que sirva de escarmento

aos que não sabem dominar as suas paixões! Já está vendo o cadafalso, sobre o qual deverá expiar o seu crime. Porém, ainda quando possa evitar a justiça dos homens, a sua consciencia o perseguirá de continuo; a cada instante terá diante de si o cadaver da desgraçada victima do seu furor. Ouvi o caso seguinte. — Alexandre, Rei da Macedonia, que mereceo o appellido de *Grande* por suas bellas prendas, não soube vencer as suas paixões, e mais de uma vêz embaciou o lustre da sua gloria. Clito era o seu maior amigo, e foi digno deste titulo tanto por seu zêlo, como por lhe haver salvado a vida n'um combate. Alexandre queria-lhe, como a um verdadeiro amigo; porém um momento de furor o fêz esquecer da sua propria generosidade, e da fidelidade de Clito. Em um banquête, no qual se fazia o elogio de Philippe pai de Alexandre, este atreveo-se a disputar-lhe a preeminencia, querendo passar por superior em merecimentos a seu Pai, vaidade que não passaria de ridicula, a não ter nascido no coração de um filho. Clito teve a imprudencia de manifestar-lhe o desagrado, que isto lhe causava; digo imprudencia, porque é inútil o querer corrigir a um homem, quando se sabe, que a correção ha de irrital-o. Aquellido com o viúho, Alexandre levantou-se, e ameaçou a Clito; porém este cortezão severo continou reprehendendo ao seu amigo. O Rei, arrebatado da cólera, correo sobre elle, e lhe atravessou o peito com um pu-

nal. Esta acção bárbara enchêo de espanto em todos os circunstantes ; o mesmo Alexandre horrorizou-se, ao ver correr o sangue do seu melhor amigo ; e fóra de si, tratou de voltar a arma criminosa contra o seu proprio peito ; mas os que o rodeavão, impedirão o seu desígnio. Tinto no sangue do seu amigo, arrojou-se sôbre o cadaver, abraçou-o ternamente, e não quiz ouvir cousa alguma de quantas lhe dizião os Cortezãos, para consolal-o. Assim o maior Monarcha do seu tempo tornou-se por um só movimento de furor o ser mais miseravel, e inanchou para sempre a sua memoria. — Observai tambem, meus filhos, que Alexandre commettêo este crime no meio de um banquête, que tinha bebido mais do que pedião as leis da temperança, e que em um estado de serenidade de espirito teria perdoado a Clito, como devemos inferir de muitos actos seus de moderação. Vêde a que se expõem os que se dão ao vinho, o qual, alem de despertar a cólera, arruina a saude. — Não quero falar-vos dos crimes commettidos por uma vingança desde longo tempo meditada, ou pelo desejo de entrar na posse dos bens alheios. O miseravel, que trata de vingar-se matando, e o que assassina para despojar a sua victima, são malvados, que todo o genero humano detesta, e que ordinariamente terminão a sua vida n'um patibulo. Não falemos mais em semelhantes monstros : vossas almas purissimas nem sequer imaginão, que possam commetter-se taes horrores.



- *Thiago.* Se alguém viesse, para espancar-me, ou para tirar-me a vida, tenho eu direito para espancal-o, ou ainda para o matar?

*O Pai.* Em tal caso, tudo quanto fizeres, pode considerar-se como uma defesa justa; porém deves defender-te com menos violência, em quanto não perigar a tua vida. Evita, quanto podéres, o dar golpes mortaes; pois, por mais legitima que seja a defesa, é cousa cruel a lembrança de haveres causado a morte a alguém. Mas, se não ha remédio algum para salvar a tua vida, em tal caso estás obrigado a salvar-te a todo o risco; pois a lei natural manda-nos, que attendâ-mos á nossa propria conservação; e se é mais justo, que perêça o malvado, que ataca; é tambem mais util á Sociedade, que o homem de bem se salve.

NÃO PREJUDICAR AO PROXIMO EM SEUS  
INTERESSES.

Se não é permittido o maltratar por obra, nem de palavra ao proximo, não deve igualmente causar-se-lhe prejuizo em seus bens e interesses : funda-se isto no principio ja tocado = Que não devemos fazer o que não queremos que nos fação. = Não me demorarei em observar-vos, que é um crime o roubar a outrem o seu dinheiro; pois só o nome de ladrão nos causa horror : dir-vos-hei porém, que ha muitas pessoas, as quaes não fazem

escrupulo de tirar cousas de pouco valor, persuadidas de que nisso não são culpadas. Todavia sahei, meus filhos, que tão ladrão é, o que rouba pouco, como muito; e pode dar-se como regra segura, que o que furta uma bagatella, dizendo, *que poderão fazer-me por isto?* roubaria mais, se soubesse, que lhe não aconteceria mal algum. O homem de bem jamais tóma cousa alguma contra a vontade do seu dño, não pelo receio do castigo, mas porque sabe ser essa uma acção reprehensivel.

*Thiago.* Segundo isso, meu Pai, eu fiz mal em tirar a um rapaz da nossa rua uma pequena peça de artilharia de bronze, com a sua carréta.

*O Pai.* Fizeste muito mal, e é preciso que lh'a restituas immediatamente; e se a perdeste, deves remunerar-lha com outra cousa de maior valor, pelo sentimento, que a sua falta lhe terá causado. Não terias tu chorado, se outro tanto te houvera acontecido? Não terias vindo fazer-me queixas? Todo o rapaz que tira a outro algum objecto de seus brinquedos, é ladrão; e se a tempo não corrige este vicio, vai em augmento, como todos os mais, e os seus resultados podem vir a ser muito funestos. Alegro-me, de me haveres dito isso; porque vejo, que a tua confissão procede de um impulso de probidade.

*Emilio.* Diga-me, meu Pai, tambem é máo colhêr flores e fructas nos jardins, ou nas hortas?

O *Pai*. Sempre é um roubo, vicio mui frequente entre rapazes mal criados; sem advertirem uns taes, que muitas vezes recáhe o damno sôbre infelizes lavradores, a quem faz falta tudo, quanto lhes roubão, ou destruem. Os que se dedicão a esta classe de roubos, ão brégeiros, que andão espiando a occasião de podel-os fazer sem perigo de serem apanhados, costumão-se a este vergonhoso e culpavel exercicio, perdem inteiramente o rubôr, e supposto não venhão pelo tempo adiante a ser ladrões de profissão, pelo menos são individuos de má fé, e gatunos, que a pré-gão todas as vezes que podem. — Adverti, meus filhos, que pouco importa que os homens não vejão as nossas accões; porque Deus, que é quem nos ha de julgar, esse vê tudo. Se algumas vezes vos achardes em circumstancias de que a vossa opinião decida da perda dos bens alheios, ou dos vossos, sêde generosos, perdei com valor o que tiverdes. Contar-vo-hei agora o que fêz um pobre camponèz da ilha de Córsega, quando o seu paiz se achava afflicto pela guerra. — Despertárão-no uma manhã muito cedo alguns hússares, e mandárão-lhe que fosse com elles, para lhes ensinar algum campo, onde podessem forragear: Conduzio-os o lavrador a travez de muitos campos sementeos de trigo, e de outros differentes grãos, até que por fim parou em um campo de cevada, que não era muito bom. « Por que razão (lhe disse o Comandante do destacamento) nos trouxeste a

um campo tão máo, quando com muito menos trabalho poderíamos ter forrageado em outros melhores e menos distantes. » — Os campos, que temos visto, (respondêo o lavrador honrado) não são meus; não tinha por isso direito para vól-os indicar: este é meu; tirai d'elle toda a forragem, de que careceis. — Quando o General soube desta acção, ordenou, que os prejuizos lhe fossem indemnizados no dôbro do seu valor, taixado por homens bons.

*Emílio.* Que homem tão bom não era esse lavrador! Teria elle feito mal, se indicasse o primeiro campo, por onde passou com os soldados?

*O Pai.* Poderia têl-o feito, sem nisso commetter nenhum crime; porém leval-os ao seu campo, sabendo que nada lhe havião de pagar, é uma virtude verdadeiramente sublime.

*Thiago.* Occorre-me uma cousa, meu Pai: Se eu achasse uma bolsa com dinheiro, ou alguma alfaia preciosa em um logar, onde me não fosse possível adivinhar quem a tinha perdido; poderia ficar com ella sem escrupulo de consciencia?

*O Pai.* Não, meu filho; porque alem de não teres tu feito cousa alguma para ganhar o dinheiro, ou alfaia encontrada; não se sabe, que o que teve a desgraça de perdê-la, tenha renunciado a sua posse. Não te alegrarias tu, se perdêsses o relógio d'ouro, com que te presenteou teu tio, que t'o restituíssem?

*Thiago.* Sim, Senhor; e por essa mesma

razão, quando encontro alguma cousa, que tinha perdido, fico muito contente.

*O Pai.* Pois isso mesmo acontece quasi geralmente a todos. Todas as vezes que achardes alguma cousa, deveis informar-vos, se ha quem reclame o perdido; ha mister fazer espalhar a noticia, de que tem sido achado um objecto de determinada especie, declarando o nome da pessoa, a quem deverá dirigir-se o seu dõno; tendo o cuidado de não apontar todos os sinais da cousa achada: pois ao contrario, não faltariam patifes, que reclamassem, como seu, o objecto achado, antes que apparecesse o proprio dõno.

*Emílio.* Não sabe V. m., meu Pai, algum caso, que venha a proposito do que acaba de dizer-nos?

*O Pai.* Agora justamente estava eu pensando sobre isso mesmo. — Em 1728, Teing-Tey, mercadõr da Provincia de Cheuci na China, hia a Mung-Teing comprar algodão: levava uma bolsa com cento e setenta pezos duros, a qual perdõo no caminho junto da montanha de Song-Kia, e continuou a sua jornada. Um pobre lavrador, chamado Chi-Yeon, achou-a no dia seguinte, e voltando para casa, mostrou-a a sua mulher: esta, que era mui honrada, disse-lhe: « Não devemos ficar com este dinheiro, porque não é nosso; antes quero ser pobre, que retêr o alheio: amanhã debes averiguar de quem é a bolsa, e entregar-lh'a. » Neste meio tempo Teing-Tey tinha feito constar, que daria

metade do dinheiro a quem lhe restituísse a bolsa, que havia perdido. O lavrador apresentou-se ao Juiz do bairro, disse-lhe, que tinha achado a bolsa, que fizesse comparecer na sua presença o mercador, para certificar-se, se era elle o seu legitimo dono. O mercador chega, dá exactamente os sinaes, e Chi-Yeou lhe restitue a bolsa: o dono offerece-lhe metade do dinheiro, conforme a sua promessa, porém o lavrador o regeita: busca mil meios, para fazer que aceite a quantia, e Chi-Yeou diz-lhe, que não pode aceitar cousa alguma, e se despede. — Esta nobre acção foi geralmente admirada. O Governador da Cidade deu parte do acontecimento ao Vice-Rei da Provincia: este enviou immediatamente cento e cinquenta onças de prata ao lavrador, e lhe deu um quadro, (na China estes quadros se collocão sobre as portas das Casas) no qual se vião escriptos quatro caracteres, que significavão: *Marido e Mulher illustrados pelo desinteresse e pela generosidade*. De mais disto o Governador de Mung-Teing teve ordem para mandar levantar junto da casa do lavrador um obelisco com uma inscripção, que perpetuará a memoria de uma acção tão nobre. Quando ella chegou á noticia do Imperador, dirigio uma instrucção moral a todos seus povos, na qual os exhortava á pratica da Virtude: « Pelo que respeita ao lavrador Chi-Yeou (disse o Principe) eu o nomeio Mandarim da septima ordem, e dêem-se-lhe cem onças

de prata em sinal do muito que estimo a sua grande probidade, e' a fim de estimular os outros á imitação de tão bello exemplo. » — Imitai, meus filhos, se alguma vêz vos achardes em iguaes circumstancias, o procedimento destes generosos Chinezes. A recompensa, que elles tiverão, prova que a Virtude agrada aos homens de todos os paizes.

*Emilio.* Porém, meu Pai, se o Chinêz tivesse accitado o que lhe offerecia o mercadôr, teria feito mal?

*O Pai.* Não; porque era uma dádiva espontanea, de quem perdéo o dinheiro; e porque o lavrador se apressára a restituir a sômma achada, apenas soube a quem ella pertencia. Com tudo figura-se-me, que diria no seu interior estas palavras: « Levantar uma bolsa não he trabalho tão grande, que mereça metade do que ella contém; e restituil-a a seu dôno é uma cousa tão justa e natural, que não ha mister receber alguma cousa por isso. »

*Thiago.* Portou-se generosamente; e estou mui contente por haver sido recompensado pelo Imperador.

*Emilio.* E se o lavradôr Chinêz não tivesse podido saber quem era o dôno da bolsa, que deveria fazer della?

*O Pai.* Como era tão generoso, teria repartido o dinheiro por alguns mais pobres, que elle; e é isto o que deve fazer em caso semelhante todo e qualquer, que se não achar na indigencia. O pobre deve attender pri-

meiramente a si, quando o possa fazer de um modo irreprehensivel. Não é isto dizer, que um homem rico, que achasse uma bolsa de dinheiro, e que depois de ter dado todos os passos necessarios para averiguar quem fosse o seu dono, deixaria de ser homem de bem, se se apropriasse do dinheiro : mas poderia dizer-se, que era um homem cubigoso, que não mereceria ser louvado por ninguém. Vou contar-vos uma historiasinha, de que haveis de gostar.

*Thiago, e Emilia.* Bem, bem, meu Pai; nós estaremos mui quietinhos.

*O Pai.* Antão, e Luzia são dous jovens pastorinhos, que se querião muito, e não podião casar-se, por serem muito pobres. Um dia, em que ambos se estavam lamentando da sua má sorte, a tempo que voltavão ao anoitecer para a sua aldeia, Antão tropeçou, e cahio : Ao levantar-se, quiz ver em que havia tropeçado, e achou que era uma taleiguinha bastantemente pesada, e a tomou nas mãos. Desejoso de saber o que continha, vai, acompanhado de Luzia, a um campo visinho, onde estava ainda ardendo uma fogueira, que os lavradores tihão acendido durante o dia. Reanimão o fogo, e à claridade da chamma descobrem que tudo, quanto encerra a taleiguinha, é ouro : « Não parece senão que Deus nos envia este dinheiro (disse Luzia) para poder casar-nos. » = Certamente (respondeo Antão), e agora ja teu pai não fará reparo, em que cases comigo. = Ale-



gres como umas Pascuas começam a contar as peças de ouro, e os dobrões, e vão-se para a sua aldeia, com tenção de dar parte do achado ao pai de Luzia : porém, antes de entrar em casa, disse Antão á sua querida : = Vem-me ao pensamento, que este dinheiro não é nosso; sem duvida o terá perdido alguém na volta da feira de Medina; e o que nos tem alegrado tanto, será para quem o perdeu motivo de grande desesperação. = “ Tens razão, Antão, o que perdeu o dinheiro estará chorando, mais que tudo se tiver filhos : nós têmol-o achado por casualidade, e retêl-o seria um roubo. ” = O melhor será ( replicou Antão ) que vamos a casa do Cura, que é muito meu amigo, e se te apraz, consultaremos com elle. = Pareceo bem esta idea a Luzia, e forão immediatamente ter-se com elle : encontrarão-no em casa, Antão entregou-lhe o sacco do dinheiro, e confessou-lhe que a principio o tinham contemplado como cousa enviada pelo Céu : confessou-lhe tambem o grande amor, que tinha a Luzia; porém que a sua pobreza era um obstaculo, que impedia a sua união. Escutou-o o Cura com bondade, enternecco-se com o que lhe ouvio, admirou a probidade dos dous jovens, e applaudio o seu proceder : “ Antão, ( lhe disse o Cura ) conserva sempre os mesmos sentimentos, que o Céu te abençoará : o dono do dinheiro provavelmente apparecerá, é de presumir que te dê boas alviças, eu acrescentarei alguma cousa das

minhas economias, falarei ao pai de Luzia, e tu casarás com ella : e se ninguem reclamar o dinheiro, que depositas em minhas mãos, elle será considerado como um bem pertencente aos pobres, tu és um destes, e dar-t'ò a ti, será obedecer á voz do Céu. »

Retirárão-se os jovens contentes, e cheios de doces esperanças. O Cura publicou a perda do sacco na sua paróchia, em Medina, e em todas as aldeias immediatas : Alguns tratantes se apresentárão ; mas, como não soubérão especificar a especie de moedas, nem a quantia, nem o sacco, voltárão com as mãos vazias. — Entretanto o Cura não se esquecco de Antão ; proporcionou-lhe uma casinha com algum gado, e instrumentos de lavoura, e volvidos que fôrão dous mezes, casou os dous jovens. Agradecêrão-lhe o melhor, que poderão, e não cessavão de publicar os louvores do bom Cura. Antão era laborioso, Luzia mui activa ; pagavão punctualmente a renda, e vivião com frugalidade bemquistos de toda a gente.

Dous annos se pasárão, e ninguem reclamou o dinheiro : o Cura foi de parecêr, que se não devia esperar mais tempo, e o levou aos honrados jovens : « Meus filhos, (lhes disse elle) gozai do favor, que vos distribue a Providencia ; mas não abuseis ; estes tres mil duros estão sem nada produzir, fazei uso delles : se por acaso lhe apparecêr d'òno, restitui-lhos ; no em tanto empregai-os de modo que se lhes não diminua o valor. » Antão se-

guiou este conselho, comprou a casinha e a fazenda que trazia de renda, persuadido de que, se o dono do dinheiro algum dia apparecesse, se daria por muito satisfeito de vêr tão bem empregado o seu cabedal. — A propriedade do terreno foi causa, para que fizesse bemfeitorias na sua fazenda, melhorou a cultura das herdades, e os campos tornáram-se mais férteis, com o que conseguiu o viver em uma decente mediania, que é a que havia aspirado. Dous filhos vierão augmentar a sua felicidade, e depois que crescerão, ajudavão a seus pais nos trabalhos campestres. — Havia ja dez annos que vivião deste modo, eis que voltando Antão um dia do seu trabalho á hora de comer, viu dous homens, que hião pela estrada real dentro de uma caleça, a qual se tombou justamente quando elle se aproximava : Corrêo a soccorrel-os, offerceceolhes as mulas, que tinha, para conduzir as malas a sua casa, e rogou aos passageiros que fossem lá descansar. Por fortuna nenhum delles recebeu incommodo na queda, e o mais velho exclamou ao tempo de levantar-se : « Este sitio é bem desgraçado para mim ! Ha doze annos que passei por aqui voltando da feira de Medina, e perdi tres mil duros. » — E não fêz V. m. diligencia para tornar a havêl-os á mão ? — (He disse Antão.) — « Não me foi possível ; porque hia a toda a prêssa para a Corunha, donde devia embarcar para a Havana : o tempo urgia, a embarcação estava para dar á vela ; e se me

houvesse detido em fazer pesquisas; talvez inúteis, a minha viagem ter-se-hia frustrado, e os prejuizos terião sido maiores, que a perda, que acabava de soffrer ». — Alegrou-se por extremo Antão, ouvindo isto, e lhe rogou encarecidamente que fosse a sua casa; e como era a mais proxima, e ainda a mais cómoda, dirigirão-se a ella os viajantes. Encarrega a sua mulher, que prepare comida para aquelles hospedes; e em quanto se dispõe o necessario, faz recahir de nôvo a conversação sobre a perda, de que o mais velho se havia lamentado. Logo depois vai em busca do Cura, conta-lhe o que se passa, convida-o a comer, e que faça companhia aos viajantes. O Cura o acompanha, e não cessa de admirar o prazer, que mostrou o bom Antão por um descobrimento, que deve arruinal-o. — Posta a comida na mesa, os viajantes não achão expressões, com que agradeção ao Camponêz tão bom acolhimento: elogião o seu bom coração, a sua franquêza, a cundura de Luzia, a sua actividade, e a docilidade dos meninos. Antão, depois de concluida a comida, mostra-lhes a casa, a horta, o curral e o gado; fâla-lhes ácerca dos seus campos, e da sua produccão, e conclue dizendo ao de mais idade: « Tudo isto, Senhor, é de V. m.: Fui eu, quem achou o seu diabeiro; e vendo que niuguem o reclamava, comprei esta fazenda com intenção de algum dia entregal-a a seu legitimo dôno. No caso de minha morte, antes que este houvesse

apparecido, tive o cuidado de pôr nas mãos do Senhor Cura um documento fidedigno, que justifica ser de V. m. esta propriedade. » — Surprehendido o estrangeiro, lê o papel, e contempla com admiração a Antão, a Luzia e a seus filhos : — Onde eston eu? (exclama elle) : Que acabo de ouvir? Que proceder! que virtude! que nobreza! e em que classe encontro tudo isto! Tendes mais bens, fóra estes? (perguntou-lhe immediatamente.) « Não, Senhor : porém, se V. m. não vender esta fazenda, precisará de um arrendatario, e em tal caso espero, que me dará a preferencia. » — Tanta probidade (respondeo o ancião a Antão) merece outra recompensa. Dôze annos tem passado, des que perdi o dinheiro, que V. m. achou : de então para cá Deus tem-me ajudado de maneira, que me não faz falta a somma perdida, nem esta restituição me faria mais rico. Parece-me pois, que seria offender a Providencia, o tirar a V. m. este dinheiro : eu lh'o dou, e em tempo nenhum o reclamarei. Que outra pessoa teria obrado, como V. m. em iguaes circumstancias! » — Dito isto, fêz em pedaços o papel, que tinha nas mãos, e expressou o desejo, que tinha de mandar lavrar uma Escripura de cessão a favor de Antão, e de seus filhos. — Marido e mulher se lhe lançarão aos pés; mas elle os levantou e abraçou. Um Escrivão lavrou a Escripura, Antão chorava de alegria e de ternura. « Meus filhos, (exclamou elle) beijai a mão ao vos-

so bemfeitor. Luzia, agora podés desfructar estes bens sem descontentamento, e sem remorsos. »

*Thiago.* Que historiasinha tão bonita! Meu Pai, parece-me, que eu faria o mesmo, que fizeram Antão, e o lavrador Chinêz.

*Emilio.* E eu tambem. Ja tenho vontade de encontrar alguma bolsa de dinheiro, ou outra qualquer cousa, para fazer vêr a V. m. o que digo.

*O Pai.* Esse é o meu gôsto, meus filhos: Imitai, sempre que poderdes, tão bellos exemplos. Porém ja é tarde, amanhã continuaremos este mesmo assumpto.

---

## TARDE VII.

NÃO OFFENDER AO PROXIMO NA SUA HONRA.

*Emilio.* Contar-nos-ha V. m. esta tarde algumas historiasinhas?

*O Pai.* Veremos se alguma me occorre para amenizar uns entretenimentos, que para vós são mui sérios.

*Thiago.* Ainda que são sérios, tambem vamos aprendendo sem nenhum trabalho muitas cousas uteis.

*A Mãe.* Por isso deveis agradecer a Deus o ter-vos dado um Pai, que vos instrue, e que se desvela pôr educar-vos nos principios da Virtudê. Quantos homens ha, que não se-

rião tão máos, se seus Pais houvessem tido o mesmo trabalho com elles, que convosco tem o vosso! A sorte do homem depende em grande parte da primeira educação. Ouvi pois attentamente tudo o que elle vos diz; para praticardes o que vos ensina, quando assim seja necessario.

*O Pai.* Muitas pessoas ha, que contemplão com horrôr, como é justo, o tomar qualquer cousa, que lhes não pertence; mas que não fazem escrupulo de dizer todo o mal, que sabem dos outros; e ainda muito do que não sabem com certeza; sem reflectirem que a murmuração faz mais danino, que o roubo; e que a calumnia é um crime tão grande em muitas occasiões, como o homicidio. Porêm vejamos, Emilio, se te lembras da differença, que ha entre murmurar e calumniar, ácerca do que ja falei n'outra occasião.

*Emilio.* *Murmurar*, nos disse V. m. então, é contar com má intenção o mal, que se sabe de alguma pessoa, a outra, ou a outras, que o ignoravão, occupação ordinaria de individuos, que não tem caridade. *Calumniar* é muito mais criminoso; pois é inventar alguma cousa má contra uma pessoa, e fazê-la correr, como se fosse certa; com o fim de perdê-la na opinião publica: *Calumniar* é um crime atroz.

*O Pai.* Vejo, que tens boa memoria. Contar-vos-hei agora um caso; para que vos penetreis muito bem do perigo, que ha em murmurar, e calumniar: Escutai a historia

do desgraçado tio Bras. — O tio Bras era um pobre homem, que tinha por officio o ser agente, isto é, fazia os negocios e recados, que lhe encommendavão. Para isto é necessario ter certa dóze de intelligencia e de discrição; e o tio Bras possuia estas boas qualidades, de modo que lhe não faltava que fazer no bairro da Cidade, onde se havia estabelecido. Com o que ganhava, sustentava a sua familia, e de certo teria visto correr em paz seus dias, se não tivesse sido desacreditado por outro agente, seu visinho, homem invejoso, e que desejava tirar-lhe a freguezia. Este velhacão chamava-se Gaspar, e por quantos meios poude tratou de desacreditar o tio Bras, o qual (é justo confessal-o) gostava de quando em quando de empinar côpos; porém nunca o vinho lhe fez faltar aos seus devêres; pois tinha o cuidado de não entrar em uma taberna, antes de haver cumprido as suas obrigações. Muito bem sabia isto o invejoso, mas, sem tratar de desculpal-o, contentava-se com dizer a quem queria ouvil-o, que o tio Bras gostava de vinho, e que este vicio em um homem da sua profissão era mui perigoso; pois, alem de não cumprir exactamente o que lhe encarregavão, podia contar aos outros os segredos. A' força de repetir estas e outras palavras semelhantes, conseguiu que o éscutassem. Observárão tambem, que o tio Bras parecia de quando em quando ter bebido mais, do que era justo: começárão a desconfiar d'elle, e a empregal-o menos.



Como o invejoso ganhava com isto, continuou desacreditando-o, até que reduziu o pobre visinho a não ter nada que fazer. — Desesperado o tio Bras, ao ver que já não possuía a confiança das pessoas, que antes o empregavam, tomou a resolução de abster-se do vicio, e chegou a conseguil-o. Este esforço foi sabido apenas por alguma pessoa, e o mesmo invejoso teve bastante cuidado de o não dizer a ninguém. Ultimamente este infeliz, vendo a sua familia reduzida á maior miseria, foi viver n'outro bairro; melhorou algum, tanto a sua sorte, bem que a reputação, que devia a Gaspar, o perseguido tambem ali. — Eis aqui tendes uma ligeira mostra do damno, que pode causar a murmuração: o mesmo mal, ou maior ainda pode ella produzir nas mais classes da Sociedade.

*Thiago.* E em que veio a parar por fim o tio Bras?

*Emilio.* Pobre tio Bras! causa-me uma lastima, meu Pai!

*O Pai.* Agora vos direi em que elle veio a parar. Occuparão um dia a este bom homem em uma casa, na qual depois se descobriu a falta de certa cousa. Como ninguem de fóra ali havia entrado, recahirão as suspeitas sobre o tio Bras, ainda que não havia provas para o accusarem. Soube-o o invejoso, e immediatamente exclamou: « Não o tinha eu dito? o vicio do tio Bras não podia acabar em bem: para ir á taberna, é preciso dinheiro, e quem não ganha o bastante, rouba, » A

sua maldade transformou logo a suspeita em certeza, e não tardou em dizer por todas as partes, que o tio Bras tinha roubado uma alfaia de prêço; e tanto porfiou, que chegarão effectivamente a acreditar que era ladrão. Resultou daqui, que o tio Bras foi prêzo; e se a alfaia não tivesse apparecido depois de muito tempo, não teria de certo passado bem. Sahio innocente, e ainda o indemnisarão dos prejuizos com uma leve sônima: porêm como a sua familia havia contrahido dividas durante a sua prizão, apenas as pagou, ficou tão pobre como antes. Ainda que se offerrecêo de nôvo para ser agente, ninguem o empregava, todos desconfiavão d'elle. Suas desgraças fôrão em augmento, cahio doente, e morreo em um hospital, abandonado de todos. — Vêde o que fizerão a *murmuração* e a *calumnia*.

*Emilio.* Que caso tão horroroso nos não tem V. m. contado!

*O Pai.* E' certo, meu filho; e tem presente que *jamais se diz mal de alguém, sem fazer damno*. Não divulgueis nunca as faltas dos outros: todos as temos; por isso sejamos indulgentes com os mais, para que elles o sejam tambem connosco. Sabei mais que, ainda que os murmuradores sejam escutados, são assim mesmo objecto de desprezo, são temidos de toda a gente; porque ninguem ha que não pense que, voltando as costas, farão o mesmo contra os individuos, de quem acabão de despedir-se. Pelo que respeita aos

calumniadores, são homens aborrecidos; e caso venhão a ser convencidos como taes perante os Tribunaes de justiça, esta os castiga com penas de infamia.

*Thiago.* Se eu soubesse casualmente, que uma pessoa tinha commettido uma acção prejudicial a alguém, devia dizer-lh'o?

*O Pai.* Sim; porque nem toda a infracção das leis deve entrar na classe daquellas faltas, que devemos contemplar com indulgencia. Supponhâmos que vias um homem rondando alguma cousa; em tal caso o teu silencio seria uma falta grave, que até poderia fazer-te cúmplice do mesmo crime.

*Emilio.* Diga-me, meu Pai, se uma pessoa viesse informar-se comigo ácerca de outra, que eu conhecesse, e de quem aquella quizesse servir-se; deveria eu dizer tudo o, que soubesse?

*O Pai.* Deverias dizer tanto o bem, como o mal. Para que entendas isto bem, servir-me-hei de um exemplo. Um teu amigo quer pôr certa quantia de dinheiro em casa de um commerciante, a quem daremos o nome de Thomaz; porque julga, que é homem honrado: sem embargo disto, sabendo que tu o conheces e trataes, vem pedir-te informações, confiando-te o seu designio. Tu sabes, que Thomaz, ainda que goza de credito, não está muito bem: sabes, que joga forte, e que tudo, quanto possui, é uma vã apparencia: estás certo de que, se lhe entrega o dinheiro, o perde: É isto não obstante, não te

atreves a dizer-lhe o que pensas, receoso de prejudicar a Thomaz, figurando-te que isto é murmuração. Julgas tu, que será delicadeza o culir-te? Não, meu amigo, isso seria timidez, seria fraqueza culpavel. O teu amigo, que só te ouviu dizer bem de Thomaz, entregou-lhe o seu dinheiro, e perdeu-o effectivamente: Desde esse instante accusa-te de má fé, aborrece-te, e tu nada tens, com que possas justificar-te. Quando se trata de impedir que um homem de bem seja victima de um malvado, é um dever descobrir-lhe os vicios.

**DEVEMOS TOLERAR-NOS MUTUAMENTE AS FALTAS.**

Um homem sabio disse: « Todos somos amassados de erros e fraquezas; por consequente a primeira lei da Natureza é tolerar-nos uns aos outros. » O que não quer tolerar as faltas alheias, com que direito poderá pretender que lhe tolerem as suas? Aquelle que exigisse, que todos pensassem como elle, ainda quando o seu modo de pensar fosse mui sensato, seria o homem mais insupportavel; pois é bem certo, que não existiria reunião alguma de homens, sem que houvesse uma especie de indulgencia reciproca.

*Emilio.* Meu Pai, deverei eu corrigir aos outros?

*O Pai.* Sobre isso ha muito que dizer. A correcção é uma especie de remedio applicado a um mal moral; porém como taes curas costumão ser mui raras, ha mister escaccar

estes remédios : quero dizer, não convêm dar directamente conselhos, que serão mal recebidos. Se te interessas por alguém, e o julgas dotado de bastante prudencia e docilidade para corrigir-se, se é que disso tem necessidade, dize-lhe em particular o que te parecer proprio. O que nos reprehende com acrimonia, ou com demasiada levêza, fêre o nosso amor proprio, e imaginâmos que o faz por inveja, donde resulta o ser perdida a sua lição. Nunca parece bem em um môço o corrigir ao ancião, nem em um inferior ao seu superior. — Devemos tambem tolerar as impertinencias dos enfermos; por ser isso um devêr da humanidade : Fugir delles é uma crueldade, que agrava os seus padecimentos. Quanto mais soffrem, tanto maior deve ser a paciencia e a doçura, com que devemos tratá-los. — Outro vicio ha bastantemente geral, e que não é prova de um coração sensivel, consiste em alegrar-nos com os males alheios; por exemplo, o rir-nos, quando alguém cáhe. Tenho visto pessoas, que se rião de uma morte, que acabavão de contar-lhes. Os insensiveis, indifferentes aos dons da alma, que não possuem, parece que se delectão em fazer-nos vêr o pouco, que valem. Não faltão igualmente pessoas que, apenas vêm um corcovado, um torto, um côxo, tratão de ridiculisal-os, imitando os seus defeitos naturaes, talvez adquiridos na guerra; ou por culpa alheia. Dizei-me, insipidos mofadores, se vos tivesse tocado igual sorte,

gostarieis que vos tratassem, como vós tratais a esses desgraçados? Seguramente não. Podeis rir-vos de um vicio, de um costume ridiculo; porém uma enfermidade não é um vicio, um defeito corporal não é um costume ridiculo; é antes uma afflicção para o infeliz, sobre quem recae. Meus filhos, temei aviltar-vos com semelhantes zombarias, nunca altereis a dôce sensibilidade de vossos corações: sahi ao encontro dos que soffrem; e; se algum os afflige, consolai-os: a satisfação interior, que com isto experimentardes, é mil vezes superior ao prazer fugitivo, que outrem pode sentir ouvindo os motejos de algum miseravel chocarreiro.

A NINGUEM DEVEMOS DEPRIMIR.

*Continua o Pai.* O mesmo principio de boa moral e humanidade nos manda, que não deprimâmos a ninguem. O riso pelas desgraças alheias procede ás vezes de leviandade, de falta de reflexão; ao mesmo tempo que o orgulho, que nos leva a deprimir ao nosso semelhante, procede necessariamente de um máo coração.

*Thiago.* E se algum orgulhoso quizer mortificar-nos?

*O Pai.* Em tal caso é desculpavel o abatel-o, para o contêr nos seus justos limites. Deprimir a quem está bastantemente abatido pela desgraça, é querer amargurar a sua cruel situação. Lembrai-vos, meus filhos, de

que todos os homens sômos irmãos, e de que todo o que trata de humilhar a seu irmão; infringe as leis da Natureza, e se oppõe á vontade de Deus. Sede bons com todos; procedei de modo, que o pobre se estime mais a seus proprios olhos, e evitareis assim que se avilte. Se a fortuna vos favorece, não deixeis por isso de ser attentos para com os vossos inferiores: elles vô-lo agradecerão; porque costumados ao insolente desprezo de tantos néscios, que fundão nas suas riquezas o direito de tratarem com orgulho a toda a gente, julgarão que é generosidade vossa, querer-vos-hão bem, e a prática de uma simples regra de boa moral vos grangeará amigos. — Quando vos achardes em companhia de vossos iguaes, tende cuidado em não ofender o amor proprio de nenhum: ás vezes uma graça pezada pode ter muito máos resultados: para prova disto ouvi o caso seguinte. Havia um môço, que cantava muito mal, porém ao menos costumava uunca cantar em algum ajuntamento. Outro, que desajava mortifical-o, empenhou-se em o fazer cantar em uma companhia: Resistio cortêzmente quanto ponde; porém o outro insistio, louvando malignamente a sua supposta habilidade. Muitas pessoas reunirão as suas iustancias, julgando que deixava de cantar por pura modestia: Em fim o pobre môço cantou como ponde, e sahio deste apêrto com muito trabalho. O mofadôr ria-se até não poder mais; posto que não tardou muito que disse

se não arrependesse, pois no dia seguinte de manhã cêdo o môgo chasqueado foi visital-o com uma pistola carregada, e lhe disse : « Meu Senhor, hontem á noite V. m. fez-me cantar, agora eu o farei dançar, e quando não queira, lhe farei saltar os miolos fóra. » Não esperava o facêto por este cumprimento; mas como vio, que era de veras, quiz antes dançar, que morrer. Divulgou-se pelo povo este acontecimento, e por muito tempo não se atrevêo a sahir de casa, receoso de que o ridiculizassem. — Tende como regra segura o que agora vou dizer-vos : Se quereis viver em paz com todos, tolerai as faltas alheias, e não offendei nunca o amor proprio de pessoa alguma.

---

## TARDE VIII.

FAZER MAL AOS ANIMAES É SINAL DE MÁ  
CORAÇÃO.

*O Pai.* Esta tarde, meus filhos, acabaremos a parte correspondente á boa moral, fazendo-vos vêr, que não devem ser maltratados os animaes.

*Thiago.* Tambem isso é parte da boa moral humana?

*O Pai.* Não, meu filho : Pode qualquer ser homem de bem, e espancar um cão sem



motivo; porêm em tal caso dará uma prova de pouca sensibilidade. Os animaes são entes organizados, como nós, tem seus prazeres e suas dores, e nós podemos fazel-os felizes, ou desgraçados.

*Emilio.* Assim é, meu Pai; pois quando dou pão, ou faço festa ao *Fiel*, vejo que se alegra e quer brincar comigo; e quando algum rapaz lhe dá pancadas, queixa-se, como qualquer pessoa, e anda muito triste.

*O Pai.* Por isso mesmo se não é devêr moral o não fazer *damno* aos animaes, ao menos é um devêr sentimental. Por outra parte, que bem pode resultar de ter feito padecer um pobre animal, que se acha inteiramente á nossa disposição? O que na infancia se habitua a atormentar os animaes, e se compraz de ouvir os seus gritos, costuma-se insensivelmente a ser depois cruel com os homens. Disto estavam tão convencidos os *Espartanos*, que tendo sido um môço accusado de divertir-se em arrancar os olhos aos passaros, foi condemnado á morte pelos magistrados; porque julgárão observar nelle um ser perigoso, o qual convinha fosse quanto antes destruido. Com effeito é necessario ter certa propensão para a ferocidade, para divertir-se em fazer padecer a um ente sensivel. Aqui neste livro, que hoje trouxe comigo, pode ler *Thiago* uma passagem, que me parece vos enterneccrá: tóma-o, e lê de vagar.

*Thiago lê o que se segue.*

Na estrada, que conduz de Morges a Iverdun, onde eu hia a uma festa, encontrei um homem, cujo traje, segundo pude divisar ao primeiro alvôr da manhã, dava bem a conhecer a sua pobreza, da qual apartão a vista muitos homens, por não cahir na tentação de fazer uma obra boa; e que outros muitos desprezão, porque não sabem descobrir o mérito, que frequentes vezes debaixo della se occulta. — A cara deste homem prevenio-me em seu favor: um carneiro o seguia. « Bom amigo, lhe disse eu, vem V. m. de Morges? » — Sim, Senhor, eu era ali carniccioiro. » — E porque razio vai V. m. para outra parte? » — Ah! Senhor, este carneiro, . . . — Um tal principio avivou a minha curiosidade, e roguei-lhe que me contasse a sua historia, o que elle fêz pelo modo seguinte: — Nasci de pais pobres, e contra a minha inclinação fui obrigado a abraçar o officio de carniccioiro; como de seis irmãos que eramos, nenhum tinha jamais desobedeido ás ordens de meu pai, eu não queria ser o primeiro. Em quanto meu pai viveo, cumpri exunctamente o meu devêr, e sempre o teria cumprido, a não ser que meu amo exigisse de mim demasias. No rebanho, que eu guardava, tomei affeição a um carneiro, e

elle tambem m'a tinha : (Ao chegar aqui, dèo duas palmadinhas na espádua do animal, que o acompanhava, como querendo dizer, *E este* : O carneiro levantou affavelmente a cabeça para fitar os olhos em seu dôno, e lhe lambêo as mãos de modo, que parecia dizer-lhe, *Sou eu.*) Seguia-me a todns as partes, e me servia de amigo : dava-lhe metade do meu pão, e nisto achava mais gosto, do que em o comer : era tão bom o pobre animal, que julgo V. m. teria feito tambem o mesmo. Assim que, quando havia mister de conduzir alguma rêz ao matadouro, nunca eu o escolhia para matal-o. O rebanho foi pouco a pouco diminuindo, até que, não obstante os meus rógos, meu amo quiz obligar-me a matar o meu carneiro : Tratei de obedecer-lhe, porém todas as vezes que chegava a faca ao seu pescoço, o pobre animal olhava para mim com certo ar . . . Parecia lançar-me em rosto a minha crueldade, depois lambia-me : saltarão-me as lagrimas pelos olhos fóra, e a faca me cahio das mãos. Ultimamente disse a meu amo, que antes me deixaria degolar, do que commetteria tal assassínio. Irritou-se, ouvindo isto, e deo-me os nomes de tunante, de miseravel. . . . Talvez que eu não obrasse bem ; porém era levado da affeição, que tinha ao animalinho. Meu amo despedio-me do seu serviço : com o dinheiro, que havia ganhado, tive o que era bastante para comprar o meu carneiro. Sou bem pobre (acrescentou, afugando-o), mas

não me queixo de ti : repartirei contigo o pão de meu escasso alimento (1).

*Emilio.* Que historia tão bonita! Devião lèl-a todos os homens crueis, que dão a morte aos pobres animaes.

O *Pai.* Modéra, meu filho, o teu excêssô de sensibilidade. Devemos sem duvida abster-nos de fazer todo o mal aos animaes; porém, quando se tratar de satisfazer ás nossas necessidades, não é crueldade o mata-los; a mesma Natureza o autorisa: Mas, se sômos obrigados, para manter-nos, a matar o bôi, o peru, o pôrco e outros mil innocentes animaes, devemos abster-nos de fazel-os padecer inutilmente. Ha em Inglaterra uma lei, que prohibe o maltratar sem causa aos animaes, e carregar os cavallos mais, do que podem facilmente levar: esta lei é digna de homens philanthropicos e illustrados (2). —

(1) Extracto do *Viajante Sentimental* por Verne de Genebra.

(2) Mr. Ricardo Martin, membro do Parlamento Inglez por Galway em Irlanda, homem generoso e cheio de humanidade, tendo observado o rigôr excessivo com que muitas pessoas tratavão os animaes, propôz um *bill* na lei, que passou nas duas Camaras, pela qual sãõ autorisados os magistrados, para poderem castigar aos que sem razão plausivel maltratão os animaes domesticos. O mesmo Cavalheiro, levado de um zelo philanthropico envia pessoas de toda sua confiança aos mercados de gado, para observarem se sãõ tratados brutalmente os hõis cavallus, &c.; e custuma apresentar-se nos Tribunars de policia a delatar os que infringem a lei. Algumas vzes tem pago da sua bolça a multa, em que foi condemnado algum cocheiro. O seu in-

Deus deo-nos a precuninencia sobre todos os sêres , que habitão na Terra commoço , e tem feito que a nossa existencia dependa até certo ponto da morte de uma multidão de creaturas ; porém pôz tambem em nossos corações a sensibilidade , que nos prohibe o abuso deste direito. Aquelle , sobre quem não tem poder a sensibilidade ; aquelle que despreza a voz da Natureza , que fala ao seu coração , para mandar-lho que seja humano , ainda quando a necessidade o obriga á des-humanidade ; esse obra contra a vontade do Autor da Natureza : Não pode ser de todo innocente , não pode ficar satisfeito com a sua brutalidade ; e se a sua consciencia o condemna , é culpavel. — E' isto , meus filhos , tudo quanto se me offerece dizer-vos ácerca da boa moral. Já sabeis quaes são as bases fundamentaes della. Amanhã falaremos da Virtude. Ide agora brincar um pouco.

---

tento não é que se castiguem , senão que a lei seja observada , e que o povo saiba que está obrigado a observá-la. — Feliz a Nação , onde ha cidadãos tão zelozos , e onde os proprios animaes estão protegidos dos insultos e dos mãos tratamentos da canalha,

PARTE SEGUNDA.

DA VIRTUDE.

TARDE IX.

*Emílio.* Meu Pai, acabo de fazer uma coisa, que me parece boa.

*O Pai.* E que é o que fizeste, meu amigo?

*Emílio.* Toda a noite passada estive pensando no que V. m. nos contou hontem á tarde; e parecendo-me, que o canario, que estava na gaiola, soffreria muito em ver os outros passarinhos em liberdade; abri-lhe a porta, e elle foi-se voando. Fiz bem, meu Pai?

*O Pai.* Não, meu filho, e eu te direi porque. Primeiramente devias consultar comigo; pois o pássaro não era teu, e não podias saber, se eu teria gosto em dar-lhe a liberdade. Em segundo lugar, bem longe de haveres feito um beneficio ao passarinho, talvez tenhas causado a sua desgraça: Deves saber, que os canarios não estão costumados a viver em liberdade, como os outros pássaros; não conhecem os perigos, que os rodêão, nem por consequente sabem evital-os; não sabem igual-

mente achar o alimento, que lhes convêm, nem fazer seus ninhos: Em fim obraste bem, consultando a tua sensibilidade, e o teu coração; porém mal por falta de experiencia. Mas isto pouco importa; talvez que o canario volte a casa, depois de haver observado, que não passa bem fóra della; e será por isso bom, que vás pôr a gaiola na varanda, com a portinha aberta.

*Thiago.* Bem lhe dizia eu, que o não fizesse; porém elle insistio em sustentar, que era melhor dar liberdade ao canario.

*O Pai.* Esta tarde, meus filhos, examinaremos o que é *Virtude*, e o que deve fazer o homem para adquirir o bello titulo de *virtuoso*. Lembra-te, *Thiago*, do que eu disse da *Virtude* na primeira tarde, que aqui nos reunimos para tratar destas cousas?

*Thiago.* Sim, Senhor: V. m. disse-nos então, meu querido *Pai*, que a *Virtude* consistia em fazer gratuitamente, e ás vezes contra o proprio interesse, uma cousa util aos nossos semelhantes; ou em fazer sacrificios generosos, sem esperar que nól-os recompensem.

*O Pai.* Vejo, que tens memoria, e que escutas com attenção o que digo. A palavra *Virtude*, que significa *força*, *valor*, dá-nos a entender que se precisa de bastante animo para praticar o bem contra o nosso proprio interesse. Qual te parece mais bello, *Thiago*, seguir os preceitos da *Virtude*, ou os da *Boa Moral*?

*Thiago.* Cumprir os preceitos da Boa Moral é o mesmo que pagar uma divida; quero dizer, que é obrigação nossa o sermos bons. Ser virtuoso é obrar generosamente; e parece-me, que é cousa mais bella praticar o bem só pelo mesmo bem, do que por outro qualquer motivo menos desinteressado.

*O Pai.* Segundo isso, na tua opinião vale mais a Virtude para a felicidade do género humano, do que a simples Boa Moral?

*Thiago.* A mim assim me parece.

*O Pai.* E se eu te disser, que a Boa Moral é mais util, que dirás?

*Thiago.* Em tal caso destruiria V. m. em mim o mais bella affecto, que me tem inspirado.

*O Pai.* Não te afflijas, meu amigo: eu não destruirei os bons sentimentos de teu coração, tratarei sómente de rectificar as tuas idéas. A Boa Moral é a base de todo o bem, que se faz no Mundo: Eu consagro-vos hoje todos meus desvelos, meus dias, minha ternura; iguaes beneficios recebi de meus respeitaveis Pais; vós fareis o mesmo a vossos filhos: pago uma divida preciosa, que vós tambem pagareis, quando vos chegar a vossa vèz. Abstendes-vos de fazer mal, para que vól-o não fação; dai, porque tendes necessidade de receber; taes são as leis do Mundo. E em que viria a parar o genero humano, se estas leis fossem desprezadas? Não baveria nelle cousa com cousa. Se pelo contrario todos os homens as respeitassem com a mais



escrupulosa fidelidade, a Terra se converteria em uma morada de innocencia. Vede quaes são pois os beneficios da Boa Moral: a Virtude é o seu complemento; dá mais realce á gloria do homem, e á dita do genero humano. — Não penseis por isto, que trato de encolhêr vossas almas, dispensando-vos de fazer todo o bem, que podêrdes: Pelo contrario façamos quanto, e quanto podêrmos, sem receio de passar alem dos limites de nossos deveras. — Vejamos agora, meus filhos, quaes são as principaes virtudes do homem. — Na frente de todas ellas porei a de *sacrificar-se por seus semelhantes*: deste sentimento generoso, que faz nos esqueçamos de nós por causa dos outros, é que se deriva todo o bem, que fazemos. — Falar-vos-hei em segundo logar de uma virtude, cuja prática suppõe ainda mais valor, do que o de sacrificar-se pelo bem alheio: é a *de fazer bem a quem nos tem feito mal*. — Concluirei finalmente esta parte, dizendo-vos alguma coisa das *virtudes pessoais*, isto é, das que só tem relação com o nosso proprio individuo.

SACRIFICAR-SE POR SEUS SIMILHANTES.

O Pai. Dize-me, Emilio, que entendes tu por *sacrificar-se a quem por seus semelhantes*?

Emilio. Isto quer dizer, segundo entendo, que o homem verdadeiramente virtuoso expõe seus bens e a sua vida, no caso que os seus semelhantes precisem dos seus servigos.

*O Pai.* É que ordem deve observar-se nestes sacrificios generosos?

*Emilio.* Conforme a V. m. tenho ouvido em outras occasiões, os parentes devem ser preferidos aos estranhos.

*O Pai.* Estabelegamos algum methodo no que vamos dizendo. Assentemos como principio geral, que todos nos devemos a todos nossos similitantes; porém em circumstancias de igual apuro, principalmente deveino-nos á nossa familia, depois á Patria, e por ultimo aos estranhos.

*Emilio.* Parece-me isso muito natural; pois se eu não tivesse mais que um pedaço de pão, e soubesse que V. m. se achava na mais extrema indigencia, tendo eu bastante virtude para preferir a vida de outrem á minha, daria a V. m., meu querido Pai, o meu unico alimento, antes do que a um estranho.

*O Pai.* Isso mesmo faria um Pai por seus filhos.

*Thiago.* Conte V. m., meu Pai, aquelle caso tão bom de um Pai de familias.

*O Pai.* Visto que tu o sabes, porque não nól-o contas?

*Thiago.* Porque eu não saberei dizel-o tão bem, como V. m. Agora ouvirás, Emilio, como um Pai se sacrifica por seus filhos.

*O Pai.* Havia um pobre homem, chamado Pascual, que ganhava a sua vida á fôrça de trabalhar, e que tinha para mantêr sua mulher e quatro filhos. Era um peso enorme; porém em quanto poude cobrir as suas des-

pezis com o que ganhava, não se queixou, porque o não mortificavão as suas fadigas, mas sómente as necessidades da sua familia. O Pobre Pascual ganhava tão pouco, que ás vezes privava-se do alimento necessario, para o dar a seus filhos : elle só era quem soffria tudo com um valor superior aos seus trabalhos. — Isto não obstante, apesar de todo o seu cuidado e vigílias, e da obstinação, com que combatia a sua triste sorte, Pascual vio-se assaltado da mais terrivel miseria : sua mulher e seus filhos começarão a sentir fome, e a pedir pão com as lagrimas nos olhos. Pascual, vencendo a vergonha, que ha para implorar o soccôrro dos que vão passando, dos desconhecidos que fazem pouco caso, o desgraçado Pascual sihe de sua casa, e com voz timida e as faces banhadas em lagrimas, pede que se sirvão de aliviar a sua miseria. Nem ouvirão sua voz, nem as suas lagrimas forão vistas. Se alguem lhe dava alguma cousa, era tão pouco, que a sua familia não podia com isso satisfazer a necessidade mais urgente da vida. — Desesperado Pascual corre pelas ruas, encontra-se com um seu compauheiro tão pobre, como elle, e lhe diz : « Estou perdido ; ha vinte e quatro horas que minha mulher e meus filhos não tem comido cousa alguma . . . não sei o que hei de fazer . . . estou deliberado a matar-me. » — Meu amigo, lhe disse o outro penetrado da sua situação, toma esses quatro quartos (um vintem), que é quanto posso dar-te : porém, se

quizeres ganhar a vida, eu te ensinarei um meio. = « Farei tudo, quanto me disseres, com tanto que não seja contra a probidade. » = Vai a casa de Pulano, que anda aprendendo a sangradôr, e é provavel que te dê algum dinheiro por ensaiar-se no teu braço. = Pascual vai correndo à casa india-da, sangra-o no, páção-lhe : sabe, que em outra casa fazem o mesmo, corre a ella, e faz-se sangrar no outro braço. Cheio de jubilo este homem respeitavel, compra pão, volta sem a mais pequena demora para sua casa, e reparte-o com sua mulher e com seus filhos : « Que é isto, meu Pai? Porque vos fizestes sangrar? » Lhe perguntão seus filhos, e sua mulher. = Meus filhos, querida mulher, (lhes responde o Pai com os olhos arrazados de lagrimas, e abraçando-os estreitamente) foi . . . foi para comprar-vos pão. »

*Emílio.* É um caso mui terno : muito me afflige ouvir cousas tão tristes. Se de minha dependesse, não haveria desgraçados no Mundo.

*O Pai.* Dize me agora, Thiago, em que consiste o *Amor da Patria?*

*Thiago.* Em preferir o interesse da Patria ao de qualquer particular; e em dar a vida por ella, quando seja necessario.

*O Pai.* Muito bem : Logo quando um Principe, um General, um Magistrado sacrificão todo o seu tempo, os seus bens, e ainda a sua saude á felicidade geral, pode dizer-se que são homens verdadeiramente virtuosos. —

O Cidadão, que faz á sua custa alguma obra publica, como uma estrada real, um canal &c ; ou funda um hospital, uma casa de educação, &c., dá provas do seu amor á Patria. — Finalmente o militar é o que mais faz, e a quem regularmente se dão menores agradecimentos; pois se expõe a perder a vida pela conservação das leis do seu paiz, e para livrar os seus concidadãos da escravidão estrangeira.

*Thiago.* Meu Paí, que é o que se entende por ser traidor á Patria?

O *Pai.* É traidor á Patria o Cidadão, que a offende com animo deliberado, qualquer que seja o motivo que o instigue a uma acção tão vil. O Conde D. Julião, que facilitou a entrada da Hespanha aos Mouros em vingança de uma injuria, que lhe fêz el-Rei, foi um traidor á Patria: Fernando de Magalhães, que abriu a Carlos V. um novo caminho para a conquista e para o commercio das Molucas, descobrimento Portuguez, só porque el-Rei D. Manoel lhe não recompensou, como elle pretendia, os seus serviços na India, foi um traidor a Portugal sua Patria: O que entrega ao inimigo uma fortaleza, um exercito, um navio de guerra, sem ter feito antes a devida defensão; o que revêla os planos, os projectos, e facilita ao adversario uma victoria, ou seja por interesse, e por pique de não ser attendido, ou bem pago, ou por espirito de vingança, é um traidor, que merece a execração universal,

e que ainda do proprio inimigo, a quem serve, é desprezado e detestado; Tambem é traidor o General, que sem a competente autorisação do seu Governo entra em ajustes com o inimigo sobre a sorte futura de toda a Nação.

*Thiago.* É se a Patria desterra injustamente a um homem, como dizem acontece frequentes vezes, é-lhe permittido em tal caso o vingar-se della?

*O Pai.* Não. O que assim obra, não sabe o que é Virtude, não tem idèa do que é grandeza d'alma: é um miseravel, um homem vingativo, que ao seu ressentimento sacrifica seus Pais, seus filhos, seus amigos, seus concidãos, a massa geral da Nação, que é o que compõe a Patria. Se houve em Roma um Coriolão, que resentido por ver-se desterrado pelo povo, se unio aos inimigos da sua Patria para escravizal-a, ainda que no lance decisivo cedèu aos rogos e lagrimas de sua Mãe; tambem houve um Camillo, que soube sair do seu desterro para abatêr o orgulho de Brènno, a tempo que este havia reduzido Roma à ultima extremidade. Themistocles preferio o envelhar-se a marchar contra Athenas na frente do exercito do mesmo Rei, que lhe tinha dado acolhimento em sua Côrte, quando para ella se refugion, fugindo dos Athenienses (1). Muitissimos Gregos e Romanos houve, para os quacs a Patria

---

(1) Creon, Rei de Thebas, prohibio que se dèsse sepultura ao cadaver de seu sobrinho Polinice, por haver

foi injusta e ingrata, e todavia nunca mancharão a sua honra. Mas não penseis que todas estas virtudes generosas foram patrimonio exclusivo da antiguidade; a nossa historia e a de outros povos modernos apresenta a cada passo rasgos não menos nobres, do que os referidos por Tito Livio, Cornelio Nepote, e Plutarcho. — Para exemplo bastarão por agora os seguintes. Não obstante o máo tratamento dado por el-Rei ao Cid Campeador, a esse Hespanhol invicto, e haver sido por elle desterrado injustamente; na sua alma heroica não se aninha o rancôr, sua vingança consiste em fazer guerra aos Mouros, para apresentar aos pés do Monarcha ingrato as coroas, que a sua invencivel mão tinha conquistado, sabendo do desterro não por vontade do seu Rei, mas estimulado pelo seu valor, pelo seu amor á Patria, e por tudo quanto é grande e magnanimo. — Thiago, neste livrinho, que hoje trouxe, lerás tambem em numerosos versos do grande Poeta Portuguez Luiz de Camões um exemplo de honrado patriotismo mal recompensado, e todavia nunca desinentido, que o nosso visinho Portugal offerece ao Mundo para ser admirado e imitado na pessoa do seu famosissimo Duarte Pacheco.

(O Pai, abrindo e folheando o livro, o entrega depois a Thiago, o qual lê o seguinte.)

---

vindo este com um exercito estrangeiro para expulsar a seu irmão Eteocle do throno, que lhe tinha usurpado.

E canta como lá se embarcaria  
 Em Belem o remedio deste dano,  
 Sem saber o que em si ao mar traria,  
 O gran Pacheco, Achilles Lusitano:  
 O peso sentirão, quando entraria,  
 O curvo lenho, e o fervido Oceano,  
 Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,  
 Contra sua natureza se metterem.

Mas ja chegado aos fins Orientaes,  
 E deixado, em ajuda do gentio  
 Rei de Cochim, com poucos naturaes  
 Nos braços do salgado e curvo rio,  
 Desbaratará os Naires infernaes  
 No passo Cambalão, tornando frio  
 De espanto o ardor immenso do Oriente,  
 Que verá tanto obrar tão pouca gente.

Chamará o Samorim mais gente nova;  
 Virão Reis de Bipur, e de Tanor,  
 Das serras de Narsinga, que alta prova  
 Fstarão promettendo a seu senhor:  
 Fará que todo o Naire em fim se mova,  
 Que entre Calcut jaz, e Cananor,  
 D'ambas as leis ímigas, para a guerra,  
 Mouros por mar, Gentios pela terra.

E, todos outra vêz desbaratando  
 Por terra e mar o gran Pacheco ousado,  
 A grande multidão, que irá matando,  
 A todo o Malabar terá admirado:



Commetterá outra vèz, não dilatando,  
 O Gentio os combates apressado,  
 Injuriando os seus, fazendo votos  
 Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.

Ja não defenderá sómente os passos,  
 Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas:  
 Acceso de ira o câo, não vendo lassos  
 Aquelles que as cidades fazem rasas,  
 Pará que os seus, de vida pouco escassos,  
 Commettam o Pacheco, que tem asas,  
 Por dous passos n'hum tempo; mas voando  
 D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

Virá alli o Samorim; porque em pessoa  
 Veja a batalha, e os seus esforce e anime;  
 Mas hum tiro, que com zonido vòa,  
 De sangue o tingirá no andor sublime:  
 Ja não verá remedio, ou manha boa,  
 Nem força, que o Pacheco muito estime;  
 Inventará traigões, e vãos venenos,  
 Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

Que tornará a vèz septíma, cantava,  
 Pelcijar com o invicto e forte Luso,  
 A quem nenhum trabalho péza, e aggrava,  
 Mas com tudo este só o fará confuso:  
 Trará para a batalha horrenda e brava  
 Máchinas de madeiros fóra de uso,  
 Para lhe abalroar as caravelas;  
 Que atéllí vão lhe fóra commettel-as.

Pela água levará serras de fogo,  
 Para abraçar-lhe quanta armada tenha;  
 Mas a militar arte, e engenho logo  
 Fará ser vã a braveza, com que venha.  
 Nenhum claro barão no marcio jogo,  
 Que nas azas da fama se sustenha,  
 Chega a este, que a palma a todos toma,  
 E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

Porque tantas batalhas sustentadas  
 Com muito pouco mais de cem soldados,  
 Com tantas manhas, e artes inventadas,  
 Tantos cães não imbelles profligados;  
 Ou parecerão fabulas sonhadas,  
 Ou que os celestes córos invocados  
 Descerão a ajudal-o, e lhe darão  
 Esforço, força, ardil e coração.

Aquelle que nos campos Marathonios  
 O gran poder de Dário estrue e rende;  
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
 O passo de Thermopylas defende;  
 Nem o mancebo Cócles dos Ausonios,  
 Que com todo o poder Tusco contende  
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio,  
 Foi, como este, na guerra forte e sabio.

Mas neste passo a nympa o som canoro  
 Abaixando, fêz ronco e entristecido,  
 Cantando em baixa voz, envolta em choro,  
 O grande esforço mal agradecido.

O' Belizario, disse, que no coro  
 Das Musas serás sempre engrandecido,  
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,  
 Aqui tens com quem podes consolar-te.

Aqui tens companheiro assi nos feitos,  
 Como no galardão injusto e duro;  
 Em ti, e nelle veretnos altos peitos  
 A baixo estado vir, humilde e escuro:  
 Morrer nos hospitaes em pobres leitos,  
 Os que ao Rei, e á lei servem de muro!  
 Isto fazem os Reis, cuja vontade  
 Manda mais, que a justiça, e que a verdade:

Isto fazem os Reis, quando embebidos  
 N'humã apparencia branda, que os contenta,  
 Dão os premios, de Aiáce merecidos,  
 A' lingua vã de Ulysses fraudulenta:  
 Mas vingo-me, que os bens mal repartidos  
 Por quem só doces sombras apresenta,  
 Se não os dão a sabios cavalleiros,  
 Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado  
 Hum tal vassallo, ó Rei, só nisto unico,  
 Se não és para dar-lhe honroso estado,  
 He elle para dar-te hum reino rico:  
 Em quanto fór o mundo rodeado  
 Dos Apollineos raios, ou te fico,  
 Que elle seja entre a gente illustre e claro,  
 E tu nisso culpado por avaro.

( *Lusiadas*, Canto X. Est. 12, .. 25. )

Meus filhos, a Patria não morre : poderá o Governo ser máo, injusto, oppressôr ; porém quem assegura, que não possa substituir-o amanhã outro, que seja bom, justo e illustrado? E em tal caso como se arrancará das mãos do inimigo o que em um accêssô de raiva, de furor, ou de vingança lhe entregirão os traidores? Supponhamos que o Governador de Gibraltar sabe, que o Governo Inglêz trata de tirar-lhe o mando por capricho, ou para dal-o a um seu rival; supponhamos ainda mais, que trata de prendel-o, e de formar-lhe um processo crime : parece-vos que não seria um traidor, se elle entregasse a fortaleza aos Hespanhoes?

*Thiago.* Meu Pai, conte-nos V. m. algum caso, que nos faça ver o sacrificio de um militar Hespanhol.

*O Pai.* Centenares poderia contar-vos; pois a Nação Hespanhola não necessita de ir mendigar á historia das outras Nações exemplos sublimes de virtude. Os estrangeiros publicão debaixo de mil fórmas diversas suas gloriosas acções; nós executamol-as, sem cuidarmos muito de que a fama as publique. O caso, que vou referir-vos, foi-me contado pelo proprio General D. Francisco Espoz e Mina, cujas façanhas e virtudes militares em vão tem intentado denegrir a calumnia. — D. Manoel Salinas era Tenente de Hussares na guerra da independencia, que a Hespanha com admiravel constancia sustentou contra todo o poder de Napoleão. Achava-se em

Navarra ás ordens do intrepido D. Xavier Mina, sobrinho do citado General. Exasperados os Francezes ao verem, que este chefe lhes fazia uma guerra activa com um punhado de gente, e que com a rapidêz de seus movimentos zombava de todos seus planos para aprisional-o, ou para o matarem no campo da batalha; destacárião o General Panetier na frente de um esquadrão de lanceiros com o fim de o surprehender na Cidade de Corella, onde se achava. O General Francêz chegou á dita Cidade ao amanhecêr do dia 13 de Outubro de 1809; e em conformidade ás noticias exactas, que tinha, entrava por uma rua estreita em direcção ao quartel de Mina. O Tenente Salinas achava-se a cavallo na mesma rua : o seu silencio teria assegurado a sua propria vida, e a captura do seu Chefe, e dos seus compauheiros de armas; mas, preferindo a salvação destes á conservação da sua propria vida, sem vacillar um momento, desembainhou a espada, e com animo denodado acommettêo o esquadrão inimigo, gritando : *A's armas; temos presente o inimigo!* Salinas acabou heroicamente éntre as lanças dos Francezes, e sua alma vòu ao seio augusto da immortalidade a receber o premio de acção tão distincta.

*Thiago.* Que Official tão valente ! Que lástima, que tenha morrido tão cedo !

## TARDE X.

## DAS VIRTUDES PESSOAES.

*O Pai.* Vou esta tarde falar-vos das virtudes pessoas.

*Emilia.* Que se entende por virtudes pessoas?

*O Pai.* Os esforços, que faz um coração generoso para reprimir os desejos perniciosos, que nelle nascem. Parece á primeira vista que nossas paixões e vicios só a nós é que podem ser nocivos; porém ao mesmo tempo que nos depravão, são funestos a quantos nos rodêão. O glotão e o bêbado estragão a sua saude, e arruinão as suas familias: o prigueiro faz dobradamente sentir os effeitos do seu desleixo aos que devia sustentar com o seu trabalho, conduzindo-os assim á miseria. Temos ja visto em Alexandre Magno um effeito terrivel da colera, e do vinho. Todas nossas paixões chugão a ser temiveis, se as não reprimimos na sua origem: deve applicar-se constantemente a isto o nosso valor. Meus filhos, logo que advirtais em uma inclinação viciosa, suffocai-a sem compaixão: ai! daquelle, que trata com indulgencia os primeiros desejos viciosos, que o acaricião; pode estar bem certo, de que o conduzirão á perdição. Daqui procede muitas vezes o rigôr de

um Pai para com seus filhos ; descobre em alguns delles uma inclinação má, o principio de um vicio funesto ; e conhecendo que o filho não tratará de corrigir-se, por não prevêr as más consequencias, que pode ter, reprehende-o, e ainda mesmo castiga-o com mais ou menos rigor, conforme o exigem a malicia e a obstinação do filho ; e assim vem a conseguir que aquella tenra planta dê fructos proveitosos. — Vamos ver, querida Luizinha, se te lembras daquella pequena fábula, que te ensinei a semana passada.

*Luizinha.* Lembro-me, sim Senhor : E se eu a disser bem, dar-me-ha V. m. alguma coisa, meu Pai ?

*O Pai.* Se a disseres bem, presentear-te-hei Domingo, que é o dia de teus annos, com um vestidinho mui bonito ; e de mais disto, ensinar-te-hei outra fabulasinha.

*Luizinha.* Pois bem, ouça meu Pai a que eu ja sei.

## A VIDEIRA E O PODADOR.

### 1.

- « Ai ! não me firas tanto,  
 » Deixa-me mais um ramo ;  
 » Que eu te darei, meu amo,  
 » Colheita mui feliz.

### 2.

- » Não te move meu pranto ?  
 » Oh ! Deus, corre a vingar-me :  
 » Para assim maltratar-me,  
 » Que mal é o que eu te fiz ? »

3.

A vide assim dizia

Ao podadôr mesquinho :

Apiedou-se... a Deus, vinho!

Outro anno ja não dêo.

4.

Ao bem teus filhos guia,

Leitôr sabio e zelôzo;

Um Pai, por ser piedozo,

Que filhos não perdêo!

*A Mãe.* Bem, minha filha : mereces, que teu Pai te dê o que te promettêo.

*O Pai.* Ha uma virtude pessoul, mais util a quem a pratica, do que aos outros; e a qual devemos praticar com estnêro; porque nos conserva em a nossa dignidade.

*Thiago.* Que virtude é essa, meu Pai?

*O Pai.* É a paciencia nos males e desgraças inevitaveis. Aquelle que, ao primeiro mal, que sente, se lamenta e queixa da sua sorte, é um cobarde, que não reflecte, que neste mundo estamos expostos a soffrer a cada passo; e que estas queixas o aviltão, e não o curão. Aquelle que, perseguido da desgraça, não sabe supportar com resignação a sua sorte, não está longe de commettêr uma baixeza para mudar de situação. O valor, que se manifesta nos soffrimentos, ennobrece a nossa desgraça, e contribue para diminuir as penas, que a acompãhão.

*Emilio.* Saberá V. m. algum caso, que nos divirta, e que venha a proposito da materia, de que se está tratando?



· *O Pai.* Occórre-me justamente agora um.  
 — Contão de Abou-Hanisch, conhecido pelo *Sócrates dos Musulmanos*, que, tendo levado uma bofetada, disse a quem o insultou : « Poderia corresponder a esta injuria com outra injuria ; mas não quero ; poderia tambem accusar-te ao Califa ; porém não quero ser um delatôr ; poderia em minhas orações queixar-me a Deus do ultrage, que me tens feito ; porém livrar-me-hei de fazel-o ; em fim poderia pedir o ser vingado no Dia de Juizo ; mas não permitta Deus, que eu abrigue em mim taes pensamentos : Pelo contrario, se neste momento fôsse chegado tão terrível Dia, e se minhas supplicas fossem bem recebidas do Todo Poderoso, desejaria entrar contigo no Paraiso. » — Não faltarão homens, meus filhos, que vos digão, que esta alma pacifica, tranquilla e disposta a perdoar, era cobarde ; porque assim é que pensão os, que correndo sempre após a falsa gloria, não tem força, nem valor para imitarem a nobre acção d'aquelle philosopho Musulmano. — Outro philosopho, chamado Epictéto, debil do corpo, contrafeito e escravo de um homem ruim e malvado, costumava dizer : « Occupo o logar, que a Providencia me tem determinado ; mostrar-me queixoso, seria offendê-la » Para elle era sinal infallivel de que tinha coração corrompido, aquelle homem que aliviava as suas desgraças, vendo padecêr as mesmas aos outros. — Bem sei eu, que nem todas as almas são for-

madras de modo, que possam soffrer os males com a mesma resignação, com que os soube soffrer Epictéto; nem tambem exijo que elle seja imitado ao pé da letra: pois isto só pertence a certos sêres privilegiados. O que vos aconselho, é, que arrosteis as desgraças com firmeza, que vos não envileçais com inuteis queixas, e muito menos com accções reprehensíveis. —

Falemos agora de uma virtude superior a todas as mais, e que as realça em alto gráo; falo da *modestia*, meus filhos, dessa modestia, que consiste em praticar o bem só pelo prazer de havê-lo praticado. O que faz um beneficio só pelo gôsto de o publicar, é um orgulhoso sem delicadeza, que trata de humilhar a quem serve. O bem, que se faz por virtude, não é ruídozo, e o seu merecimento consiste no silencio. — Ouvi attentamente um caso, de que gostareis muito, e o qual deveis imitar todas as vezes, que vos fôr possível. — Montesquieu, fidalgo Francez, e autor de uma Obra immortal intitulada *O Espirito das Leis*, passeava um dia em Marseilha pela praia do mar. Um joven, chamado Roberto, estava em um bote, esperando que alguém nelle entrasse; Montesquieu entrou, e assentou-se; mas passado pouco tempo deo mostras de querer sahir do bote, pensando que Roberto não era o arráes, e dizendo, que, visto elle não parecia ser o dôno da embarcação, lia passar-se para outra. — « Senhor, este bote é meu, lhe disse o joven:

V. m. quer sair do porto? » — Não Senhor; porque apenas teremos uma hora de dia: De-sejava unicamente dar algumas voltas por este pôrto; a fim de desfrutar a frescura e belleza da tarde. Porém V. m. não dá mostras de ser maritimo. — « Não o sou effectivamente; e se me emprégo nisto, é só para ganhar alguma coisa nos Domingos e dias de Festa. » — Tão môço, e tão avaro! Em verdade isso diminue a afeiçoada impressio, que essa physionomia inspira. — « Ai! Senhor, se V. m. soubesse os motivos, por que desejo ganhar dinheiro, não ajuizaria tão mal de mim. » — Poderei ter-me equivocado; porém isso procede de V. m. se não ter explicado; Começemos a dar o nosso passeio, e conte-me V. m. a sua historia. —

« A minha desgraça, disse o joven, impellido o bote com os remos, consiste em achar-se meu Pai captivo, e em não poder eu resgatal-o. Com o dinheiro que ponde ajuntar, cumpriu um pequeno fardo de mercadorias, e embarcou-se para Esmirna; porém o navio foi tomado por um corsario, e levado a Tethio, onde elle se acha escravo com toda a tripulação: Podem mil duros pelo seu resgate; porém como meu Pai fizesse um esforço, para que a sua especulação mercantil fosse mais importante, estamos bem distantes de possuir aquella quantia. Minha Mãe, e minhas irmãs trabalham de dia e de noite, eu faço o mesmo em casa de meu Amo, que é um joalheiro, e aproveito os Domingos e

Festas do modo, que V. m. está vendo: Privamo-nos de quanto podemos, vivemos em uma habitação mui reduzida. A principio tratei de ir libertar meu Pai, pondo-me no seu logar: mas, quando hia a executar este projecto, não sei como minha Mãi o soube, e assegurou-me, que isso era impraticavel, e chimerico. » — E recebem Vv. mm. de quando em quando noticias de seu Pai? Sabe-se, quem é o seu Senhor em Tetuão, e como o trata? — « Seu Senhor é o que cuida nos jardins do Rei, e trata-o bem. » — E em Tetuão por que nome é elle conhecido? — « Pelo mesmo, que aqui tinha, de Roberto Laplace. » — Sinto infinito uma tal desgraça; porém atrevo-me a presagiar uma sorte digna dos bons sentimentos de toda sua familia, e a desejo sinceramente. Quando embarquei, desejava entregar-me um pouco à solidão; não me leve pois V. m. a mal, que me conserve em silencio. — Logo que anoiteceo, Roberto atracou o bote no cães; Montesquieu ao tempo de desembarcar entregou-lhe uma bolsa, e sem dar-lhe tempo para lhe agradecer, desaparecêo. O joven abriu a bolsa, e encontrou nella uns mil reales em oiro, e cousa de cem em prata (quarenta e quatro mil reis). Todas quantas diligencias fêz depois, para dar-lhe os agradecimentos, forão baldadas. — Passarão-se seis semanas, a familia trabalhava sem descanso para completar a somma, de que necessitava; eis que um dia á hora, em que todos estavam co-

mendo o triste alimento só necessário para viverem, vêm apparecer a seu Pai Roberto, vestido mui decentemente. A Mulher, e os filhos ficarão assombrados, e passado um momento, entregárão-se á mais viva alegria. O bom Pai começa a dar-lhes os agradecimentos pelos duzentos duros, que lhe haviam enviado, alem de ter-lhe pago o seu resgate; pelos vestidos, pelo frête e sustento durante a viagem; e não aelia expressões, com que exagere o amor e o zelo de toda a sua familia. — Ficão todos admirados: a Mãi julga, que tudo isto é devido a seu filho; conta ao Marido quanto elle tem feito: « Nós ja tinhamos alguma cousa mais de metade do dinheiro para o resgate, é de erer, que tenha encontrado amigos, que o tenham ajudado. » O Pai imagina, que se o filho não participou a sua Mãi o seu projecto, foi porque havia empregado algum meio deshonoroso; e estremece só com pensar, que o amor filial o tenha feito criminoso. « Socógue V. m., meu Pai, respondeo o joven, abraçando-o, não sou indigno do nome de filho, nem tão feliz que tenha podido restituir-lhe a liberdade. Lembra-se V. m., miuha Mãi, daquelle homem desconhecido, que me dêo a bolsa com dinheiro? Recordo-me muito bem de que me fêz muitas perguntas, e sem duvida é elle o nosso bemfeitor. Não descançarei, em quanto o não chegar a encontrar, e em quanto o não traga comigo, para que venha gozar do espectaculo dos seus beneficios. » Dito isto,

contou ao Pai tudo o que passára com o desconhecido. — Roberto, unido á sua familia; achou amigos, e soccôros: começou a trabalhar de nôvo, e no fim de dous annos ja tinha ganhado com que viver commodamente. Seu filho, passeando um dia pelo pôto, encontrou-se com o desconhecido, corre a elle, lança-se-lhe aos pés: « Oh! meu bemfeitor. . . » Fôrão estas as unicas palavras, que poudes proferir. Montesquieu pergunta-lhe a causa d'aquelle enthusiasmo. — « Como pode V. m. ignoral-a, Senhor? Não se recorda de Roberto, e da sua desgraçada familia, cujo Pai resgatou do captivo? » — — V. m. equivoca-se, meu amigo (responde o virtuoso Montesquieu, que não queria ser conhecido): ha muito poucos dias, que estou em Marsellia. — — « Não digo, que assim não seja; porém ha vinte e seis mezes, que V. m. tambem aqui esteve: lembra-se daquella tarde, em que o levei a passear pelo pôto, e das perguitas, que me fêz. V. m. é o libertador de meu Pai, o salvador de toda una familia, que nada deseja tanto, como conhecêr a V. m.: Venha comigo, e acabe de fazer-nos felizes com a sua presença. » — — Meu amigo, eu ja lhe disse, que V. m. se equivoca. — — « Não, Senhor, uão me equivoco; bem me lembro da sua cara, do som da sua voz; venha, Senhor, venha comigo. » Ao mesmo tempo pegava-lhe por um braço: o povo começava a ajantar-se; e Montesquieu, para desembaraçar-se d'elle, levantou a voz

com tom grave e firme, e disse : = Senhor, esta scena começa a ser algum tanto molesta ; o seu erro nasce sem duvida de eu ter pareenças com essa pessoa, que a V. m. fêz o favor, de que fala. = O joven insi-te, quer detê-lo; porém Montesquieu, fazendo alguma violencia, e reunindo todas suas forças para resistir á seducção do prazer delicioso, que se lhe offerece, foge, como uma sêta, por entre a multidão, e desaparece em um instante. — Nunca se teria sabido, quem fôra o autor de tão bella acção, a não ser o encontro entre os papeis de Montesquieu, depois da sua morte, de uma clareza de trinta mil reales (um conto e duzentos mil reis), que havia mandado a um negociante de Cádiz. Os seus herdeiros escreverão ao negociante, para saberem em que tinha sido empregada esta quantia; e a resposta foi = Em resgatar a um tal Roberto Laplace de Marselha, captivo em Tetuão. = — Só então é que se decifrou o enigma; e ainda que estava ja na sepultura o homem virtuoso, teve na Terra o premio do louvôr, que a nossa gratidão deve a todo o bem, que se faz : digo a *nossa gratidão*; porque, ainda que não seja a nós feito o favor, devemos estimar o autor de qualquer beneficio; pois o contrario seria uma indifferença criminosa.

## FAZER BEM POR MAL.

De todas as virtudes é esta, meus filhos, a mais nobre e difficil. Se tiverdes valor para fazer bem a quem vos tem feito mal, eu respondo por vós : todas as mais virtudes vos parecerão um brinco. E' esta a mais nobre vingança, e a unica permittida, que se pode tomar. O que assim obra, julga-se tão superior ao seu inimigo, que lhe é impossivel aborrecê-lo : e se o coração do contrario não está fechado inteiramente á virtude, não poderá deixar de tornar em si, e de abrigar tambem generosos sentimentos. Para que vos penetreis bem disto, vou contar-vos um Apólogo, no qual o fazer bem por mal tem um realce superior á probidade e humanidade. — Um Pai de familias, carregado de annos e de riquezas, quix repartir com tempo entre seus tres filhos os fructos do seu trabalho e industria. Depois de ter feito tres porções iguaes, e assinado a cada um a sua parte, apresentou um anel de diamantes de grande valôr, e promettêo dal-o áquelle, que melhor o soubesse merecer por alguma acção nobre e generosa, para a qual lhes marcou o termo de tres mezes. — Partirão os tres irmãos por caminhos diversos, e tendo voltado á casa paterna no fim do prazo estabelecido, contou o irmão mais velho a seu Pai o que se segne. — « Meu Pai, durante a minha ausencia uma pessoa estranha vio-se precisada a



depositar em meu poder todo o seu dinheiro : eu não lhe passei recibo, nem ella podia exhibir prova alguma legal, nem se quer o menor indício da confiança, que de mim havia feito : com tudo, passadas as circumstancias, que a obrigárão a confiar de mim o seu dinheiro, entreguei-lh'o tódo fielmente. Não tenho feito nisto uma cousa louvavel? = Tens feito, lhe respondeo o Pai, o que devias fazer; e deverias morrer de vergonha, se te houvessees comportado de outro modo; porque a probidade é um devêr : a tua acção não passa de ser justa, não chega a ser uma acção de generosidade. = O segundo filho defendeo a sua causa nestes termos : « Durante a minha viagem, passava eu pelas praias de um lago a tempo que nelle cahio um rapaz : hin quasi a afogar-se, eis que me arrojé á agna, e lhe salvei a vida á vista de todos os habitantes do pòvo, que podem testemunhar a verdade do facto. » = Obraste muito bem, interrompeo o Pai; mas não vejo nobreza na tua acção, o que nella encontro é humanidade. = Finalmente o irmão mais novo começou a falar, e disse : « Meu Pai, em consequencia de uma calumnia tive um inimigo, que me perseguia de morte : fugindo d'elle uma noite, encontrei-o a dormir á borda de um abismo, sem que elle o soubesse : Ao menor movimento, que tivesse feito, acordando, era infallivel que se precipitasse no fundo da caverna : a sua vida estava nas minhas mãos. Com tudo cheguei-

me a elle muito de vagar, acordei-o com as precauções convenientes, e o livretei do perigo, fazendo-lhe ver, que o não tinha offendido. »

— Ah! meu filho, exclamou o bom Pai, cheio de gôzo, e abraçando-o ternamente, ninguém pode disputar-te o anél; recébe-o. —

---

## PARTE TERCEIRA.

### DA URBANIDADE.

---

#### TARDE XI.

##### DA URBANIDADE EM GERAL.

*O Pai.* Estais ja inteirados dos deveres, que ao homem prescrevem a bôa Moral, e a Virtude; resta falar-vos das regras da Urbanidade, para saberdes comportar-vos na Sociedade conforme aos usos estabelecidos. O que vou ensinar-vos é a arte de fazer-vos agradaveis a todos: Para isto é preciso adoptar um modo de procedêr relativo á idade, á condição e á jerarchia, que o homem occupa na Sociedade, e conforme ás pessoas com quem convive.

*Thiago.* E é difficil de aprender tudo isso, que V. m. diz?

*O Pai.* Não : O, que require da parte dos jovens, é uma attenção continua ao modo de obrar das pessoas mais velhas na Sociedade; e logo com o uso e trato de pessoas bem educadas se adquirem insensivelmente as boas maneiras. Em mui poucas turdes vos instruirei de modo, que possais apresentar-vos em qualquer parte : e se praticardes estrictamente o, que vos digo, passareis por môços bem educados. O tempo será igualmente um bom mestre, que vos ensinará certas léves modificações, que tereis que fazer ás regras geraes, modificações dictadas pelas circumstancias, e sancionadas pelo uso das pessoas, que fazem autoridade.

*Emilho.* Meu Pai, não seria melhor, que cada um fizesse o que lhe parecesse, do que andar com cumprimentos?

*O Pai.* Não, meu filho : Um ajuntamento, onde todos fizessem o, que lhes dêsse na vontade, não offerceria muitos attractivos, e brevemente pareceria de homens selvagens. Esta pequena sujeição, que reciprocamente nos havemos imposto, não é, como se figura a alguns, que não tomão o trabalho de reflectir um pouco sobre as cousas, não é, digo, uma simples convenção, uma etiquêta inutil; é uma lei, que a necessidade tem creado; um resultado, que procede d'aquelle grande principio da Natureza = Faze a outrem o, que queres te fação a ti. = Com effeito se eu gósto, que me saudem com agrado : porque não hei de saudar os mais do mesmo modo? Quan-

do me abstenho de fazer alguma cousa, que possa offender áquelles, com quem me acho; não é para que os seus observem para comigo as mesmas atenções? Tal é a base, sôbre que se funda a Urbanidade.

*Emilio.* Porém, meu Pai, que resultaria, se um homem de bem, que fosse exacto em tudo o mais, faltasse ás leis da Urbanidade?

*O Pai.* Passaria por um homem ridiculo, ou por um grosseiro, conforme a natureza das faltas, que commettêsse. Suppõhamos, se todos usassem de chapéo redondo, que elle sahia á rua com um de tres bicos, não sendo militar, ou não tendo que vestir-se à Côrte: que se differençava no vestir, no andar, no saudar, &c. por um modo notavel comparativamente ao uso geral? Seria olhado como um extravagante, e tido por um ridiculo, expondo-se á mofa e ao escarneo dos imprudentes. Porém se o mesmo homem entrasse em uma Sala de visitas sem saudar pessoa alguma; se tomasse o primeiro assento, que achasse; se não tirasse o chapéo; se começasse a registrar todos os cantos; se não desse agradecimentos por algum beneficio, que lhe fizessem; chamar-lhe-hião homem grosseiro, mal criado, fugirião d'elle, e o tratarião com máo modo. Quanto mais natural, e melhor não é o accommodar-se cada um aos usos do tempo, e do paiz, em que vive?

*Thiago.* Porque diz V. m., meu Pai, segundo os usos do tempo, e do paiz, em que vive?

*O Pai.* Eu t'ò direi. Posto que nunca vá-  
 rié a obrigação de sermos civis, atenciosos e  
 cortezes com os mais; varia sim com o tempo  
 o modo de significar a nossa Urbanidade, e  
 este não é o mesmo em todos os paizes; Por  
 exemplo, offerecer vinho no mesmo cópo,  
 em que temos acabado de behèr, sem antes  
 o havermos lavado, seria em o nosso paiz  
 uma falta de civilidade; pois em verdade é  
 isso uma especie de pouco accio; com tudo  
 ha alguns districtos na Hollanda, onde se  
 contempla como uma cortezia, que faz o  
 dño da casa aos seus convidados, o apre-  
 sentar-lhes a bebida no mesmo vaso, em que  
 elle acaba de behèr; o não conformar-nos  
 em tal caso com este uso, seria cominettèr  
 una falta contra pessoas, que estão persua-  
 didas nos fazem com isso una pequena hon-  
 ra. Em todas estas consas, o que deve obser-  
 var-se, é a intenção, não o moda. Um In-  
 dio, que deseja dar a entender ao seu hóspe-  
 de, que o conta ja em o numero dos seus a-  
 migos, apresenta-lhe o cachimbo, depois de  
 laver, e outros varios fumado por elle: um  
 Europeo delicado recusaria levar á bõcca um  
 cachimbo, que tinha passado pelos beigos  
 sujos de uma quantidade de Selvagens: po-  
 rêm não é melhor fazer um esforço para ven-  
 cer uma pequena repugnancia, do que affli-  
 gir a um homem de bem, que me diz a seu  
 modo = Eu sou teu amigo? = Quando o ho-  
 mem pode excusar-se de fazer uma cousa,  
 sem mortificar pessoa alguma, faz bem; mas

se não ha escolha, é preciso que se sujeite ao uso estabelecido : pois, para dizer tudo de uma vez, a Urbanidade não consiste em praticar ceremonias, que nos agradão; mas em fazer as que agradão aos outros. — Não julgueis por isto, que trato de fazer-vos escravos da Urbanidade, que vos recomiendo; antes pelo contrario exhorto-vos a que não imiteis a certas pessoas, que andão sempre em cata de ceremonias, para com ellas enfastiar ao primeiro, que encontrão, a quera importunão e obrigão a responder-lhe a cada minuto = Viva V. m. muitos annos. = Pucs pessoas, que muito se págão de superfluidades, tornão-se ridiculas, pensando fazer-se com isto importantes. — Meus filhos, com tanto que sejais bons e benéficos, facilmente sabereis até que ponto deveis ser cortezes. Alem de que, tudo o mais, que ha a dizer sobre este ponto, pertence antes para o futuro, isto é, para quando os annos vos pozerem ao nível dos homens, e não ja para o tempo presente : Agora dependeis em certo modo de toda a gente, quero dizer, deveis ter todas as attentões possiveis com os mais; e ao passo que neste ponto nada se deve á vossa idade, vós deveis tudo aos que vos roldão. O que poderá convir-vos, quando tiverdes trinta annos, não vos convém presentemente : por isso tende cuidado em distinguir nas minhas instrucções o que é para o presente, do que é para o futuro.

## TARDE XII.

## DA HORA DE LEVANTAR DA CAMA.

*O Pai.* Costumado sempre a seguir ordem em tudo pelas ventagens, que traz consigo, agrada-me também o tratar com ordem os assumptos; pois não ha duvida, que a imaginação os recebe com gosto, e por conseguinte ficão impressos mais profundamente. Tudo quanto ha de mais principal, que tenho a dizer-vos ácerca da Urbanidade, compreheuder-se-ha em vinte e quatro horas, findas as quaes, torna a repetir-se a mesma tarefa de trabalho e de descanso. Começaremos pela hora de levantar da cama. —

*Emílio.* Meu Pai, V. m. sempre nos diz, que é bom madrugar; porém isso custa-me tanto, e sabe-me tão bem a cama.

*O Pai.* É porque és um prigueiro. Deves saber, que o costume de madrugar tem muitas ventagens. Primeiro que tudo, é util á saúde, desembaraça o entendimento, e faz alongar a vida: Daqui nasce o poder-se trabalhar mais tempo, e por consequencia augmentarem-se os bens da fortuna. Sête horas de sômnio bastão para os temperamentos ordinarios: Os que por hábito estão nove horas na cama, quando com sête terião tempo de sobejo para reparar suas forças, perdem

duas horas, e isto no decurso de um anno é ja de bastante consideração. Para que esta verdade vos seja palpavel, vou fazer uma supposição. — Supponhamos que Antonio e João tem vivido sessenta annos cada um: Antonio achou o meio de viver mais que João, e vêde como. Este ultimo deitava-se ás onze, e levantava-se ás dez da manhã; ao passo que Antonio lia para a cama ás dez, e sahia della ás cinco. Por este modo Antonio tinha um dia de dezasete horas, e João sómente de treze; estas quatro horas de differença fazião no fim do anno mil quatrocentas e sessenta horas, as quaes, repartidas por treze, numero de horas, de que se compunha o dia de João, dão cento e dôze dias, quasi um tẽrço do anno de mais para Antonio. Mas não ficão ainda aqui as ventagens: Figurai-vos, que começãrão a viver assim aos vinte annos; resulta que aos sessenta Antonio tinha ganhado, madrugando, quatro mil quatrocentos e oitenta dias, ou dôze annos e tres mezes. Reflecti tambem quanto mais dinheiro pode ganhar Antonio, se ambos tihão o mesmo officio, no qual os ganhos andassem na razão directa das horas de trabalho.

*Thiago.* E que devo fazer para saeudir de mim a priguiza, e para levantar-me de pressa?

*O Pai.* Saltar fóra da cama, logo que acordares, uma vez que seja hora de vestirte: Para isto convêm observar uma ordem



de vida regular nas horas de ir para a cama. — Occorre-me a este proposito fazer-vos as seguintes advertencias : Exige o decóro, que ninguem se vistá diante de outras pessoas, excepto nos casos em que os achaques, ou alguma enfermidade o exijão. Ha muitas pessoas ricas, que se fazem servir por algum criado, que para esse fim escolham, sem permittirem que os outros entrem neste serviço; è porém muito melhor vestir-se cada qual por si só, e sem ajuda de pessoa alguma. Quem se vir precizado a vestir-se em presença de alguém, deve tomar todas as precauções necessarias para não offender o pudôr : e se a conservação d'elle é util aos homens, nas mulheres è o que lhes serve de salvaguarda de outras muitas virtudes. A que faz pouco caso do pudôr, de préssa se habituará tambem a fazê-lo ainda menos de outros importantes deveres. Uma menina deve ser tão modesta estando sósinha, como diante de outras pessoas : deve respeitar-se a si mesma, e não se esquecer de que Deus está em toda a parte. O célebre naturalista Linnèo tinha estas palavras escriptas na porta do seu gabinete de estudo : = Conserva a tua vida innocente; porque Deus te está observando. = Nunca imiteis o exemplo de certos individuos, que, para se mostrarem gente de consideração, ou por uma néscia vaidade de fazer alarde da sua roupa, ou móveis internos, recebem de manhã visitas na cama, sem estarem doentes.

## DO TRAJE, E DA LIMPEZA.

*O Pai continúa.* Cada um deve trajar de modo que não cucontre a decencia, nem offenda a vista dos mais. Aquelle, a quem a fortuna não permite usar de vestidos de muito valor, pode arranjar os, que traz, do modo mais honesto, pode apresentar-se com limpeza; porque a agua pelo ordinario nada custa, e ainda que alguma cousa custasse, esse gasto seria indispensavel para conservarnos limpos. — Todos os dias, meus filhos, apenas sairdes da cama, deveis lavar a cara, os olhos, as mãos, as orelhas e a bocca: deveis pentear-vos com todo o cuidado, e cortar as unhas a miudo. Não deixeis passar muito tempo sem banhades todo o corpo, e sem vos esfregardes bem com uma toalha: deveis sobre tudo lavar os pés todas as vezes que o exija o estado, em que se acharem, particularmente no estio; para evitardeis que o suor e a transpiração formem uma crusta immunda, a qual com o calor interno exhala um fétido detestavel, capaz de provocar náusea no estomago mais forte. Os que nunca lavão os olhos, acabão por enfermar da vista. Os que nunca limpão a bocca, despedem de si um hálito pestifero, insupportavel, e de mais disto vem a apodrecer-lhe os dentes, os quaes lhes cahem antes da velhice, depois de haverem padecido agudas dores.

Sêde limpos, ainda que não seja senão pe-

Io respeito, que deveis ás pessoas, com quem tendes de tratar. Não sentis asco, quando algum individuo vos apresenta uma mão suja, ou quando vedes na sua cara indícios certos de falta de limpeza? Pois igual repugnancia, igual desgosto despertareis nos outros, se não andardes limpos.

Por nenhum motivo cocéis na cabeça, nem no nariz; esta ultima acção particularmente é mui repugnante e asquerosa: Tambem o é o roêr as unhas, como fazem as pessoas mal criadas. Não limpeis as orelhas com os dedos: não mettais a mão em parte alguma do vosso côrpo para vos coçar, quando estiverdes com gente, mais que tudo diante de Senhoras. Pelo decurso do dia lavai-vos todas as vezes que houverdes pegado em cousas cheias de pó, ou em materias engorduradas: no estio deveis fazer o mesmo por causa do suor e do pó; e no inverno, porque a fuligem, que cáhe das chaminés, e a cinza ennegrecem facilmente a cara e as mãos. — Pelo que acabei de vos dizer, não julgueis que trato de avezar-vos a passar muitas horas no toucador; isso só é bom para gente desoccupada, inutil, e mui satisfeita de si mesma: Pode em tudo haver excesso culpavel. Os vossos vestidos devem ser proprios da idade, e do estado, a que pertencerdes, evitando o singularizar-vos com alguma cousa extravagante ou ridicula. Toda a pessoa de juizo ségue neste particular a moda geralmente recebida. — Meus filhos, recommendo-vos enca-

recidamente a maior limpeza nos vossos vestidos, sem que ao mesmo tempo vos esqueçais do bom gosto, da simplicidade e da elegancia, que nelles devem reinar: porêm recommendo-vos igualmente, que não limiteis a isto só a vossa attenção; a fim de não assemelhar-vos a esses entes aviltados, conhecidos pelo nome de paravilhos. — Quanto á vossa irmã, ja isso é differente; o seu sexo precisa de agradar, e por essa razão está permitido ás mulheres o poderem empregar mais algum tempo no tocador: Ha com tudo desgraçadamente muitas mulheres, que passam alem dos limites desta permissão. Eu espero, que Luizinha receberá a seu tempo as instrucções convenientes de sua Mãe, e que aprenderá a conhecêr os seus interesses. As que só pensão em trajés, e se occupão todo um dia da ultima moda, raras vezes são mulheres uteis, nem são dignas do aprêço dos homens. Não é facil que se conservem por muito tempo innocentes aquellas, que tem um desejo desmedido de agradar; e em tal caso não é injustiça, o julgal-as com severidade. Na escolha dos trajés deve a mulher consultar a simplicidade; busquem adornos pomposos as, que desejão occultar debaixo delles os rigores da Natureza. Mulher, que corre após as modas extravagantes, é uma louca, que não sabe o que convém á belleza, nem á razão: É bem contempladas as cousas, que se pode esperar de uma pessoa, que não receia fazer-se ridicula? Não quero fa-

dar d'aquellas, que insultão o pudôr; pois umas taes não só se desprezão a si mesmas, porêm até cuidão pouco em respeitar os mais. —

Antes de dar fim ao nosso entretenimento, tôrno a recomendar-vos novamente a limpeza; por ser ella uma das qualidades mais importantes, que mais contribue para conservar a saude, e no bello sexo para realçar a formosura. Deve haver o mais escrupuloso acieio na preparação dos alimentos, na baxella e na roupa da mesa, nos quartos, nos moveis, em fim em tudo quanto é do nosso uso. A falta de acieio não só destroe a saude, mas deita a perder promptamente as cousas mais preciosas, como são roupas, tapêtes, e os móveis de enfeite e de commodidade. Os Legisladores antigos estavam de tal maneira persuadidos de que a limpeza é necessaria para a conservação da especie humana, que não julgãrão abater-se, fazendo leis relativas a este objecto.

Tende presente, meus filhos, que um homem desaliinhado no vestir aos vinte annos, será desacciado aos quarenta, e intoleravel aos cincoenta.

## TARDE XIII.

## RESPEITO AOS ANCIÃOS.

O *Pai*. A primeira cousa, que faz um joven bem educado depois de lavar-se, e de vestir-se, é levantar o coração a Deus, para lhe dar graças, conforme já vos disse na segunda tarde, que neste sitio começamos a reunir-nos. Immediatamente depois vai saber como tem passado a noite seus Pais, ou Superiores. Não penseis, meus filhos, que é isto um vão cumprimento; é o desejo, que tem um coração sensível de saber se as pessoas, que estima, gozão de boa saude.

O respeito devido aos Pais e Superiores, me traz à lembrança o que se deve aos anciãos. Meus filhos, honrai a Velhice, tolerai seus defeitos, e seus achaques: Zombar de um velho, somente porque o é, é insultar a Natureza. Quando encontrardes algum ancião, deveis saudal-o com respeito, e não com a leviandade, com que saudaríeis a um vosso igual. Em qualquer parte que vos encontréis, cedei aos anciãos o lugar de preferencia. Vejamos, Thiago, se te recordas d'aquele rasgo historico, que ha tempos te contei.

*Thiagò*. Uma cousa, que succedeo em Athenas, meu Pai?

*O Pai.* Sim : a tempo que os Embaixadores de Esparta estavam no Theatro.

*Thiago.* Depois de ter começado a representação, e quando não havia ja um só assento desoccupado, entrou no Theatro um bom velho, e não encontrando onde assentar-se, os jovens Athenienses, em vez de fazer-lhe logar, tomárão á sua conta o zombar delle, chamando-o, e enviando-o de uma para outra parte. Os Embaixadores de Esparta, que occupavão um logar distincto no espectaculo, tendo notado o que estava acontecendo, chamarão o pobre ancião, e apertando se um pouco, o accommodárão no meio de si. Agradeceo o velho esta demonstração de respeito, levantou a voz, e disse : « Os Athenienses tem sempre a virtude na bôcca, os Spartanos praticão-na. »

*O Pai.* Se vos achasseis em iguaes circunstancias, bem posso crêr, que não imitarieis os môços Athenienses.

*Eniño.* Não, meu Pai : A mim causão-me muita compaixão os que são mui velhinhos; por isso reparo, que todos os que me conhecem, me querem bem.

*O Pai.* Isso prova, que tens um bom coração. Se a morte nos não atalhar no meio da carreira, nós tambem chegaremos a ser velhos, e não gostaremos então, que môços estouvados e immoraes zombem das rugas da nossa cara, da nossa falta de cabello, da voz trémula, e de outros defeitos, que andão annexos á velhice. Um homem carregado de

anos, que tem cumprido bem os deveres da Sociedade, é um ente sagrado, um depósito de experiencia, aonde devemos acudir para saber como devemos dirigir-nos em os diversos accidentes da vida. O nosso poeta Erccilla faz-nos ver, com que respeito ouvião os ferozes Araucanos os conselhos, que lhes dava o velho Colbiolo, para manterem a independencia do seu paiz.

#### DA DOCILIDADE, E CONDESCENDENCIA.

Não vos direi, que sejais dóceis com vossos Pais; porque tenho o gosto de vêr, que observais escrupulosamente tão sagrada obrigação. Não obedecer aos Pais, é commetter duas faltas mui graves: a primeira ultraja a Natureza, a segunda é prejudicial a nós mesmos: Por isso que devemos tudo aos que nos tem dado a existencia, a sua vontade deve ser tambem a nossa: Quanto nos manlão, é para nosso bem; respeitemos por isso as suas ordens. — Se eu tivesse de falar a outros meninos, dir-lhes-hia: Obedeei a vossos Pais sem tardança e com ar alegre, para dardes mais realce á obediencia. Não ha cousa mais desagradavel, que um menino, que faz tudo de má vontade, e resmungando. Pelo contrario toda a gente gosta naturalmente dos meninos, cujo semblante risonho annuncia a sua boa vontade. As vantagens da docilidade são mui grandes para um menino: **escutai-me attentamente.** — Um menino dó-



cil é amado : o ser amado é uma grande dita, que merece fazamos mil esforços para conseguil-a. — Um menino dócil faz quanto está da sua parte para seguir os conselhos de seus Mestres : com isto chega a instruir-se facilmente, e a não ser castigado : consegue também o ver-se no andar do tempo mais estimado, do que uma porção de ignorantes, de prigueiros, e de obstinados desde a infancia — O menino dócil prepara para si um futuro próspero ; porque toda nossa vida é uma obediencia continua : hoje obedeceis a vossos Pais, e Mestres ; ánanhãa obedecereis aos vossos Superiores, a vossos devêres, ás circumstancias, e até a pessoas ; que nem sequer terão sido objecto de vossos pensamentos. Ninguem pode fazer sempre o que quer : Todos os homens, ainda os mesmos ricos, vivem dependentes uns dos outros. Se vos costumardes a obedecêr desde meninos, nada vos custará a obediencia, quando chegardes a ser grandes. — Se, como a cada passo está acontecendo, um revéz da fortuna vos põe em a necessidade de dedicar-vos a um trabalho desagradavel, para ganhardes o vosso sustento, não vos faltará o animo necessario em taes circumstancias, de tudo sabereis tirar partido, e sereis superiores á desgraça. Quão diversa será a sorte do homem, que na sua infancia foi obstinado, e só amigo de fazer a sua vontade ! Sempre descontente, sempre maldizendo a sua sorte, fará tudo mal, e incommodará a quantos o rodearem. — Não

basta nesta vida obedecer aos que tem imperio sôbre nós : a Urbanidade manda-nos, que sejamos condescendentes com as pessoas, com quem tratâmos. — Meus filhos, a vossa idade obriga-vos a cedêr aos mais : quando chegardes a ser homens, tereis direito para resistirdes, se o que de vós se exigir, não fôr justo. Em regra geral, cedei com agrado em cousas de pouca monta : é sinal de máo genio o querer ter sempre razão ; e como o que daqui resulta, é a mortificação do amor proprio dos outros, o que por fim vem a conseguir-se, é fazer-se um homem aborrecivel. Se vos vêdes 'na precisão de defender-vos, fazei-o com modestia, tranquillamente, e de modo que não offendais a ninguem. É interesse vosso o serdes amaveis ; porque deste modo chegareis a persuadir mais facilmente, e ainda a conseguir, que os outros confessem, que não tem razão. Um procedimento contrario serviria para exasperal-os mais, e para não tirar dahi proveito algum.

---

 TARDE XIV.

## REGRAS PARA A CONVERSAÇÃO.

*O Pai.* Os jóvens devem ouvir muito, e falar pouco, quando se achão entre homens já maduros; porque se suppõe, que sabem pouco, e que em qualquer materia, que falem, hão de dizer muitos disparates. Não parece bem, que estejam distraídos, nem que mostrem tédio á conversação: muito menos, que fação ruido com os pés, ou que fação compasso com os dedos sobre alguma mesa, cadeira, ou vidraça de alguma janela. Porém como algum dia ha de chegar, em que pela razão da idade tereis que fazer parte nas conversações, quero desde agora ensinar-vos as regras, que as pessoas bem educadas observão na conversação, considerando-vos já como homens feitos e acabados.

*Thiugo.* Bem, meu Pai: É visto, que não tardará muito que eu seja homem completo, assim irei aprendendo com tempo as regras da Urbanidade do mesmo modo que V. m. nos tem ensinado as da boa Moral, e da Virtude.

CONVEM OBSERVAR COM QUE PESSOAS ESTAMOS,  
ANTES DE FALAR MUITO.

*O Pai.* Antes de soltardes a lingua informai-vos dos genios das pessoas, com quem estais em Sociedade; porque em todas as partes abundão mais as cabeças desarranjadas, do que as de são juizo; e são mais as que merecem censura, do que as que gostão de ser censuradas. Se vos alargais no louvôr de alguma virtude, da qual notoriamente carece algum da Sociedade; ou se declamais contra algum vicio, de que enfêmão em demasia os que vos escutão, vossas reflexões, por geraes que sejam, e por mais que as não appliqueis a determinada pessoa, serão sempre havidas por satyricas. Mas se acontecer que vós sejais os ouvintes, não vos mostreis tão desconfiados e melindrosos, que penseis estão falando a vosso respeito.

CONTOS, E DIGRESSÕES.

Contai cõtos ou historiêtas raras vezes, e nunca sem que venhão muito a proposito, tendo cuidado em que sejam curtos: omitti toda a circumstancia, que não venha muito ao caso; e evitai as digressões, e sobre tudo o dizer a cada passo estais, ou outras expressões fastidiosas e enfadonhas: *Que me diz a isto? — V. m. percebe? — Não tenho razão? — Ah! &c.* Sobre tudo tende sempre

presente, que poucas pessoas ha, a quem se-ja dado o contar cõntos com graça; e ainda aquelles, que a tem, como disse facilmente se persuadem, péccão no extremo de interromperem a cada instante a conversação com um Cõnto, repetindo diante das mesmas pessoas algum dos que ja lhes havião contado.

#### SOBRE A ACÇÃO.

A acção deve ser mui natural. Pessoas ha, que se aproximão tanto d'aquella com quem falão, que a opprimem e molestão com os seus movimentos: umas vezes pégão-lhe na mão, outras travão-lhe do braço, ou agárrão-lhe em um botão da casaca, ou do colête, e comecção a dar-lhe voltas até chegar a arrancar-lho no decurso da conversação. Ha sujeitos, que, para serem ouvidos com toda a attenção, que exigem, vos dão repetidas cotoveladas, se ides com elles a passeio; e vos detêm a cada passo, puxando-vos pela casaca. Outros ha, que vos salpicão a cara com saliva, o que poderião evitar collocando-se em distancia conveniente. Observai tudo isto com cuidado, meus filhos, para não cahirdes em iguaes vícios.

#### FALADORES, E SEGREDISTAS.

Os faladores eternos cáhem sempre sôbre algum infeliz nas companhias para cochichar com elle, ou ao menos para atormental-o

em meia voz com uma torrente de palavras. Isto, alem de ser muito má criação, é uma verdadeira fraude; porque a conversação é uma propriedade commua, que se deve repartir entre todos os que se achão presentes. Sem embargo disto, se algum destes desapiadados faladores vos tomar à sua conta, ouvi-o com paciencia (ou com apparente attenção), se é digno de que se use com elle desta cortezia; pois nada ha, que mais possa agradar-lhe, do que um que o escute attentamente; e nada o mortificaria mais, do que o deixal-o no meio da sua narração, ou o manifestar symptomas de impaciencia, ou de incommodo. — Perguntou um grande falador ao famoso Isócrates, quanto lhe havia de levar por ensinal-o? O philosopho pedio-lhe o dôbro do que levava aos outros: « Porque, disse elle, não só tenho que ensinar-te a falar, senão tambem a contêr a tua lingua. » — Quando Catão de Útica era rapaz, houve quem lhe dissesse, que algumas pessoas censuravão o falar elle tão raras vezes, estando com outros: « Deixai-os, respondeo elle, que reprehendão o meu silencio, com tanto que approvem a minha vida: eu falarei, quando poder falar de modo, que mereça ser ouvido. »

**FALTA DE ATENÇÃO, QUANDO OUTRA PESSOA  
FALA.**

Não ha cousa, que mais desagrade, nem que menos se perdôe, do que a desatensão ao que alguém vos está dizendo. Tenho visto muitas pessoas, que, em quanto outra com ellas fala, em logar de ouvil-a com attenção, se entretêm em olhar para o tecto, ou para os adornos da sala, chegão-se á janella, brincão com o cão, ou com o gato, ou fazem rodar a caixa de tabaco por cima da mesa. Nada ha que descubra mais, do que isto, a futilidade e a má educação; pois equivale a uma declaração explicita da parte de quem assim procede, de que os objectos mais frivolos merecem mais a sua attenção, do que tudo quanto pode dizer-lhe o que lhe está falando. Isto começa por offender o amor proprio, o qual é inseparavel da natureza humana, qualquer que seja sua condição, ou jerarchia. É por isso que o vosso criado mais facilmente vos perdoará uma sóva de pão, do que o mais leve sinal de desprezo. Por tanto, todas as vezes que vos falarem, escutai com a maior attenção.

**NÃO SE DEVE INTERROMPER A QUEM FALA.**

Considéra-se como o gráo supremo de má criação, o interromper a quem está falando, ou seja pelo desejo de falar sôbre o mesmo

assumpto, ou, o que é peór, chamando a attenção dos circumstantes para um assumpto nôvo. Não ha rapaz, que ignore isto. Ao entrarinos em um ajuntamento, é melhor seguir o assumpto, que está servindo ja de objecto á conversação geral, do que introduzir outro de nôvo, não havendo motivo racional para isso. —

**NÃO OSTENTEIS DE SABIOS NAS COMPANHIAS.**

Desenvolvei o vosso sabêr sómente em occasiões particulares : reservai isto para os verdadeiros sabios ; e quando elles vos fizerem perguntas, fazei ver, que disputais mais por condescendencia, do que por um vão prurito de ostentar sabedoria. Assim ter-vos-hão por modestos, e por mais sabios, do que realmente sôis. Não queirais parecer mais sabios e instruidos, que os outros : Se fazeis gala do vosso saber, sereis perguntados com frequencia ; e se descobrem, que sôis superficiaes, ridiculizar-vos-hão, e vos desprezarão ; ou, quando muito, ter-vos-hão por pedantes. O verdadeiro mérito descobre-se por si mesmo.

**CONTRADIZEI COM URBANIDADE.**

Quando tenhais que oppôr-vos á opinião de alguém, fazei-o de modo que no vosso ar, nas vossas palavras e tom de voz se descubra compostura, nobreza e dignidade ; porêm de um modo facil, natural e não affectado. Em



logar de dizer : *V. m. não me entende ; V. m. equivooca-se ; não é assim ; que entende V. m. por isso ?* — empregai certos palliativos, como : *Posso enganar-me ; não estou bem certo, porêem penso ; eu seria de opinião ; talvez me não tenha explicado com clareza ;* — e outras frases, que vos ensinará o uso. Conclui a disputa com alguma expressão alegre ou de bom humôr para deixardes ver, que não estais enfadados, nem que a vossa intenção tem sido mortificar o vosso antagonista.

#### EVITAI AS DISPUTAS.

Evitai, quanto vos fôr possível, quando vos achardes de visita, ou em companhias, os argumentos e conversações polemicas, que as mais das vezes acabão por indispor por algum tempo as partes contendoras; e se a controversia se inflamar, e se augmentar o ruído, esforcgai-vos por cortal-a com algum chiste.

#### DISPUTAI SEMPRE COM MODERAÇÃO, E NÃO APOSTEIS.

Nunca os argumentos devem sustentar-se com rseandecencia, nem com gritarias, ainda quando julgarmos que temos razão. Manifestai a vossa opinião modesta e friamente; e se com isto nada conseguirdes, mudai de conversação, dizendo : « Vejo, que nos não convenceremos um ao outro, nem isso é ne-

cessario ; assim falemos de outra cousa. » Não sustenteis vossas opiniões com apostas ; nem as admittais , quando vos forem propostas por outros : porêem se alguma vez cahirdes nesta tentação , e perdêrdes a aposta ; pagai promptamente , e com cara alegre o que se houver estipulado : se ganhardes , não escarneçais do vosso contrario , nem lhe exijais o premio da vossa victoria , até que elle vól-o apresente ; que o fará sem delongas , se fôr homem de bôa educação.

#### OBSERVEM-SE AS PROPRIEDADES LOCAES.

Adverti que ha certas propriedades locaes , que devem ser observadas em todas as partes : quero dizer , o que em uma casa , ou reunião de pessoas é mui proprio e conveniente ; fóra dali , pôde ser mui improprio e indecoroso.

#### CHISTES, E AGUDEZAS.

Os chistes , as agudezas , que tem graça em certas reuniões de pessoas , frequentes vezes a perdem , quando ns queremos transplantar para outras. Certos genios particulares , certos costumes , e certos equivocos podem dar a uma palavra , ou gesto tal merecimento ; privado de cujas circumstancias accidentaes não fique valendo nada. Ha muitas pessoas , que sem pensarem nisto , contão com muita êmphase algumas cousas fóra de tempo e de logar ; e passão pela mortificação de

verem, que os que escutão, em vez de se ri-  
rem, como ellas pensavão, ficão serios, ou  
os tem por mentecaptos.

EGOISMO.

Evitai, meus filhos, tudo quanto fôr falar  
de vós mesmos. Alguns sem pretexto, nem  
ocasião, fazem *ex-abrupto* o seu proprio pa-  
negyrico, o que é uma impudencia manifes-  
ta. Outros hão-se mais artificialmente: for-  
jão accusações contra si, queixão-se de ca-  
lumnias, que nunca ouvirão; e a fim de jus-  
tificar-se, estendem-se largamente no catálo-  
go de suas muitas virtudes: « Confissão, que  
não é proprio o falar deste modo de suas  
proprias pessoas; e se vencem a natural re-  
pugnancia, que experimentão em se elogia-  
rem a si mesmos, é por haverem sido trata-  
dos injusta e escandalosamente. » Este ligeiro  
véo de modestia para encobrir a sua vaidade  
é transparente em demasia para poder  
occultal-a ainda áquelles, cuja penetração  
não é das maiores. — Não faltão alguns, que  
buscão outros modestos artilheiros para pôr-se  
em bom logar com uma humildade fingida,  
caracteres dignos da jocosa penna de Mora-  
tin (1). — Não imiteis tambem aquelles,  
que andão á caça de elogios; contão cousas  
de si mesmos, que, ainda dado que sejam

---

(1) Célebre escriptor cómico Hespanhol.

certas, não merecem justo louvor : Um affirmar, que corrêo trinta leguas em seis horas ; isso provavelmente é raentira, mas, ainda suppondo-o certo, que se infere d'aqui? que o tenhão por bom postilhão? Outro assegura talvêz com dous ou tres juramentos, que bebêo seis ou oito garrafas de vinho de uma assentada : fôra melhor tê-lo por embustreiro ; pois, sendo certo, deve ser considerado como um bruto : Varios se gabão de comprar as cousas baratas, ainda quando assim não seja ; para passarem por sujeitos entendidos : Outros de matar muita caça, quando sahem com espingarda ; e talvêz comprão a que outros matarão : Pessoas ha, que tudo tem previsto, tudo tem dito, ainda quando tenhão opiuando e dito tudo pelo contrario : Porém o mais insupportavel de tudo é ouvir a um louvar-se da sua nobreza, das suas honras, das suas riquezas, ou talvêz exaltar o seu proprio talento e valor, ou o dos seus antepassados. — O melhor meio de não cahir nestas extravagancias, é não falarmos nunca de nós mesmos ; e se alguma vez nos vírmos na precisão de o fazer, tenhamos cuidado em não deixarmos escapar alguma expressão, que possa ser interpretada como elogio proprio. Por mais que digamos, não é cousa facil o disfarçar os nossos defeitos, nem augmentar o brilho de nossas perfeições : pelo contrario, faremos sobresahir mais aquelles, e obscurecer mais estas ultimas. Se nos calarmos, desarmaremos a inveja, a indigna-

ção e o desejo de nos ridicularisarem ; de maneira que não poderão privar-nos dos louvores, que realmente merecemos : Se quizermos ser nossos proprios panegyristas, por maior que seja o cuidado que ponhamos em disfarçar-nos, faremos que todos se conspirem contra nós, e não alcançaremos o fim, a que nos propozémos.

#### SOBRE O AR RESERVADO E MYSTERIOSO.

Não vos apresenteis diante de gente com semblaute myterioso, nem demasiadamente sério; porque, alem de ser esse o caracter de pouca amabilidade, inspirareis de mais a mais desconfiança; e os que assim vos virem, serão tambem mysteriosos comvosco, e não vos confiarão cousa alguma. A grande habilidade consiste em apresentar-se o homem com um exterior franco, patente e ingenuo; porém com um interior prudente e reservado; em estar sempre em defesa, e sem embargo sabê-lo dissimular com uma apparente e natural franqueza. Reflecti em que a maior parte dos que vos rodêão, se aproveitarão de qualquer expressão indiscreta, que vos escape, para a converterem em proveito seu.

**OLHAI PARA A PESSOA, COM QUEM FALARDES.**

Quando falardes com alguém, olhai-lhe para a cara : o contrario disto dá a entender, que a consciencia vos accusa de alguma cousa ; aliás perdereis a ventagem de observar a impressão, que faz o, que dizeis no animo da pessoa, com quem estais falando. Para saber os affectos verdadeiros da gente, tenho mais confiança em meus olhos, do que em meus ouvidos ; porque podem dizer-me o que quizerem, que eu ouça, porém raras vezes podem impedir, que eu não veja em seus olhos o, que desejão occultar-me.

**NÃO ATAQUEIS CORPORAÇÕES.**

Não ataqueis na conversação a corporações inteiras de classe alguma ; porque grangeareis com isso sem precisão um grande numero de inimigos. Entre as mulheres, bem como entre os homens, ha máos e bons ; o mesmo entre os magistrados, militares, padres, frades, cortezãos, &c., &c. Todos são homens sujeitos ás mesmas paixões e affectos ; differentes porém em suas maneiras, conforme as suas diversas educações : E' pois tão imprudente, como injusto o atacar a alguma dellas em massa. Os individuos perdoão muitas vezes, as corporações nunca. Muitos não julgão, que fazem uma grande cousa, quando escarnecem dos ecclesiasticos ; porém

enganão-se miseravelmente : deverião considerar, que os sacerdotes são homens, como os outros; e que uma batina, ou um habito não os faz nem melhores, nem peores. Julguem-se os individuos pelo que são em particular, e não pelo séxo, pela profissão, ou pela classe a que pertencem.

#### BOBICES.

As bobices, divertimento mimoso de almas baixas, tem sido contempladas sempre com o maior desprezo pelas grandes almas. A peor d'ellas todas é a que tem por objecto arremedar os defeitos de outras pessoas. Meus filhos, nunca pratiqueis tal baixeza, nem a applaudais nos outros. De mais disto é um insulto feito á pessoa, a quem se arreméda : e tende sempre de memoria, que um insulto nunca se perdôa, ainda que a boa Moral, e a Virtude nos mandem perdoar aos nossos inimigos.

#### JURAMENTOS.

A's vezes entre pessoas de muito boa criação vêm-se outras, que por uma especie de graça, segundo pensão, entremettem na conversação alguns juramentos : é preciso porêr observar que estas taes jamais são as que contribuem, nem ainda na minima parte, para dar ás companhias, onde concorrem, o titulo de companhias de pessoas bem criadas. Sempre que observardes, que um homem

jura muito, podeis dizer sem receio de enganar-vos, que tem muito má educação; e acreditai-me, que o não dizer d'elle nada mais, do que isto, é fazer-lhe um grande favor.

SEGREDO.

Mens filhos, tende muito cuidado em não repetir em parte alguma o que tiverdes ouvido em alguma casa, ou reunião. As cousas ao parecêr mais indifferentes costumão ter pela circulação consequencias mais graves, do que se imagina. Ha na conversação uma especie de geral e tácita convenção, pela qual um homem se vê empenhado a não divulgar o que tem ouvido, ainda quando se lhe não tenha exigido segredo. Similhantes *corretores* das companhias, alem de se metêrem em mil labiriuthos e discussões desagradaveis, costumão ser recebidos aonde vão com a maior indifferença, ou cautella. — Se quereis, meus filhos, que se não saibão os vossos segredos, não os communiqueis a ninguém; pois são mui poucos os homens, que saibão guardar o segredo, que se lhes confia; e como se fôra uma carga pesada, que lhes opprimisse o peito, tratão de sacudil-a, assim que achão, quem queira escutal-os. Quantas inimizadas; quantos desastres, quantos transtornos publicos tem deuido a sua origem á falta de um segredo! Considerai, que um segredo é uma joia, que vos emprestão, da qual vos não é licito dispôr, nem ainda pá-



ra vos adornardes com ella momentaneamente. — Alexandre Magno, aquelle de quem vos tenho falado, lia em certa occasião uma carta de sua Mãi juntamente com seu amigo Ephestião : a carta continha assumptos de segredo, e queixas contra Antipatro. Depois de ter acabado de a ler, applicou o seu sêllo sobre os labios de Ephestião, advertindo-o por este modo, que devia guardar um segredo inviolavel. — O joven Romano Papirio na idade de dezoito annos assistia com seu Pai ao Senado; porque sabião, que era incapaz de revelar o que ali se tratava : Um dia, em que se discutio um assumpto mui importante e secreto, sua Mãi fêz quanto poudo para sabêl-o; mas o fillio declarou, que não podia revelar o segredo do Estado. A Mãi insistio, rogon, ameaçou, e chorou. Papirio, desejoso de vêr-se livre deste aperto, com muita seriedade, e com gestos de que hia confiar-lhe uma cousa mui escondida, disse a sua Mãi : « O Senado está agora discutindo este ponto, se será mais vantajoso que os maridos tenham duas mulheres, ou as mulheres dous maridos. » Apenas a Mãi ouviu isto, não socegon, em quanto não foi contal-o a uma sua amiga, a qual fêz outro tanto, de modo que em menos de tres horas ja toda Roma sabia o segredo. No dia seguinte todas as casadas se apresentarão ás portas do Senado, gritando como loucas, e dizendo, que seria mais vantajoso para a Republica, que as mulheres tivessem dous ma-

ridos. Papirio explicou então o enigma ao Senado, que, admirado da sua discrição, o admitto desde aquelle dia ao numero dos seus membros.

CONVEM QUE SE FALR A CADA PESSOA CONFORME A SUA GRADUAÇÃO E QUALIDADE.

O estilo da conversação deve ser conforme ás pessoas, com quem falarmos, quero dizer, que o mesmo assumpto, e o mesmo modo de o tratar, não convém a um Bispo, a um Philosopho, a um Capitão, a uma Senhora: Ha mister saber tambem os titulos, e as expressões de civilidade, que a cada um correspondem conforme a sua classe e emprego: uns tem o Tratamento de *Senhoria*, outros de *Excellencia*, outros de *Alteza*, de *Eminencia*, de *Magestade*, &c.

ESTANDO EM SOCIEDADE, NINGUEM DEVE SUPPOR-SE OBJECTO DE ESCARNEO DOS MAIS.

Um homem de educação ordinaria imagina, quando se acha em uma Sociedade respeitavel, que é o unico objecto da attenção geral: se alguem fala ao ouvido, se se ri, ja cuida que é delle: se ouve uma palavra ambigua, a qual só, interpretando-a violentamente, é que pode ser-lhe applicada, ja supõe que foi dita a seu respeito. Por esta razão começa a ficar sério, e por ultimo enfada-se. A conversação de um homem vulgar

dá logo a conhecer a má educação, que tem recebido, e o ter tratado com gente ordinaria : Não sabe sahir de assumptos domesticos, dos seus criados, da boa ordem que se observa na sua familia, com algumas anedotas da vizinhança; e costuma contar tudo isto com êmphase, como se fôra cousa interessante. O homem fino raras vezes pensa, que se occupão d'elle; ou, se o pensa, não o dá nunca a entender, pelo menos a não ser isso tão claro, que lhe não réste a menor duvida, em cujo caso sabe obrar conforme dicta a honra.

#### SERIEDADE.

Um certo gráo de seriedade exterior nas vistas e nos géstos, dá dignidade, sem por isso excluir uma viva e decente alegria. Um sorriso continuo no semblante, pondo todo o corpo em movimento, é indicio muito vehemente de superficialidade. — Multissimas outras cousas mais podéra dizer-vos; porém concluiréi com exhortar-vos, que não deixeis sahir jamais da vossa bôcca palavras indecentes; e, se outros as disserem na vossa presença, manifestai com o semblante o vosso desagrado. Não conteis cousas asquerosas, particularmente estando á mesa; nem no meio do prazer e da alegria sahaiis com um discurso, que avive na memoria alguma desgraça. Se estais falando com um Superior, e notais que tem difficuldade em achar as pa-

lavras para explicar-se, não lhe suggírais o que deve dizer. Não façais repetir a uma pessoa o que já disse; pois seria isso sinal de que haviéis dado pouca attenção, quando falava. Não andeis contando segredos ao ouvido em uma Companhia, nem aponteis com o dêdo para as pessoas de quem falais, se estiverem presentes. Quando contardes um facto, não digais de quem o soubestes, se isso poder incommodar a quem vól-o disse. Algumas vezes parece bem o dizer cousas amáveis a outrem; nunca porém sejais aduladores, nem louveis o que não é digno de louvor. Não offereçais o que não tendes tenção de cumprir; e posto que todos sabem, que são palavras vãs, usadas como fórmulas de civilidade, nem por isso deixão de ser falsas; e quem faz muito uso dellas, facilmente se costuma a uma linguagem exagerada e frivola.

*Thiago.* Que grande numero de cousas nos não tem dito V. m., meu Pai! Será difficil, que eu me lembre dellas todas.

*O Pai.* Eu vol-as porei todas por escripto, e lendo-as uma vêz por semana, e observando o póрте dos homens bem educados, aprenderéis facilmente todas as regras, que vos tenho dado.

*Emilio.* Muito me alegre, meu Pai, por V. m. querer escrevêr tudo quanto nos tem dito; pois, a não ser assim, depressa me esquecerião; que tenho muito má memoria.

*O Pai.* Amanhã começarei este gostozo trabalho, e algum dia me dareis os agrade-

cimentos. Vamos porém dar um passeio, antes que se faça noite.

*Emílio.* Qual é a razão, meu Pai, por que as tardes vão sendo agora mais curtas?

*O Pai.* Isso pertence à Geographia astronomica. No inverno mais chegado vos darei as primeiras noções da Geographia em geral, cujo estudo é mui divertido. Vamos; que se faz tarde. Vêde com que magestade acaba o Sol a sua carreira; parece que vai sepultar-se nas aguas. Se soubesseis alguma coisa de Mythologia, far-vos-lia agora uma breve descripção da sahida do Sol, e da Noite.

*Emílio.* Não importa, meu Pai, diga-nos V. m. alguma coisa disso, em quanto vamos passear pela praia do mar.

*O Pai.* Dizem os Poetas, que uma joven densa abre todas as manhãs as portas do Oriente, e derrama uma frescura deliciosa na atmospherá, flores nas campinas, e rubins pelo caminho do Sol. Com este annuncio a Terra acorda, e se dispõe a recebêr o deus, que lhe dá todos os dias nova vida. Sáhe, e mostra-se com a magnificencia, que convêm ao Soberano dos Céos: o seu carro, conduzido pelas Horas, vóa, e se entranha pelo espaço immenso, o qual enche de chammás, e de luz. Porém, tanto que o Sol se retira para o palacio da rainha dos mares, a Noite, que eternamente vai seguindo as suas pisadas, estende seus negros véos, e colloca na abobada celeste uma multidão immensa de luzes. Então se deixa ver outro carro, cu-

ja claridade suave e consoladora dispõe para a meditação as almas sensíveis. Uma densa chamada Diana o conduz, e vai silenciosa receber a terna homenagem do pastor Endimião. — Observai como os antigos souberão aformosear a Natureza, como dêrão vida a tudo e tudo deificarão, para assim o apresentar mais grandioso. Vós porém não estais ainda preparados para admirardes, como o merecem, as grandes bellezas dos Poetas antigos.

---

## TARDE XV.

### DO MODO DE COMPORTAR-NOS EM UMA SOCIEDADE.

*O Pai.* Pelo modo, com que vos portardes em uma Sociedade, formarão de vós boa, ou má opinião as pessoas, que vos não conhecerem : é por isso mui importante, que vos não descuideis sobre este ponto. — Entrando em um lugar, onde se acharem reunidas muitas pessoas, saudai com modestia, inclinando o corpo para diante, e abaixando os olhos, primeiramente aos dônos da casa, e depois ás mais pessoas, começando pelas de mais distincção. Se é costume dar as mãos, offerecei a vossa aos vossos iguaes, ou inferiores; mas, pelo que respeita aos Superiores, esperai, que elles vôt-a offereção. — Se todos estiverem assentados, tomai o assento,

que estiver desoccupado, ou o que vos indicarem. — Em qualquer situação, que estiverdes, conservai o corpo na sua posição natural; porque a affectação é sempre ridicula. Se estiverdes assentados, fazei que os vossos pés pouzem igualmente no chão, sem que as pernas fiquem nem demasiadamente separadas, nem unidas. É muito máo costume o pôr os pés sobre as travessas das cadeiras; porque, alem de ser uma postura familiar em demasia, estragão-se com isso as cadeiras, do que nada pode gostar o dono da casa. Não imiteis a certas pessoas, que ao assentar-se em um sofá, estendem-se ao comprido, com o que indicão o seu pouco respeito aos circunstantes. Os meninos mal criados tem as pernas em continuo movimento, e agitam-se sobre a cadeira, para mostrar o seu desgosto e impaciencia. — A tí, minha filha, é isto principalmente dirigido. A decencia deve brilhar em todas as acções de uma mulher; pois no vosso séxo basta a postura para decidir a favor, ou contra uma pessoa. Por esta razão as meninas devem tomar menos liberdades, que os rapazes; o que nestes seria um estouvamento, ou uma levandade, naquellas passaria por uma indecencia. Uma Senhora bem educada não cruza os joelhos, não se deixa cahir sobre as costas da cadeira, e tem cuidado em que o vestido lhe cubra os pés até o çapato. —

O uso tem estabelecido, que em uma companhia de cerimonia os homens estejam com

as cabeças descobertas ; se o frio, ou outra alguma cousa vos incommodar, será melhor que pegais licença para vos cobrires, se estais entre pessoas de alguma confiança. — Escutai attentamente a conversação : não esfregueis as mãos por modo de passatempo, ou para ostentar-vos homens de importancia : não estejais cantando por entre dentes, nem assobieis ; pois são sinais de muito enfadamento pouco agradaveis aos mais. Não olheis a miuda para o vosso relógio ; porque interpretarão isso, ou porque estais cansados, e desejais que passe o tempo da visita estipulado pela etiquêta ; ou porque vaidoso o estais mostrando. — Se alguém vos offerecer alguma cousa, recebei-a com ligeiro, porém decente sorriso, inclinando um pouco o corpo, ou sómente a cabeça ; quando tornardes a entregar o mesmo objecto, praticai pouco mais ou menos a mesma cerimonia ; se fôr faca, colhêr, garfo, tezoura, ou alguma outra cousa, que tenha cubo, ou parte determinada para se lhe pegar, apresentai-a pelo lado conveniente à pessoa, que ha de recebê-la. — Se vos mimosearem com alguma cousa, não desprezeis a dádiva, sobre tudo diante da pessoa, que vos tenha feito o mimo ; o contrario seria não só ingratidão, mas até offenderia aquelle, que julgára ter-vos dado algum prazer. Não é tambem muito cortêz o louvar o presente, que fizerdes a uma pessoa ; porque seria dar a entender, que exigis um agradecimento maior. Ha mis-



tér saber dar, meus filhos; porque não consiste em dar muito, senão no modo e na graça, com que se dá. — Por esta occasião vos recomendo, que sejais mui delicados nos serviços ou favores, que fizerdes. O que precisa de nós, se é homem de bem, ja se ucha assás humilhado com a sua mesma precisão; é por isso cousa cruel o tratal-o com desdém, ou com máo modo. Respeitai o amor proprio de quem quer que seja; que este é o incio de grungear vontades. Quando derdes esmola, dai-a com graça: se os homens reflectissem, em que é ainda menos trabalhoso o ser amavel, do que o ser sècco e soberbo; e que não ha coração que resista à amabilidade, ao passo que todos se irritão contra um orgulhoso; poucos haveria, que se não esforgassem em ser, ou parecêr o que tantas ventagens traz consigo. Ninguem agradece um favor feito com altivêz; é uma acção, que irrita, indigna de uma alma bem nascida. — Tornemos ao nosso assumpto. Ha certas necessidades continuas na vida humana, que é preciso satisfazer de um modo que a ninguem offenda. Entre as que mais a miudo occorrem, são o assoar o nariz, cuspir, espirrar, bocejar: a primeira deve fazer-se sem incommodar aos circunstantes com um estrondo similhante ao de uma trombêta; logo depois dóbra-se o lenço, e mette-se na algibeira, sem antes disso o mostrar, nem olhar para dentro d'elle, como fazem algumas pessoas immundas. Quando ha vontade

de cuspir, deve voltar-se a cara um pouco para não salpicar a pessoa alguma, e pizar logo a saliva : o mais acado, e o que deve fazer-se em toda a sala alcatifada, ou bem lavada e polida, é cuspir no lenço, ou na escarradeira, havendo-a. Não ha cousa, que revolva o estômago mais robusto, como é uma casa cheia de escarros; e ainda, que não fôra senão para arredar da vista um espectáculo tão asqueroso, deveria introduzir-se em todas as partes o costume de cuspir no lenço, estando em companhia. — Pelo que respeita a espirrar, é preciso voltar um pouco a cabeça, ou, o que é melhor, cobrir a cara com o lenço. Se está em uso o saudar a pessoa, que espirra, esta deve agradecer-l-o com uma leve inclinação. — O bocejar a miudo considera-se como sinal de enfadamento : se tiverdes precisão de fazê-lo, cobri a bôcca com um lenço, e não faleis, em quanto durar o bocêjo : se esta necessidade vos atear em demasia, o melhor é retirar-vos. — Quando as pessoas se reúnem em volta do fôgo, os assentos mais cômodos devem ceder-se aos indivíduos de maior consideração. Não ponhais as mãos á chamma, nem vos colloqueis diante dos outros, nem com as costas voltadas para o lume : esta ultima acção só pode ser permittida a um Pai diante de seus filhos, ou a um âmo com os seus criados. A humanidade de mãos dadas com a cortezia exigem, que se faça logar para os que chegão tarde, e que se lhes cêda

o sitio, em que melhor possam aquentarse. — Se alguém lança no fogo cartas, papeis, ou outra cousa semelhante, é muita indiscreção o pretender salvá-los das chammas: não é menôr o pôr-se a ler cartas, que estão sobre a mesa; ou, quando outra pessoa está lendo um papel, o dirigir a vista para elle, a fim de ver o que contém. Igualmente se não deve abrir um livro, sem que antes se tenha pedido licença a seu dôno. Em fim não deve tocar-se em cousa alguma, estando em casa alheia. — Observai em todas as occasiões como procedem as pessoas, que passam por mui bem educadas, e dellas imitai o que convêm á vossa idade, e á graduação que occupais na Sociedade, procurando não copiar as maneiras de uma personagem distincta; porque isto só bastaria para fazer-vos ridiculos. — Ha muitos môços, que por falta de trato com gente, ou por desenido de seus Pais e Mestres fogem de toda a sorte de visitas; e cada vêz que tem de apresentar-se em uma companhia, ou em qualquer ajuntamento de pessoas de ambos os séxos, apôssa-se delles uma tremura como de sezões: quando entrão na sala, achão-se embaraçados, as faces e as orelhas fazem-se vermelhas como um lacte, perturbão-se, equivocão as pessoas, confundem tudo, e a final adquirem um aborrecimento extremo ao trato social com gente fina. Vencei, meus filhos, este temor pueril, que muito vos prejudicará. Adquiri um ar desembaraçado e franco, que to-

davia não degenere em falta de civilidade; pois este seria outro extremo igualmente perigoso. — Uma pessoa amavel, attenciosa e alegre forma as delicias de uma Sociedade. Se vos afflige algum desgosto, esquecei-vos delle á porta da casa, aonde ides entrar : se isso vos é impossivel, não saliais da vossa habitação, e assim não communicareis a outrem vossa tristeza. — Esquecia-me dizer-vos que, antes de entrar em uma casa, deveis limpar os çapatos ou botas no ferro, que para isso costuma estar á porta, ou no esteirão, que se põe ao pé da escada. — Ninguém deve fumar em uma companhia, sem ter pedido antes licença ao dono da casa e ás Senhoras : e se ha suspeitas de que o fumo do cigarro pode incommodar a alguém, seria uma brutalidade o pôr-se a fumar, ainda quando o dono da casa nisso consentisse por urbanidade. — Basta por esta tarde, meus filhos : ámanhã continuaremos a nossa tarefa.

*Emilio.* Porque não continúa V. m. um pouco mais, meu Pai? Ainda é cedo e eu escuto a V. m. com muito gosto.

*Luzinha* É eu tambem, meu Pai : Não sou como Thiago, que costuma estar brincando.

*O Pai.* Basta, meus filhos; antes quero que fiqueis com vontade de ouvir-me, do que cansados de haver-me escutado.

TARDE XVI.

DO MODO DE ESTAR A' MESA.

*O Pai.* Como ámanhã lião de vir jantar connosco vosso Tio, algumas Senhoras, e varios Cavalheiros, vou inteirar-vos das regras, que as pessoas bem educadas observão, quando estão à mesa.

*Thiago.* Muito bem, meu Pai, eu ja me tinha lembrado de dizer a V. m. isso mesmo; porque desejára não fazer cousa alguma, que pareça mal, e de que V. m. por isso tenha de convergonhar-se.

*Emilio.* Era tambem a mesma cousa, que eu hia a dizer-lhe, meu Pai.

*O Pai.* Escutai-me pois com attenção. — Antes de vos asseutardes á mesa, deveis lavar as mãos, se as não tiverdes bem limpas. Se fordes a alguma casa, onde fôr uso o laval-as, esperai que chegue a vossa vêz, e fazei-o sem incomodar a niaguem, e sem molhar o vosso vestido. — Ha familias, que tem o louvavel costume de fazer uma curta oração antes de começarem a comer: não pode causar-vos isso admiração, porque em nossa casa praticâmos o mesino; porém ha pessoas imprudentes, para quem isto costuma ser objecto de um sorriso de escárneo, e olhão com certo ar de compaixão para os que re-

conhecem a existencia de Deus, e lhe dão graças pelos beneficios, que nos reparte. Se vos achardes em alguma casa, na qual se não costume resar no principio e no fim da comida, não digais nada, levantai silenciosamente o vosso coração a Deus, e com isto tereis cumprido. — Quando chegar o momento de irem para a mesa, esperai que o dono, ou a Senhora da casa vos marquem o assento, que haveis de occupar, e deixai que se assentem primeiro as pessoas mais velhas e de maior consideração. — Não vos arrimeis muito à mesa, nem della vos separeis muito: collocai-vos com desembaraço, sem incomodardes com os braços aos vossos vizinhos. Nunca ponhais os cotovellos sobre a mesa, nem sôbre o pão da cadeira, que vos ficar ao lado; apoiai-vos levemente sôbre os vossos pulsos, e conservai o corpo direito. — Tem estabelecido o uso o levar a comida á bôcca com a mão direita, e que com a mesma se côrte: que o pão se pônha á esquerda do prato, e o côpo á direita um pouco mais para o meio da mesa. Os criados devem servir pelo lado esquerdo; a fim de poderem pegar naturalmente com a mão direita no que lhes fôr apresentado. — Não desdobreis o guardanapo, antes que o faça o dono da casa, ou que elle vos convide a fazê-lo: ponde-o conforme fôr o uso, e de modo que o acheis prompto para com elle limpardes os dedos e os beiços, todas as vezes que vos fôr necessario, e principalmente antes, e depois

de beber. — Parece muito mal soprar o caldo, a sôpa, ou a comida, para arrefecê-la; deve mexêr-se vagarosamente com a colher: ao levá-la á bôcca, não façais muita bulha para sorvêr o caldo. — Não offereçais com precipitação o prato, para que vos sirvão; esperai que chegue a vossa vèz. — Se vos apresentarem um prato, não escolhais os melhores bocados, sobre tudo quando houver pessoas mais velhas, ou Senhoras, que delle devão ser servidas. — Cortai o pão em pedacinhos iguaes, e comei juntamente a còdea com o miolo. — Não agarreis em um pedaço grande de pão, levai-o á bôcca em porções pequenas com dous dedos, quando fôr necessario. — Não comais com demasiada precipitação, nem muito de vagar: a primeira cousa indica glotonia, e faz mal ao estômago; a segunda enfastia a todos. Não encheis muito a bôcca; nem faleis em quanto não tiverdes mastigado o bocado. — Quanto ao uso, que deveis fazer do garfo, ou da faca para levar a comida á bôcca, convêm que vos sujeiteis ao que praticarem os mais, isto é, ao uso geral; por ser este o melhor meio de não parecerdes ridiculos. — Não deixeis a colher, nem o garfo, nem a faca fóra do prato, depois de ter-vos servido delles, para que não sujem a toalha; porque á conta dos serventes está o apresentar-vos outros limpos a cada prato. — Não tireis com os dedos o sal, ou a pimenta; não havendo colherinha destinada para este uso, servi-vos da ponta da

faca, caso a não tenhais levado á bôcca; ou do cabo do garfo de prata; Daquellas duas cousas tomai unicamente quanto precisardes. — Não andeis cheirando os manjares; e excepto se o dño da casa vos perguntar o vosso parecer, absteide-vos de falar da sua bôa ou má qualidade; em caso nenhum porém do seu merecimento, e do modo com que estão cosinhados. — Se encontrardes na comida alguma cousa immunda, como um cabêllo, uma môsea &c., não a mostreis a ninguem, para o não incomodar; separai-a para o lado com dissimulação, ou entregai o prato ao criado, se estiver ao pé. — Não lanceis ao chão os óssos, cascas de óvos, aparos de fructas, nem cousa alguma que se cõma: tudo isto põe-se a um lado do prato. Os carocinhos da fructa tirão-se mais limpa-mente da bôcca com dois dedos, do que della se despejão no meio da mão. — É' cousa desagradavel o ver uma pessoa sujar as mãos, quando come; tocar na carne e nos môlhos com os dedos, e lambêl-os depois. Não enlabuzeis em demasii os beiços. É' tido por grosseiro o que limpa o prato com um pedaço de pão agarrado nos dedos. — Não bebais tendo a bôcca cheia, e sem que primeiro limpeis os beiços. Pegai no côpo pela parte mais proxima á base antes, do que ás bordas; e se fordes vós mesmos quem lance a bebida, não o enchais tanto, que possa sujar-se a toalha. Não se déve bebêr nem muito depressa, nem muito de vagar, nem aos



sôrvois fazendo soar os beigos : Em quanto beberdes , tende a vista posta no côpo. É uma grossaria o fazer sôpas no vinho ; todavia em algumas partes está permittido o molhar o biscoito no vinho á sobremeza. — Pelo que respeita a saudes , dir-vos-hei , que vos accommodeis no uso estabelecido : casus ha , em que se bêbe á saude dos circunstantes , começando pelos dônos da casa , logo desle o principio da comida ; em outras guarda-se esta cerimonia para a sobremeza ; e finalmente em outras partes nunca isto se pratica , excepto em algum convite extraordinario , onde reina muita alegria e contentamento. Os Francezes costumão tocar os côpos , cerimonia que só serve para fazer bulha , e para sujar ás vezes as toalhas. Em Inglaterra o côpo está pousado sobre a mesa , e tendo-o agarrado com os dedos , diz-se então o que se pretende dizer : acontece algumas vezes ter uma pessoa de pôr-se em pé para agradecer aos circunstantes alguma civilidade , que lhe tenhão dito , ou tambem para propôr uma saude ; nestes casos deve levantar-se ja com o côpo na mão , uma vêz que seja breve o que tem para dizer. — Ha pessoas tão amigas de tomar tabaco , que não podem deixar passar tres minutos sem entulhar as veutas com esta droga , prejudicial á memoria na opinião de algunas pessoas. Em regra geral , á mesa sempre parece mal tomar tabaco ; pois , por muita limpeza e cuidado que se tenha , costuma frequentemente cahir alguma cousa so-

bre o vestido, sobre a toalha, ou sobre o prato, e por ventura o visinho não deixa de participar de algumas particulas, que o fazem espirrar sem ter vontade, sobre tudo se o tabaco é da natureza do chamado Sevilhãno, ou do esturro Portuguêz, que ataca ao mesmo tempo a garganta. De mais disto as pessoas, que tem contrahido este habito, des-euidão-se muitas vezes de tirar a tempo o lenço, e as suas ventas apresentam um espectáculo asqueroso, a sua gola e a sua gravata andão enlabuzadas de tabaco, e até o hálito, que de si exhalão, está mui longe de cheirar a âmbar. A' vista do exposto pode fazer-se juizo de quão feio deve parecêr o pôr a caixa de tabaco sobre a mesa; quanto porêm a pôr sobre ella o lenço, isto é cousa insupportavel. — Durante a comida, não mostreis, meus filhos, certo ar de gulosina, que daria a entender que devorarieis tudo quanto tendes diante. Não olheis para o prato do vosso visinho para examinar, se lhe dérão melhor bocado. Uma vez que não tenhais muita confiança, ou que a vossa idade e graduação a isso vos autorisem, não peçais que vos dêm um pedaço melhor que outro. Não recebeis cousa alguma, sem dardes os agradecimentos com uma ligeira inclinação de cabeça, e de palavra, quando o dõno, ou dõna da casa, ou algum dos convidados vos fizerem qualquer obsequio. — Como haverá occasiões, em que tenhais de trinchar; para que o façais com graça, promptidão e limpeza, dar-vos-

hei sobre isso algumas lições práticas, sem as quaes toda a theoria não passa de palavras (1). Os que o não sabem fazer, expõem-se a uma especie de vergonha, a enchêr de gordura a toalha, ou os vestidos de seus vizinhos, e lançar ao chão os vasos, a destroçar e a fazer em migalhas miseravelmente uma perdiz, um capão, &c. — Não esfregueis os dentes com a toalha, ou com o guardanapo, nem igualmente os limpeis com os dedos. — Em algumas casas costumão apresentar taças de vidro, ou de porcelãna com agua morna, para se lavar a bôcca depois da comida; melhor fôra, que se desterrasse tal costume; porque, ainda que esta operação é em si muito boa, e até util; é mais propria para ser feita por cada um só por só; pois causa asco não só a acção de enxaguar a bôcca em geral, mas tambem a baba, que della é quasi necessaria consequencia. — Durante a primeira coberta, costuma-se falar pouco; depois a conversação torna-se geral, e por ultimo cada um fala com os que lhe ficão das ilhargas, e ás vezes com os fronteiros: Se a mèsã é muito larga, vão parece bem emprehender uma conversação

---

(1) Vejam-se as observações sobre a cortezia, e honras, que deve guardar todo o bom Gastrônomo na mesa; e regras para trinchar, no fim do Poema intitulado — A Gastronomia, ou os prazeres da mesa — Poema em quatro Cantos, de que ha uma traducção livre em Hespanhol, feita pelo Autor desta Educação.

com alguma pessoa, que fique distante; pois, se todos fizessem o mesmo, armar-se-hia uma matizada, que não daria logar a entenderem-se uns aos outros. — O tempo da sobremesa é um escôlho para muitas pessoas, umas porque é nelle que fazem ver a sua golodice; outras porque tirão muitas cousas para levarem consigo; e algumas porque julgão que então lhes é permittido o manifestarem uma alegria louca e incómoda, ao ponto de causar enfado ao homem mais fleugmatico. — Não é cousa mui polida o conservar o palito na bôcca por modo de entretenimento, depois de acabada a comida, e de levantada a mesa. — O modo de tomar café é bastantemente sabido; por isso nada vos direi a este respeito, á excepção de que o boni uso requiere, que elle se tome pela chicara, e não pelo pires. — A ultima cousa, que vos recomiendo, meus filhos, é que não comais, nem bebaís até fartar-vos. Um Sabio antigo disse que o excêssu na bebida e na comida tem dado a morte a maior numero de pessoas, do que todas as guerras juntas. — A Natureza, que tem necessidade de reparar-se, tem disposto as cousas de sorte, que sintâmos um prazer exquisito, quando comemos, a fim de não abandonarmos devêr tão essencial; porém pelos males, que nos resultão, tem-nos advertido ao mesmo tempo, de que saibâmos contêr-nos, logo que a necessidade esteja satisfeita: as indigestões destroem o estômago, causão dores violentas,

é trazer consigo a morte. Taes são as consequências da glotonice. — Nunca commettais excéssos na bebida; o vinho, e mais que tudo os licôres tomados em grande quantidade queimão as entranhas, produzem terríveis enxaquêcas, debilitão a vista e até as faculdades do espirito. Contei-vos ja em outra occasião o que fêz Alexandre Magno em um excéssos de embriaguêz; o homem em tal estado é um animal feroz e desprezivel. Sahi pois de um banquette com a mesma serenidade, com que nelle haveis entrado; dormireis tranquillamente, estareis dispostos para quanto se vos offerecêr, tereis os sentidos desembaraçados; o estômago, que é o laboratorio chimico, onde se prepara tudo o de que necessita para sua subsistencia a nossa fragil machina, fará as suas funcções com regularidade; e por ultimo niaguem poderá jamais lançar-vos em rosto um defeito, que, ainda que mui commum, é vergonhoso. Se vos encontrardes alguma vêz com pessoas, que queirão fazer-vos bebêr mais, do que julgais razoavel; não sejais condescendentes até o extremo de estragardes a vossa saude, e de expor-vos á mófa e ao escárneo, por uma mal entendida complacencia: Porque deveis ter entendido, que a descortezia está da parte de que provoca a commetter um excesso, não da parte daquelle que tem juizo bastante e firmeza para não fazer demasias. — Meus filhos, acabarei dizendo-vos que, se estando comendo, chegar um pobre a pedir-vos es-

mola, não sejais como aquelles que se irritão, dizendo, que vão importunal-os : Pelo contrario pensai, que talvez não tenha comido, nem terá que comer naquelle dia; e dai-lhe alguma cousa, com que possa ir satisfeito : Estou certo, que a comida vos saberá melhor, depois que houverdes soccorrido a urgente necessidade do infeliz, que se chega á vossa porta cansado e desfallecido.

---

## TARDE XVII.

### MODO DE PROCEDER NO JOGO.

*Emílio.* Meu Pai, nós hontem em razão do convite não nos reunimos aqui, e a dizer-lhe a verdade, pareceo-me, que me faltava alguma cousa.

*Thiago.* A mim aconteceo-me o mesmo.

*O Pai.* O espirito, meus filhos, precisa de distrahir-se, depois de se haver occupado algumas horas em assumptos sérios : foi para esse fim que se inventárão os jógos. Cada idade, cada classe, e ainda mesino cada sexo tem os seus proprios, sem embargo de que os ha tambem, que convêm geralmente a todos. Os da meninice são muitissimos, alguns dos quaes vem com as estações do anno. Devem os Mestres e os Pais de familia ter especial cuidado em proporcionar aos meninos jógos accommodados á sua idade, e a

cada estação, uns para dar mais agilidade e desembaraço ao corpo por meio de um exercício, que não seja superior ás suas fôrças; outros para que, de envólta com o divertimento e deleite, vão costumando o seu entendimento a discorrer, e a inventar recursos e ardís; alguns, com que possam adquirir por modo de entretenimento os primeiros elementos de algumas Sciencias e Artes. — Porém agora eu passo a falar-vos, como se já fosseis homens feitos, e por isso vos direi o como é que o homem déve comportar-se no jôgo. Ha mistér pôr-se a jogar com semblante alegre, e com intenção de contribuir para o prazer dos mais. — O que no jôgo vê sómente o meio de ganhar dinheiro, tem a alma sórdida, e infallivelmente deve ser máo jogadôr, quero dizer, fará nelle trapagens todas as vezes que se lhe proporcionar a occasião de as fazer sem ser notado; mas expõe-se tambem a algum duro accidente. —

*Thiago.* Meu Pai, nesse caso é como se roubasse o dinheiro : Não é isto verdade?

*O Pai.* Sim, meu filho; um trapaceiro é um ladrão, que rouba o dinheiro áquelles mesmos, a quem dá o nome de amigos; é um homem in ligno de ter entrada em parte alguma. Todo o homem de educação comporta-se desinteressadamente, e só joga para divertir-se : se ganha, não mostra alegria demasiada, que possa offender aos que tem perdido; e se pérde, não se inostra de máo humor. — É grande descortezia o zombar dos

que não tem jogado com destrêza, e ha certa malignidade em escarnecêr dos que tem perdido. — O jôgo, meus filhos, é perigoso; não só porque nelle perdemos muito tempo, quando lhe adquirimos uma affeição demasiada; mas tambem porque nos expõe ao perigo de reduzir-nos á pobreza; Pelo que jogai as menos vezes possiveis. — A ninguem deve dizer-se, que é vagarôso, ou apressado em jogar; nem mostrar a mais pequena impaciencia, puxando pelo relógio, pegando em um livro para lêr, &c. O assobiar, o cantar, o fazer estrondo com os pés ou com os dêdos sobre a mesa, são sinaes de pouco esmerada educação. — Os que assistem de fóra ao jôgo, devem observar o mais rigoroso silencio, sem se inclinarem a favôr de ninguem para dar-lhe conselhos, que offendão a quem se dão, porque lêrem o seu amor proprio; e mais ainda ao outro jogador, porque lhe fazem perder o jôgo. — Com as Senhoras, com as pessoas de maior idade e distincção é preciso ter aquellas condescendencias, que o uso tem estabellecido em cada jôgo. — Não é proprio do homem de bem o lançar os olhos para as cartas do parceiro contrario, para saber o seu jôgo, e atacal-o com esta ventagem devida a uma falta de delicadeza. Pagai pontualmente o que perderdes, sem vos aproveitardes do esquecimento dos outros. — Em parte alguma se descobre mais a bôa, ou má educação do homem, a nobreza ou villania de seus pen-



tro; porque vos terião por loucos. — Não movais violentamente os braços, como se fossem azas, ou rémos. Se fôrdes com alguma pessoa superior, ponde-vos á sua esquerda, e regulai os vossos passos pelos seus: não vos avizinheis taoto della, que a incommodeis; nem vos atredeis taoto, que não possais ouvir o que ella vos disser. Tende cuidado de observar onde pondeis os pés, para não sujar-vos, nem salpicar de lã lo aos mais, que passarem. A uma Senhora deveis offerecêr o braço, e leval-a da parte interior do passeio da rua, ainda que ella tãha de dar-vos a direita; pois é esta uma precaução necessaria, para evitardes que a salpiquem de lama as carroagens, os carros e as cavalgaduras; e porque o lado das casas considera-se como o de preferencia. O que fôr com duas Senhoras, deve collocar-se no meio dellas, para dar a cada uma o seu braço. Nas grandes Cidades, onde o concurso da gente pelas ruas é muito numeroso, ha uma convenção, que se observa com o maior rigôr sem distincção de pessoas, e consiste em conservar cada qual a direita no passeio da rua, por onde vai passando; deste modo se termina toda a origem de disputas, não se interrompe a marcha, e resulta o que para todos é mui cômodo. — Quando fôrdes andando, voltai a ponta do pé um pouco para fóra: não batais com o calcanhar um no outro, nem vades brincando com as pedrinhas, que encontrardes. — Se vos sahir ao encon-

tro alguma pessoa respeitavel por seus annos, ou dignidade, saudai-a cortezmente, sem para ella voltar-vos de mais, excepto se a conhecerdes particularmente. Nas grandes Cidades só se cumprimentão as pessoas conhecidas. — Se alguém vos saudar, e detiver no caminho, deveis corresponder-lhe nos mesmos têrmos, com tanto que vos não seja muito inferior: mas nem por isto ficais isemptos de ser cortêzes com este, e de tratal-o com amabilidade e attenção. — Nem a todo aquelle, com quem nos topâmos na rua, devemos dizer-lhe *Como passa?* — Esta formula só é boa para ser usada com os nossos iguaes, e com as pessoas do nosso grande conhecimento. — O ir fumando, assobiando, ou cantando pela rua, é proprio de gente ordinaria; embora o pratiquem sujeitos, que se tem por cavalheiros; porque tambem ha cavalheiros mui ordinarios e de má educação. — Tu, minha filha, dentro de poucos annos terás que observar certos devêres ainda mais rigorosos, do que todos estes. No teu modo de andar deverá descobrir-se o pudôr, assim como em tuas vistas a decencia: Uma mulher, que fixa os olhos nos homens, inculca falta de vergonha; e se move a cabeça de um lado para outro, tel-a-hão por louca. A mulher deve ir andando sem detêr-se, nunca olhando para traz, salvo se algum motivo honesto o exige. — Se algum desavergonhado atrevido lhe fala, a ella pertence o fazer-se desentendida, ir continuau-

do o seu caminho sem dar-lhe resposta. Em geral o pórtre de uma mulher deve ser mais reservado, que o de um homem : rodeada por todos os lados de laços, deve ser naturalmente desconfiada, não se esquecendo jamais de que o mundo julga com severidade o seu sexo. A modestia é como a planta chamada *Sensitiva*, a quem offende o mais ligeiro toque de qualquer côrpo estranho, até o do proprio ar.

*Luizinha.* Meu Pai, ahí vem uma Senhora, e penso que se encaminha para nós.

*O Pai.* Sim, vem fazer-nos uma visita; levantemo-nos, e ámanhã continuaremos o nosso entretenimento.

---

## TARDE XVIII.

### DO QUE DEVEM OS HOMENS POR URBANIDADE A'S SENHORAS.

*O Pai.* As relações, que existem entre os dons séxos fazem, que haja alguma differença entre o modo de comportamento, que um deve ter com o outro. Os homens devem ter um respeito mais distincto, uma complacencia mais attenta para côm as mulheres, do que para com as pessoas do seu sexo. — Se a Natureza tem recusado a estas a força do corpo, pelo menos tem-nas indemnizado amplamente concedendo-lhes qualidades mo-

raes, das quaes tem sido avára para com os homens. Com que cuidado não previne uma boa Mãe de familias, afeiçoada á sua casa, e amante de seu espôso e de seus filhos, tudo quanto pode contribuir para augmentar a felicidade dos objectos, que a rodeião! Encarrega-se das cousas mais minuciosas, tudo prevê, a nada repugna, e costuma ser industriosa para causar agradaveis surpresas a seu marido. Quando este volta dos seus negocios, dispõe os filhos, para que lhe prodigalizem caricias, tomando precauções para que não sejam importunos; a sua prudencia, a sua amabilidade e bom genio lhe assegurão para sempre o coração do seu querido espôso. Nós os homens seriamos muito injustos, se em consideração de tão bellas qualidades não quizesseinos tolerar alguns defeitos léves, que são proprios das mulheres. — Quando vos achardes em uma companhia, onde haja Senhoras, tende para com ellas toda a especie de considerações: a debilidade de sua constituição phisica, alem do que fica dito, deve empenhar-vos para lhes evitardes todos os incommodos, que estiverem ao vosso alcance. O que não farieis por um homem, fazei-o gostôso por uma mulher. Cedei em todas as partes ás Senhoras o assento mais cômodo e honroso. Na mesa nunca consistais ser servido primeiro, que ellas. Tratando-se de jogar, consultai-as sôbre o jôgo da sua preferencia: coudescendei com os seus desejos, com tanto que esta condescendencia não se-

ja contra o vosso estado, contra a vossa idade e saúde. Encarregando-vos de que condescendais com os seus desejos, entendo só os racionaveis; todavia, se alguma houver tão louca, tão caprichosa, ou mal educada, que exija cousas indiscretas, recusai-o cortêzmente, porém com firmeza: pois na verdade fôra cousa cruel, o ser por urbanidade victima de uma louca imprudente, que em tal caso só mereceria a compaixão da companhia. — Sobre tudo, meus filhos, na presença de mulheres seja a vossa linguagem sempre casta. Ha mil fátuos, a quem se figura cousa agradável o contar cousas deshonestas em uma companhia; quando é certissimo, que essas grosseiras conversações offendem sempre aos castos ouvidos. Outros ha, que tem a arte de cobrir com um ligeiro véo as suas palavras; porém se vos apresentassem à vista uma cousa asquerosa coberta com um véo, deixaria ella por isso de causar-vos asco? Os taes descobrem uma alma pouco delicada, uma imaginação obscena, e dão de si opinião pouco ventajosa. Todo o Pai de familias deve fechar-lhes a porta de sua casa, se não quizer ver com o tempo o estrago, que causão as suas palavras. Homens, respeitai as mulheres; porque é da maior importancia para os bons costumes, que ellas se respeitem a si mesmas. — Ao descêr, ou subir as escadas de uma casa, ou de uma carroagem, &c., deveis offerecêr o braço ás Senhoras; porém seria imprudencia o fazel-o, quando

essa Senhora fosse acompanhada de outra pessoa, com quem tivesse relações mais estreitas de amizade, ou de parentesco.

DO MODO, COM QUE AS JOVENS SENHORAS DEVEM  
PORTAR-SE NA SOCIEDADE COM OS HOMENS.

*A Mãe.* Ainda que Luizinha não tenha chegado áquella idade, em que pode fazer uso dos conselhos dados por seu Pai, bom será que os seus ouvidos se vão costumando a ouvir aquillo, que deverá praticar algum dia; e seus irmãos aprenderão tambem a respeitar mais e mais o nosso sexo. Alem de que se vosso Pai põe por escripto tudo quanto vos tem dito nas tardes antecedentes, poderão ser-lhes acrescentados os conselhos, que agora passo a dar a minha filha, uma vêz que mereção a sua approvação.

*O Pai.* A opinião, que de vossa Mãe tenho formado, meus filhos, é tal, que desde ja vos asseguro ella saberá desempenhar a parte, que tomar na instrucção de sua filha, melhor do que eu a minha.

*A Mãe.* Vêde como vosso Pai vos ensina praticamente a ser attentos e cortêzes com as Senhoras. Elle mesmo, minha filha, acrescentou, que o mundo julga severamente o nosso sexo; e é por isso que nós devemos caminhar, como diz o proverbio, com pés de chumbo. — As vistas annuncião, sem queter, o que se passa no coração; faze por isso que nas tuas só se veja a expressão da modestia,

e para que melhor o possas conseguir, sê em verdade modesta : uma vista atrevida em uma mulher é cousa, que repugna com o seu sexo. Sôbre tudo não busques as dos homens ; um tal costume procede da depravação do coração ; e se por casualidade o praticares, ou por méra inadvertencia, confundir-te-hão com aquellas, cujos costumes estão ja estragados. — Se para a civilização da Sociedade é bom que os homens se reünão com as mulheres ; é tambem útil para os bons costumes, que esta frequencia não seja íntima em demasia. As mulheres não devem fugir dos homens, como fazem as hypócritas ; mas tambem não devem buscal-os em excêso ; prefere sempre, minha filha, a sociedade de pessoas do teu séxo. — No meio dos jôgos e divertimentos mais estrepitosos deves ser constantemente reservada ; a tua modesta reserva será como um escudo, que protegerá tua alma contra tudo, que possa feril-a ; e as pessoas mais relaxadas temerão dizer, ou fazer alguma cousa, que ultraje o teu decôro. Se houver quem se atrêva a tomar alguma liberdade contigo, faze que a severidade de uma vista tua lhe recorde o que déve á decencia. Nunca mostres nin ar risonho ao que não fôr honesto ; Se o contrario praticasses, serias immediatamente desprezada, sem poderes fazer valêr os tens direitos ao respeito. Se diante de ti se proferirem palavras equivoacas, ainda que as entendas, não o dês a conhecêr ; nem te enfares, ou rias, ouvindo-

as. Se o que disserem, fôr claramente indecente ã sem equívoco, retira-te, se podéres; se não, mostra com teu ar frio e rígido, o desprezo, com que ouves taes palavras, que só podem sair da bôca de gente immoral, e sem bôa criação. — Teu Pai, miuha filha, disse, que os homens devem ser condescendentes com as mulheres; e eu acrescento, que uma mulher dêve guardar-se, e muito de abusar de tal condescendencia. Deixa, que assim obre a namoradeira, ou a caprichosa: uma mulher honesta e de juizo recêbe com modestia as attentões, que se lhe préstão; porém tem o maior cuidado em que os homens se não occupem com ella a cada passo.

Não parece bem, que uma mulher se esforce por sobresahir em demasia na conversação; basta-lhe, que seja instruida. Querer obrigar a que todos sejam da sua opinião, achar prazer em ostentar a sua sciencia, é fazer-se insoffrivel, e pôr-se na classe dos pedantes. — Fala sempre sem mostrar pretensão de passares por muito instruida: os homens são injustos, uma mulher sábia offende o seu orgulho. — Contar-vos-hei dous casos, o primeiro dos quaes ouvi contar no nosso amigo Consul Inglêz. — Quando Bonaparte voltava para Paris, depois da sua gloriosa campanha da Italia: sem embargo de que evitava as grandes concurrencias, não ponde deixar de assistir a um baile, que lhe derão em uma Cidade principal. Achava-se



entre as Senhoras convidadas a célebre Madama Stüel, tão conhecida por seus litteratos: o seu amor proprio era igual ao seu merecimento; e assim como naquelle tempo o jóven Bonaparte era o objecto da admiração geral entre os homens, ella aspirava a sê-lo entre as mulheres. Com este designio huscou occasião de entrar em conversação com o General, e quando lhe pareçeo a proposito, fez-lhe a seguinte pergunta: — Qual é na vossa opinião a mulher mais eminentemente digna do apreço geral? — Bonaparte percebeo o fim da pergunta, e respondendo « Aquella, que mais filhos tem dado ao Estado », voltou as costas, e foi-se deixando-a confusa, e envergonhada. — O segundo caso é o que succedeo a Madama Dacier, mulher a mais sábia do seu tempo, com um cavalheiro Alemão. Este, que nas suas viagens tinha particular gôsto em visitar as pessoas de maior mérito, supplicou uma vêz a Madama Dacier, que escrevêsse o seu nome em um livrinho de memorias, que costumava trazer consigo: Depois de haver por muito tempo resistido, esta Senhora respeitavel escreveu o seu nome, e logo após um verso de Sóphocles, cujo sentido vem a ser o que expressão os dous versos seguintes:

Um modesto silencio ha sido sempre  
Das mulheres o adôrno mais formoso.

Minha filha, se por ventura fôres instruí-

da', com mais razão deves em tal caso conservar-te silencioso ; o teu papel reduz-se a escutar, e não só isto é facil, mas até muitas vezes dá gosto aos mais. Não faças que a conversação recáhia, como fazem muitas mulheres vãs e tôlas, sobre um vestido, um penteado, um aderêço, ou sòlue outra parte pertencente ao toucadôr : de todos os passatempos é este o mais fastidioso, e o que os homens mais desprezão. — Um defeito bastantemente geral em o nosso séxo é o examinarem-se as mulheres mutuamente, passarem em revista todas as partes do seu traje, e adôrnos, para os sujeitarem depois a uma critica terrivel : Procêde isto de zêlos baixos e miseraveis. Livra-te, minha filha, de os têres. O criticar as outras, não te faria parecôr mais formosa, nem realçaria o esplendor de teus vestidos; antes só conseguirias com isso o dar má idéa do teu coração. — Muito podêra dizer-te; porém contentar-me-hei por agora com lêr as seguintes máximas de Pythágoras, e recolhidas de uma Collecção, que teu Pai fizêra de todas as daquelle philosopho, e com que me mimoseou no dia, em que casou comigo : Bem sabe elle, que não foi este o mimo, de que fiz menor aprêço. —

« Mulher, não queirás parecer-te com o homem. Os dons sexos não devem ter cousa alguma de commum entre si. »

« Mulher de governo, não imites a cigarrá, que faz muita bulha, e trabalha pouco. »

« Prefere em uma mulher o talento á belleza, e as graças ao talento. »

« Não digas mal das mulheres ; ellas tem muitos direitos, para que os homens as tratem com indulgencia. »

« Se encontrares varias mulheres ralhando umas com outras, vai seguindo o teu caminho. »

« Mulheres, não deixeis de ser fagueiras e modestas. Conservai vossos costumes pudicos: Não deis de mão ás graças. Para agradardes aos homens, sede sempre mulheres. »

« Mulheres môças, sede sempre amáveis, e fazei que vossas paixões nunca se irrite; nada desfeia tanto o rosto, como um movimento de cólera, ou um transporte produzido pelos zêlos. »

« Linho vêlho faz má teia. Esposas mãis, applicai esta lei de economia domestica á educação tardia e abandonada de vossas filhas. »

« A paz e a abundancia sahirão de tua casa no mesmo dia, em que nella entre uma mulher menos laboriosa, que linda; e mais amiga de si, que do governo interior da casa. »

« Mulheres, sabeis que ha ainda certa cousa superior a uma bella mulher : é uma mulher bella, e ao mesmo tempo modesta. »

« Mulheres de todas as idades, não deixeis passar um só dia sem fazerdes sacrificios ás Nymphas das fontes. » ( Pythágoras nesta máxima recommenda a limpeza diaria. )

« Cidadãos, guardai-vos de pôr na frente da vossa Republica aquelle que não sabe fazer-se respeitar de sua mulher, ou de seus filhos. »

« Menina, poucas abelhas encontrarás fóra da sua colmêa durante a noite. Faze que te não vejão tambem fóra da casa paterna, ou marital, toda a noite. »

« Queres, que teu marido esteja sempre a teu lado? Pórta-te de modo que não encontre em outra parte tantas graças, modestia, meiguice e ternura. »

« Meninas, no meio das occupações domesticas mais desagradaveis conservai certo ar de festa, e de adôrno. »

O *Pai*. Ide, meus filhos, dar uma volta pelo campo com vossa Mãe, em quanto eu vou pôr por escripto tudo quanto ella vos tem ensinado.

---

## TARDE XIX.

NÃO ATACAR A NINGUEM NA SUA GRENÇA  
RELIGIOSA.

Havemos chegado felizmente a uns tempos, em que os homens vão sendo mais tolerantes em materias religiosas. Considerai, meus filhos, que todos os homens são vossos irmãos, e não vejais em um homem de religião diversa da vossa um sêr condemnado por Deus.

Esta idéa funesta á Sociedade parte de um máo principio, e não pode ser agradavel a Deus, autôr de toda a justiça. —

Se vos encontrardes em uma reunião de pessoas de differentes religiões, não puxeis a conversação para aquella, que seguis: fôra isto dar desgosto aos outtos, ou dár-vol-o a vós mesmos. Por mais ridiculo que um culto vos pareça, deveis sempre pensar que tem um fim respeitavel, e que o vosso pode tambem parecêr ridiculo aos olhos de outros homens. A cegueira do entendimento é tão digna de compaixão, como a do côrpo; e dão é objecto de riso, nem criminoso o homem, que em um, ou em outro caso erra o seu caminho. Verdade é, que a Caridade nos ordena, que mostremos o caminho verdadeiro a quem vai errado; porém não é menos verdade, que a Caridade nos prohibe o castigar, ou ridiculizar a sua desgraça. — O objecto de todos os cultos do Mundo é o mesmo, e vem a ser, adorar o ENTE ETERNO, Creador de todas as cousas. Cada Seita crê, que a melhor de todas é a sua. Criticar, mofo, rir-se das ceremonias religiosas, ou seja em um templo de Protestantes, em uma sinagoga de Judéos, em uma reunião de Quâqueros, ou seja em um pagóde de Chinêzes, seria insultar as pessoas, que observassem estes differentes cultos, seria a grossaria mais grave, e mais digna de ser castigada. — Se vos obrigarem a declarar a vossa opinião, não a dissimuleis; porém falai sem offender a dos ou-

tros, evitando quanto seja possível o entrar em disputas religiosas. Recordai-vos do que dizia aquelle Papa tão sabio, como tolerante, Clemente XIV. « Se Deus permite os incredulos, nós devemos toleral-os. » Fenelon, aquelle respeitavel Arcebispo de Cambray, costumava dizer : « Sofrâmos o que Deus quér soffrer. » Estas duas máximas abundão em sabedoria e humanidade. Meus filhos, eu as entrego ao vosso coração; não vos esqueçais nunca dellas.

#### EMPREGO DO TEMPO.

Quão pouco reflectimos sobre o uso e valôr do tempo! É certo que esta máxima anda na bôcca de todos; porém poucos são os que a praticão. Os môços pensão, que lhes sobeja o tempo, para dissipal-o em futilidades.

#### OCIOSIDADE.

O tempo é precioso, a vida curta; por consequinte não deveria perder-se um momento. Os que reflectem, sabem isto muito bein, e põem a somma total do tempo a juro, ou a gástão no prazer; quero dizer, nunca estão ociosos, mas continuamente occupados no estudo, ou em honestos divertimentos. É tão sabido, como certo o adagio = A ociosidade é a mãe do vicio. = Não é igualmente menos certo, que = A priguça é a herança dos nescios, = e que na-

da ha tão desprezível, como um prigniçoso. Catião o Censôr, sabio e virtuoso Romano, costumava dizer, que só de tres accõs da sua vida estava arrependido ; era a primeira ter revelado um segredo a sua mulher ; a segunda ter ido uma vêz por mar, podendo ter ido por terra ; e a terceira ter passado um dia inteiro, sem ter feito cousa alguma.

## LEITURA.

« Tem cuidado dos ochavos (pequena moeda de cobre), dizia um ; porque as onças d'ouro o terão de si mesmas ; » E eu vos digo : Tende cuidado dos minutos ; porque as horas o terão de si mesmas. Fazei alguma cousa todos os dias ; não desperdiceis as meias horas, nem os quartos ; pois no fim do anno fazem uma somma consideravel. Por exemplo, ha no dia pequenos intervallos entre o estudo e os passatempos ; em vez de um homem estar assentado com os braços cruzados, ou despedindo da bôcca e ventas tanto fumo, como uma chaminó, vale mais pegar em um bom livro, e ler nelle um pedaço não superficialmente, mas tomando grande sentido no que se lê. Quando lêrdes, não passeis a segundo periodo, sem que tralhaiis entendido o primeiro, e não deixeis o livro, em quanto bem o não comprehenderdes ; pois, fazenlo o contrario, no fim de uma semana achar-vos-heis como se nada tivesséis lido.

## MODO DE FAZER AS COUSAS.

Qualquer cousa, que tiverdes que fazer, fazei-a tão depressa como poderdes, nunca de meias; porém sem interrupção, sendo possível. Nunca digais : = Em occasião mais conveniente falaremos nisso. = A occasião mais opportuna para tratar de um negocio é sempre a primeira ; porém o homem de juizo inarea tempo proprio para o estudo, e despacho dos seus negocios. As mais das vezes desperdiça-se muito tempo por má escolha, ou por falta de methodo nos prazeres e passatempos.

## METHODO.

A promptidão é a alma dos negocios; e nada contribue tanto para os despachar promptamente, como o método. Para cada cousa estabelecei seu método accomodado, e observai-o rigorosamente todas as vezes que vò-lo não impeção ontros inesperados accidentes. Fixai um dia e hora em cada semana para pôr em ordem as vossas contas; por este modo com pouco trabalho evitareis, que vos enganem, ou defrandem muito. Rotulai todas vossas cartas e papeis, e atai-os nas suas respectivas classes, para que os possais achar, quando delles necessitardes. Marcaí para cada dia o tempo de vosso estudo e leitura; e assentai em um livro aquillo, que mais despertar a vossa attenção no que lèrdes; a fim



de prestardes um soccorro á vossa memoria, e não para ostentardes de pedantes. Nunca levis livro algum de Historia, sem têrdes ao lado Mappas Geographicos, e um livro de Tábuas Chronologicas, a que recorrais, quando vos fôr preciso; sem isto, a Historia não passa de ser um montão confuso de factos. — Pode bem ser, que alguns jovens vos digão, que toda esta ordem ou methodo é cousa fastidiosa, só boa para gente de entendimento obtuso, sendo aliás uma sujeição desagradavel, e só por si capaz de suffocar o nobre fôgo da mocidade. Eu sustento o contrario: a ordem vos proporcionará mais tempo, e mais gosto para vossos divertimentos; e, bem longe de ser-vos cousa fastidiosa, se por ventura a pozêrdes em prática um mêz, costar-vos-hia depois muito trabalho a deixal-a. A occupação é para os prazeres o que o exercicio é para o alimento; é por isto que uma Comedia, um baile, um concôrto de musica causarão maior prazer ao homem estudioso, do que ao que passou o dia inteiro em uma inutil ociosidade: e chêgo até a dizer, que uma formosa menina parecerá ter maiores attractivos ao homem estudioso, do que a um pas-sador de rnas. — Muitos pensão, que se divertem, com tanto que não estudem, nem se occupem em cousa alguma: em consequencia habituão-se á priguica, e gostão só de frequentar aquelles sitios, onde podem fazer a sua vontade. Todavia posso dizer-vos que, exceptuando os criminosos, pessoas não ha mais

deslitosas que estas : por toda a parte por onde vão ; um sensibôr mortal os perségue, nunca estão contentes ; nos proprios prazeres, a que mais anciosamente anhelão, encontram um vazio, que não sabem encher, e que os atormenta. Chegando a ser velhos, tudo os importuna, e acabão por ser os tirannos de suas familias. — Se por casualidade vos faltarem alguma vêz duas ou tres horas para alguma cousa util, suppri-as com as destinadas para o somno : seis ou sete horas são bastantes para dormir ; tudo quanto daqui excede, é priguça. Se os vossos negocios, ou divertimentos vos occuparem alguma vêz até ás quatro ou cinco horas da madrugada, levantai-vos á mesma hora, que costumais fazê-lo ; para não perderdes as horas preciosas da manhã ; e a fim de que o somno vos obrigue a ir para a cama mais cedo em a noite seguinte.

#### BAGATELLAS.

Sobre tudo, meus filhos, não empregueis o tempo em bagatellas. O homem frivolo parece sempre occupado, porém em nada de proveito : Para elle os objectos pequenos são grandes, e desperdiça em bagatellas o tempo e a attenção, que devêra empregar em cousas de importancia. Para a observar os vestidos, e não os caractéres de quem os traz : Fixa toda sua attenção nas decorações de um theatro, e não faz caso da Péça : Não lhe escapa uma cerimonia da Côrte, e deixa a um

lado a Política. — Conhecei o verdadeiro valor do tempo ; arrebatái, colhei e gozai de todos seus momentos. Fôra com a ociosidade, com a priguiça, com as dilações ; nunca demoreis para o dia seguinte o que hoje podédes fazer.

#### ECONOMIA.

O patéta dissipa sem crédito, nem proveito ; o homem de juizo gasta por um modo inteiramente contrario. Este emprega o dinheiro, como o tempo, util e agradavelmente para si, e para os outros ; Aquelle compra o de que não necessita, e não paga o que lhe faz falta ; não passa por diante de uma loja de Alemães, sem cahir na tentação de comprar alguma caixa de tabaco, algum relógio, castão de bengala, anel, ou outras bugiarias e bagatelinhas, que só servem para arruiná-lo ; Contra elle se conspirão os seus criados e tendeiros ; e dentro de pouco tempo fica assombrado de ver em sua casa tantas superfínidades ridiculas, e tão poucas cousas das que augmentão a commodidade e o bem estar de um individuo. — Sem cuidado, nem methodo, as rendas mais pingues não servem para cobrir os gastos necessarios. Meus filhos, pagai immediatamente o que deverdes, com dinheiro á vista, e não com papel ; e pagai vós mesmos em pessoa, e não por intervenção de algum criado ; a fim de que não estipule com os tendeiros tanto por cento, ou o

mimo; que lhe hão de fazer por seus bons officios, segundo costumão dizer os criticos. Nunca por economia mal entendida compreis aquillo, de que não tendes falta, só porque vól-o dão barato, muito menos pelo néscio orgulho de ser objecto caro. Fazei uma conta exacta de tudo quanto recebeis, e de tudo quanto pagais: o homem, que sabe o que recebe, e o que gasta, nunca dissipará o seu diaheiro. Não quero dizer nisto, que assenteis por escripto as pequenissimas quantias despendidas em frioleiras; pois não merecem o trabalho de com ellas se gastar tempo, papel e tinta: só simi quero dizer, que em economia, bem como nas mais cousas da vida, déve o homem attendêr aos objectos de entidade, e desprezar as bagatellas.

---

## TARDE XX.

### DAS AMIZADES.

*O Pai.* Os môços costumão ser por via de regra mui francos, e daqui vêm o serem enganados com facilidade pelos tratantes e gatunos; figura-se-lhes, que qualquer brêgeiro, que se diz seu amigo, o é na realidade; e a esta confissão de amizade simulada correspondem com illimitada confiança, em troca da qual sempre perdem. Guardai-vos de amizades adquiridas á prêssa. Recebei com urba-

nidade aos que vos fizerem grandes offercimentos, porém desconfiai muito delles; pagui-lhes com cumprimentos, não com confiança. Não acrediteis, que boas amizades se grangeiem de repente: a verdadeira amizade caminha a passos lentos; e não médra, uma vez que não seja enstertada em um tronco de merecimento reciproco e conhecido. — Outra classe de amizade ha entre os homeus, que parece mui ardente; porém que por fortuna costuma ser de pouca duração; é a que se fórma depréssa, e que é devida á casualidade do encontro no mesmo caninho da libertinagem. Admiravel amizade por certo! fundada na borracheira, ou na lascivia! Pô-ra melhor chamar-lhe conspiração contra a sãa moral, e bõa criação, e que sôbre ella recalhassem os castigos dos magistrados policieus. Sem embargo, ha quem tenha a pouca vergonha, ha quem tenha o pouco siso de dar a esta conspiração o nome de amizade. Emprestando-se mutuamente dinheiro para mãos lins, envolvem-se em pendencias offensivas e defensivas a favor dos seus cumplices, contão uns aos outros o que sabem, e o que não sabem; até que por algum accidente, que sempre sobrevém, se dispersão, e nunca mais se lembrão uns dos outros, a não ser que seja para se fazerem mal, ou para escarneçê-rem da sua imprudente confiança. — Quando alguem se valêr de protestos para fazer-vos acreditar uma cousa tão provavel, que sem necessidade de taes asserções possa ser acra-

ditada, ficai certos que um tal trata de enganar-vos, que tem muito interesse em fazer-vól-a acreditar; pois de outro modo não tomaria tanto trabalho. — Deveis fazer differença entre companheiros e amigos: um companheiro condescendente e agradavel costuma ser muitas vezes um amigo perigoso. Não vos esqueçais nunca d'aquelle dictado tão certo, como sabido: = Dize-me com quem andas, e dir-te-hei quem és. = O que acompanha sempre com velhaços, é muito difficil que seja homem de bem. Lembra-te, Luizinha, daquella pequena fabula, que te ensinei a semana passada?

*Luizinha.* A das maçãs, meu Pai!

*O Pai.* Sim, minha filha; e se não estás esquecida, dize-nol-a agora.

*Luizinha recitando a fabula intitulada*

## AS MAÇÃAS.

1.

N'um cabaz boas maçãs  
Com maçãs pôdres juntei;  
As pôdres não melhorei,  
E apodrecêrão-me as sãs.

2.

Que aconteça a um bom assim,  
Se se une ao máo, é razão:  
O máo melhora-se? — Não;  
E o bom se empeora? — Sim.

O *Pai*. Esta pequena fabula, que Luizinha recitou muito bem, vos faz ver, meus filhos, o que podeis esperar, associando-vos a más companhias. — Quando recusardes a amizade de algum tunante, se é que amizade pode chamar-se, não o façais por um modo tão grosseiro, que elle se converta em inimigo vosso : pois se os perversos são máos para amigos, ainda são peóres para inimigos. Sêde realmente reservados quasi com todos, e mostrai-vos francos na apparencia : é cousa desagradavel o parecêr reservado, e mui perigoso o não sê-lo. Poucas pessoas sabem achar o justo meio entre estes dous extremos : muitos são ridiculamente misteriosos e reservados em bagatellas; e outros communicão imprudentemente tudo quanto sabem.

## DO MENTIR.

Nada ha mais criminoso, baixo ou ridiculo, do que o mentir : é effeito de malicia, de cobardia, ou de vaidade; porem, geralmente falando, os que mênsem, não conseguem o seu intento; porque tarde, ou cedo vem a descobrir-se a mentira. O embusteiro, que trata de desapreciar os bens, ou a reputação de alguma pessoa, poderá por algum tempo damnificá-lo, mas a final será elle quem terá mais que soffrer; pois, descoberta a mentira, todos o aborrecerão. — O que se equivóca, e tem a franqueza de o confessar, procede com nobreza. O que trata de evadir-

se de alguma coisa por meio de uma mentira, é um homem desprezível e cobarde. — Ha muitos, que se recreião em contar mentiras, que podem ser lavidas por innocentes; porque a ninguem fazem damno, senão a quem as diz; estas mentiras nascem de vaidade e loucura: Uns taes são amigos do maravilhoso, tem visto cousas, que nunca existirão; tem visto outras, que realmente nunca virão, ainda que existissem; sómente porque julgáráo, que erão dignas de ser vistas. Tem succedido, ou tem-se dito alguma coisa notavel em qualquer parte que seja? Immediatamente declarão, que se acháráo ali, e que fôrão testemunhas de vista. Sempre são os heroes das suas fábulas, pensão attrahir com isto a attenção dos mais: ainda que, a dizer a verdade, o que ganhão, é fazerem-se ridiculos e desprezíveis; accrescentando ainda a isto, o ninguem dar crédito ás suas narrações: pois é muito natural o suppôr, que uma pessoa, que mente por vaidade, não terá escrupulo em encaixar uma mentira mui gôrda, se fôr do seu interesse. Mens filhos, se alguma vêz chegardes a ver alguma coisa tão extraordinaria, que se possa duvidar da sua veracidade, não a conteis; para não dar occasião, a que vos tenham por embusteiros sequér por um minuto. — A dissimulação na juventude é precursôra de perfídia na velhice: o seu primeiro apparecimento é fatal pronostico de ignominia futura: Sêde em todos vossos procedimentos francos e



firmes, com as devidas precauções : O caminho da Verdade é facil e seguro, o da mentira é um labirintho confuso. O que uma vèz deixa apòs si a sinceridade, não é ja senhor de tornar para ella; porque um artificio conduz a outro, o enredo do labirintho se augmenta, até que cãhe nas rêdes, que elle mesmo tem tecido. — Vou lêr-vos agora uma fabulasinha, que compuz hontem á noite a este proposito.

### O MENTIROSO CASTIGADO.

Uns rapazêtes déstros nadadores,  
 Sem licença de Pais, de Professores,  
 Na calma intensa de abrazado Estio  
 Hião contentes mergulhar-se ao rio.  
 Como peixes, sem roupas, e ligeiros  
 Agora mergulhavão prazenteiros,  
 Agora, a veia d'agua atravessando,  
 Sem pagar barea, ou ponte hião passando,  
 Delles um, que á Verdade era contrario,  
 Folgazão, temerario,  
 Quando longe se achava  
 Dos outros rapazêtes, os chamava,  
 Dizendo-lhes : « Ai! vinde aqui correndo,  
 Que me alôgo: por Deos! que estou morrendo. »  
 Tôdo o bando corria pressurôzo;  
 Mas elle mais ligeiro, que um rapôzo,  
 Por debaixo das aguas se sumia,  
 E a uma longa distancia apparecia;  
 E da péça, que adréde lhes pregava,  
 Com grandes gargalhadas se jactava.

Mas ai! veio uma tarde desastrosa,  
 Em que a sua pagou graça enganosa;  
 Pois de repente vendo-se atacado  
 De uma câimbra mui forte o desgraçado  
 Ao tempo que andava satisfeito  
 Do largo rio quasi em meio leito,  
     Soltou altos gemidos,  
 Chamando os companheiros seus queridos,  
     Para evitar a sorte  
 De nas garras cahir da negra morte:  
 Seus amigos as vozes escutarão,  
     Porém imaginárão,  
     Que fazia esta tarde  
 Da arte de nadar gentil alarde;  
 E receando a péca conhecida,  
 Nenhum corrêo para salvar-lhe a vida:  
 Entre tanto o rapaz abandonado  
 Fôï-se ao fundo, e ficou nelle afogado.  
     Triste de quem de enganos se alimenta,  
     Se, ouvindo esta lição, não escarmenta.

*Emilio.* Meu Pai, eu desejava aprendêr de  
 côr esta fábula.

*Thiago.* Tambem eu, meu Pai.

*O Pai.* Pois bem, eu vôl-a ensinarêi; e  
 cuidado em não mentir, nem ainda por brin-  
 co. Porém, tornando agora ao nosso assump-  
 to, eu vos direi qual seja o modo de viver  
 bem com todos.

## ARTE DE AGRADAR.

Uma coisa dita por uma pessoa amavel, de um modo engraçado, e com semblante risonho, não pode deixar de agradar; a mesma coisa dita por entre dentes por um homem tóscico, com uma frente sombria, é fóra de duvida, que desagradará. Os poetas representão a Vênus acompanhada das tres Graças: Minerva deveria ter igualmente outras tres; porque sem ellas a Sabedoria tem poucos attractivos. — Se examinarmos attentamente a razão, por que certas pessoas nos agradão e captivão mais, do que outras de igual merecimento, conheceremos, que é porque aquellas tem consigo as Graças, e as outras não. Quantas vezes o mais solido merecimento tem sido mal recebido e desprezado por falta de graça; ao passo que um homem com algumas prendas superficiaes, pouco saber, e menos mérito, introduzido pelas Graças, tem sido recebido, querido, e admirado! Frequentes vezes a fortuna do homem depende para sempre do modo, com que se apresenta pela primeira vèz: Se o faz com graça, muitos se persuadem, que tem um merecimento, que é muito possível não tenha: Se se apresenta por um modo grosseiro, e desalinhado, previnem-se contra elle, e com muito trabalho lhe concedem o merecimento, que tem: O caminho, que conduz ao coração, passa pelos sentidos: quem cap-

tivar os olhos, e os ouvidos, ja tem feito meia jornada. — E' proverbio verdadeiro e antigo, que os Reis, que reinão mais segura e absolutamente, são os que reinão no coração de seus subditos : sua popularidade é para elles melhor guarda, do que um exercito; e o amor dos seus subditos um penhor mais seguro da sua obediencia, do que o medo. (1) Esta mesma regra pode applicar-se, guardadas as devidas proporções, ás pessoas particulares. O homem, que possui a grande arte de agradar universalmente, e de ganhar as vontades daquelles, com quem trata, possui uma força, que lhe sérve para sustentar-se, e elevar-se; e, em caso de contratenpo, para impedir a sua queda. Poucos são os jovens, que considerão, como devião, este ponto da popularidade; e succede-lhes que, quando chegão á idade madura, não podem recuperar o que tem perdido pelo seu desprezo. Tres são as causas principaes, que impedem a acquisição de uma força tão util;

- (1) Aqui não venho soldados,  
 Aqui não são atambor,  
 Outros reis os seis Estados  
 Guardão d'armas rodeados,  
 Vós rodeado d'amor.

.....  
 Que se pode ir mais avante  
 Com quanto alcança o sentido?  
 Sem ferro ou fogo, que espante,  
 Com dicas canas diante  
 His amado, e his temido.

SÁ DE MIRANDA, *Carta a el-Rei D. João III.*

o orgulho, a desatenção, e a timidez. A primeira é propria dos néscios, que, porque occupão um emprego dependente muitas vezes da vontade de um aulico, ou pela casualidade de terem nascido ricos, se julgão superiores aos outros humens; Vós, meus filhos, podeis dar graças a Deus por viver na abundancia; mas não tendes direito por isso para desprezardes o criado, que vos limpa os sapatos. O rico deve gozar das suas riquezas, sem insultar aos que tem a desgraça de as não possuir, nem igualmente avivar-lhes na memoria a falta dellas. Alem de que, a Fortuna é caprichosa; hoje podeis ser ricos, e amanhã pobres. Estais vendo exemplos terriveis desta Verdade. Os proprios Reis com todo o seu podêr não estão isemptos dos revêzes d'aquella inconstante Deosa. Em nossos dias temos visto algumas têtas coroadas descerem do throno, para subirem ao cadafalso, e outras para irem n'um desterro meditar sobre a inconstancia das cousas humanas. — Ouvi, meus filhos, o caso seguinte de Sesóstris, Rei poderoso do Egypto: Tinha na sua Côrte quatro Reis captivos, apanhados em quatro batalhas differentes; e, cheio de soberba, fazia que puxassem pela sua carroagem; Um delles tinha sempre os olhos fitos em uma das rodas. Sesóstris, movido de curiosidade, perguntou-lhe, sôbre que estava considerando? Ao que o Rei captivo respondeu o seguinte: « Observando o movimento da roda, e vendo que a parte, que agora es-

tá debaixo, um momento depois se acha em cima; e que essa mesma parte, que está em cima, se abaixa logo ao nível do terreno, penso em a nossa sorte futura. » Esta idéa surprehendêo tanto a Scésóstris, que no mesmo instante mandou pôr em liberdade aos quatro illustres captivos. — Eu, meus filhos, como podeis observal-o, tenho mais cuidado no tratamento, que é devido aos meus criados, e a outros que se dizem meus inferiores, do que no dos meus iguaes; só para que elles não suspeitem, que nutro o baixo sentimento de fazer-lhes ver a differença, que a fortuna tem feito, talvez injustamente, entre nós. A gente mōga não pensa nisto, e imagina falsamente, que umas maneiras imperiosas, e um tom áspero de autoridade e decisão, são sinaes de vivacidade e de animo esforçado. —

A *desatenção* é sempre contemplada, posto que muitas vezes injustamente, como effeito de orgulho e desprezo; e o que assim pensa, nunca a perdoa. Os jovens, costumados a tratar com pessoas de alta jerarchia, contemplão as outras classes como indignas da sua attenção, e dos respeito da urbanidade: dirigem assiduamente todas suas attenções ás personagens mais distinctas, aos ministros, aos sabios, ás formosas damas; ao passo que offendem com seu ar desdenhoso a todos os mais, com o que ganham milhares de inimigos de ambos os séxos. Confesso, que é muitas vezes desagradavel o pagar o devido tributo de attenção a homens

estupidos e pezados, a velhas feias e faladoras eternas; porém este é o preço mais baixo, por que se vende a popularidade e o applauso geral, os quaes são dignos de comprar-se, ainda quando fossem mais caros. Sêde pois attentos e cortezes com todas as pessoas; e se não podêrdes ganhar a sua boa vontade, conseguireis ao menos uma neutralidade parcial. — A *timidêz* ou o *pêjo* priva os jovens de muitos amigos, e lhes attrahe inimigos. Tem vergonha de fazer o que contemplão bom, pelo receio de que delles se ria alguma Senhora, ou algum fargola. Fazei prontamente sem temor, nem vergonha o que a Razão vos dictar, ou aquillo, que virdes praticar a pessoas de mais experiencia, que a vossa, e que sejam bem conhecidas por seu juizo, e bôa criação. — Sem embargo de tudo isto, dir-me-heis talvez, que é impossivel agradar a todos. Convenho; porém não se segue d'aqui, que não devâmos esforçar-nos por agradar ao maior numero, que podêrmos. Tamhem é certo, que apenas haverá um homem, que não tenha inimigos; porém o que menos tiver, será o mais forte, subirá ao ponto mais alto com menos invejas; e se cahir, será lamentado na sua quêda.

#### CUMPRIMENTOS.

Observai, meus filhos, o modo, com que um homem de bôa educação dá um *parabem*, ou um *pêzame* a seus superiores, a seus iguaes,

e a seus inferiores : observai o seu semblante, o tom da sua voz ; porque tudo concorre para o ponto principal de agradar. Vede com que vivacidade, com que ardôr e alegria em todo o seu rosto se apresenta a um nôivo, e abraçando-o, ou apertando-lhe a mão, talvez lhe diz : « Se V. m. faz justiça á amizade, que lhe dedico, julgará da alegria, que sinto nesta occasião melhor, do que posso expressar-lh'a, &c. » A outro, que está afflicto, dirige se-lhe lentamente, com grave passo, e em voz muito mais baixa talvez lhe diz : « Espero, que V. m. me fará a justiça de acreditar, que sinto o que V. m. sente, e que sempre tomarei interesse em tudo aquillo, que lhe diz respeito, &c. » — Antes de irnos dar um passeio ; e porque receio, que amanhã me esqueça, vos trarei á memoria aquelle proverbio, que diz : = Aonde fôres, faze, como vires fazer = ; Quero dizer nisto, que se alguma vez fôrdes a algum paiz estrangeiro, vos sujeiteis aos usos e costumes deste paiz ; para o que é bom que, alem de instruir-vos no idioma, que nelle se falar, vos provais de algum livro, que vos instrua ácerca do que deveis praticar ; a fim de não commetterdes certas faltas, que a vossa ignorancia não saberia evitar, expondo-vos em consequencia ao riso da gente, como homens de pouco conhecimento do Mundo. A boa educação não permite, que se desprezem, estando em paiz estrangeiro, aquelles usos, costumes e trajos, que não são confor-



mes nos nossos. — Vamo-nos ja daqui, antes que vos canceis de escutar-me. Eu bem sei, que nem tudo o que vos digo, vos ficará impresso na memoria; mas, com tanto que fique alguma cousa, terei conseguido o meu intento.

---

## TARDE XXI.

### DA ESCRIPTA DAS CARTAS.

*O Pai.* Todo o que tiver a vista expedita, e a mão direita, pode escrevêr conforme lhe dêr na vontade; porém ha mistêr advertir que é muito grande descortezia o dirigir a quem quer que seja uma carta cheia de traços indecifráveis, e de borrões. Não deve exigir-se, que todos tenham boa letra; mas sim que a fórma da letra seja clara, e não méras rabiscas; de modo que se não péren tempo em lêr a carta. Algumas tenho eu visto de uma personagem distincta, que continhão assumptos da maior importancia e urgencia, as quaes, depois de hora e meio de trabalho penoso, não poderão ser decifradas, não obstante acharmo nos reunidos tres amigos para este fim — Como occorre diariamente o escreverem-se cartas, é cousa mui importante o sabê-las escrevêr bem. Os descuidos em orthographia, e no estilo, não são desculpaveis nos homens, e ainda nas Senhoras parecem mal. O estilo epistolar deve ser con-

forme ao assumpto, de que se trata : Por exemplo, as cartas de commercio não devem contêr mais do que o necessario, com expressões e têrmos iguaes áquelles, que se empregariam, se se tratasse verbalmente o mesmo assumpto. — Um filho deve escrevêr a seu Pai singela e respeitosa; as expressões alambicadas só servem para fazer rir. Um Pai a seu filho amigavelmente, de modo que lhe inspire confiança; excepto quando tenha que reprehendê-lo : e ainda então o deve fazer misturando a firmeza com o carinho. — Uma carta de *pêxames* não deve contêr senão o que é próprio para mitigar a dôr; porém sem nada misturar, que cheire a jocôso. Uma de *parabêm* tem por objecto o manifestar o prazer, que sente a pessoa, que escreve, pelas fortunas, ou prósperos successos de um amigo, ou conhecido : as expressões affectuosas e amaveis assentão bem nestas cartas. Em geral todas ellas devem ser escriptas por um modo singelo e natural, apresentando as idéas do mesmo modo que as apresentariamos, se estivessemos falando com aquelles, a quem as escrevemos. Concisão, e correcção devem brilhar nellas. O estilo jocôso convém sómente aos amigos intimos. —

Os melhores modelos de Cartas, que posso recommendar-vos, são as de Cicero a Attico, e a seus amigos; e as de Plinio, entre os antigos. As de Santa Thereza de Jesus, as tres Cartas censorias do Bacharel Pedro Rna, as de Antonio Péres secretario de Fi-

lippe II., e as do Padre José Francisco Isla a sua irmã e a seu cunhado, entre os Hespanhoes. As de Madama Sevigné entre os Francezes. As de Lord Chesterfield, as de um pobre nêgro, chamado Ignacio Sanchio, escriptas haverá mcio século a seus protectores e amigos, as do Dião Swift, as do Doutor Johnson e de outros varios, entre os Inglezes. Nas Cartas do Cardeal Ganganelli, depois Clemente XIV, brillão a singeleza, a clareza, a doçura, a tolerancia e um sabêr profundo. São finalmente dignas de ser lidas em Portuguez, entre outras, as do Bispo D. Jeronimo Osorio, e as do famigerado Padre Antonio Vieira, &c. — É necessario saber as ceremonias e etiquêtas do estilo, quéto dizer, o papel de que se deve usar, a margem que nelle deve deixar-se, o logar da data, da assignatura, e da anti-assignatura; o modo de dobrar a carta, de fechal-a, de pôr-lhe o sobrescripto. (1) Se ao tempo de escrever a carta, ou o sobrescripto, lhe cahir algum borrão, ou qualquer outra nódoa, deve

---

(1) As cartas dirigidas a paizes estrangeiros devem ser escriptas em papel fino, para evitar o acrescimo dos portes, se estas se regularem pelo pzo. Em Inglaterra, onde os portes são excessivos, paga-se por folha de papel; de maneira que dois pequenos quartos de papel separados um do outro pagarião porte dobrado, au passo que uma folha de papel tamanha, como o periodico *Times*, pagaria somente porte singelo. Por consequencia os que escreverem para Inglaterra, não devem fechar a carta em outro papel, sómente para uelle pôrem o sobrescripto.

escrever-se outra; e se para isso não houver tempo, é absolutamente indispensavel o pedir perdão por envia-la em tal estado. Todas estas miudezas, como diariamente acontecem, e podem agradar, ou desagradar, merecem alguma consideração : quem dellas não faz caso, é justamente notado de faltar ao respeito, que deve aos outros; e por conseguinte não deve estranhar, que lh'o não guardem.

#### DA PRONUNCIÇÃO AO TEMPO DE FALAR.

Quem deseja adquirir uma pronuncia agradável, deve lêr todos os dias em alta voz um pedaço a um amigo entendido, supplicando-lhe, que o interrompa e corrija, quando fôr demasiadamente apressado, quando não marcar os diversos periodos e membros de cada um, ou não pronunciar com a clareza devida. Na falta de um amigo, ou de outra pessoa, que corrija, será bom que leia para si, porém em alta voz, accommodando a pronuncia ao seu proprio ouvido, e variando aquella conforme o assumpto, para evitar certa toadilha enjoativa e monótona, mui propria para conciliar o sômnio a quantos estiverem ouvindo a leitura. Ha mistêr abrir os dentes para lêr, ou falar, articulando cada uma das palavras com clareza, o que não pode fazer-se sem se pronunciar a ultima letra. Com este exercicio diario adquire-se em pouco tempo muito desembaraço e graça na leitura. — Não são tambem para desprezar-se

a voz e o modo de falar : algumas pessoas ha, que quasi fechão de todo a bôcca, quando fálão; e rónão, sem que se lhes entenda palavra : outros ha, que correm pela pósta, como uns correpios, cóspem na cara do individuo, com quem estão falando, e nada igualmente se lhes entende : outros gritão, como se fossem surdos aquelles, que os estão escutando : e outros abaixão tanto a voz, que nada se lhes ouve. Todos estes hábitos são grosseiros e desagradaveis : por cuja razão devem ser evitados. Tenho visto pessoas de muito talento mal acolhidas por faltarem a estas bagatellas, ao passo que outras de muito pouco talento erão muito bem recebidas; porque as observavão.

#### EXPRESSÕES VULGARES.

A vulgaridade na linguagem é sinal característico de má educação, e de sociedade com gente ordinaria. Expressões proverbias, e ditos communs são as flores de Rhetorica usadas pelo homem vulgar : tem de mais disto uma palavra mimosa, que a cada passo prodigaliza, com o que cança e rala os ouvidos dos que estão a seu lado. Na sua mesma pronunciaçãõ dá a conhecêr a gente, que frequenta : estropêa as palavras; pois diz *commendante*, *questãa*, *argumentar*, *pracciro*; em lugar de *commandante*, *questão*, *argumentar*, *parcciro*, &c. Um homem delicado não se serve de proverbios, e aforismos vulgares; não emprêga a cada passo palavras

mimosas, nem outras indecentes e grosseiras: antes sim fala correcta e grammaticalmente, e pronuncia como deve ser, isto é, conforme o fazem as pessoas mais instruidas, e mais bem educadas. De tudo isto costuma resultar, quando menos, que algum facéto marca a um homem com uma alcunha, que o acompanha mais tenazmente, do que o seu proprio appellido.

#### ALCUNHAS.

Não ha cousa, que deva temêr com mais razão um joven, quando se apresenta pela primeira vez no Mundo, e que dêa evitar com maior cuidado, do que a imposição de uma alcunha, que o ridiculise. Se a alcunha envolve alguma graça maliciosa ou picante, fica sendo mais permanente, do que o seu proprio appellido, de maneira que nem as sombras da morte chegão a apagar-lha. O que dá occasião a impôr-se uma alcunha a alguem entre pessoas de boa criação, costumão ser em geral certos pequenos defeitos no modo de apresentar-se, de sandar, de falar, de andar, de vestir, &c. Os defeitos corporaes nunca devem ser objecto da zombaria de ninguem. Não sejais, meus filhos, do numero desses, que se entretêm nos ajuntamentos em pôr alcunhas; pois uns taes são desprezados ainda des mesmos, a quem fazem rir. Aconselho-vos tambem, que nunca publiqueis as fraquezas e achaques dos outtos, com o expresseo designio de divertirdes uma

sociedade : o homem de bem trata antes de occultar as desgraças e fraquezas alheias, do que de apregoal-as para despertar o riso. Os que tem graça no dizer, devem agradar, e não damnificar : podem brilhar como o Sol nas Zonas Temperadas, sem queimar.

*Emilio.* Vejo, meu Pai, que são necessarias muitas cousas para qualquer se apresentar no meio da gente, e parecêr bem.

*O Pai.* Sim, meu filho; porém irás aprendendo-as insensivelmente, se tiveres cuidado de lêr de quando em quando todas as regras da Urbanidade, as que vos tenho falado, e que depois vos darei por escripto, visto que a memoria é fragil : e tambem se, alem de as lêres, observares como se comportão as pessoas bem educadas. — Deixemos porém isto por hoje, que se vai fazendo noite.

---

## TARDE XXII.

*O Pai.* Meus filhos, tenho tencão de dar fim esta tarde ás minhas instrucções.

*Thiago, e Emilio.* E porque, meu Pai?

*O Pai.* Porque, ainda que podêra alargar-me muito mais em cada um dos artigos, de que vos tenho falado, de *Boa Moral*, de *Virtude*, e de *Urbanidade*, contemplo, que vos tenho dito assás, para que sejais bons, virtuosos, e cortezes, se quizerdes aproveitar-vos dos meus conselhos. A redundancia dema-

siada ácerca destas materias costuma prejudicar muitas vezes ; poucos gostão de um sermão extenso : por grandes bellezas que tenha uma ópera, logo que é comprida, cança a generalidade dos ouvintes. Quanto mais não deve cançar uma serie de conselhos, não sustentados pelos encantos de uma musica agradável, nem pela eloquencia e profundidade de um Cícero, ou de um Pythagoras ! Resta-me falar-vos ácerca do modo de ir para a cama ; ou de deitar-vos, o que farei em breves palavras.

DO TEMPO, E MODO DE IR TOMAR O DESCANÇO  
DA CAMA.

Tenho-vos dado pouco mais ou menos todas as regras de Urbanidade, que podem pôr-se em prática no decurso do dia ; nos mais casos, que vos occorrêrem, e de que vos não tenha falado, imitai as pessoas, que a uma prohibidade a toda a prova sabem unir a verdadeira cortezania, que tem por fim principal o agrandar — Quanto á hora de deitar-vos na cama, se fordes senhores de fazê-lo, quando melhor vos pareça, aconselho-vos, que o não façais depois da meia-noite. Já vos tenho falado em outra occasião das ventagens, que consigo traz o madrugar, tanto para a saude, como para o melhor desempenho dos negocios. Para madrugar é preciso deitar cedo. — Antes de ir para a cama, um filho bem educado deve dar as boas



noites, e beijat a mão a seus Pais, e saudar as pessoas presentes. — Não deve metter-se na cama, sem ter dado graças a Deus por todos os beneficios recebidos durante aquelle dia. — No modo de despir-se deve haver a mesma decencia, que no vestir. Os vestidos devem pôr-se com certa ordem em lugar determinado, de maneira que seja facil o achal-os de manhã, ou de noite, se houver precisão de sair da cama : a ordem é cousa utilissima, e economisa muito tempo — Antes de adormecerdes, occupai-vos por alguns momentos em trazer á lembrança as vossas acções d'aquelle dia : vêde, se tendes feito alguma cousa util, se haveis cumprido os vossos devêres; e promettei ser melhores no dia seguinte, se não estais satisfeitos com o modo, por que empregastés o tempo, que acaba de passar. Pensai, que o tempo foge para nunca mais voltar, e que as horas perdidas são outras tantas de menos na marcha da vossa existencia. — Esta reflexão é terrivel; e se todos a tivessemos fixa na memoria, seriamos mais avaros do tempo. — Eis aqui, meus filhos, tudo quanto ha de mais essencial, e digno de ser por vós praticado para cumprirdes os vossos devêres. Resumirei agora em poucas palavras tudo, quanto tenho deixado dito. — Fazei o mesmo bem, que vos fizerem, e sereis *homens de bem*. — Praticai o bem sem interesse, e sereis *virtuosos*. — Observai na Sociedade uma attenção obsequiosa, servical e agradavel com os mais, e

sereis *cortêzes*. — Em fim reuni estas tres cousas, e sereis *peessoas cubacs ou perfeitas*. — Quanto a mim, tenho cumprido com um dos pontos mais essenciaes da Boa Moral : tenho vos communicado as mesmas lições, que recebi de meus respeitaveis Pais. Algum dia, se Deus o permittir, occupareis o lugar, que eu agora occupo. Transmitti então a vossos filhos as lições, que acabo de dar-vos : é este um devêr sagrado, que eu me comprazo em pensar desde este momento, que sabereis desempenhar. É' por este modo, que os bons principios se propagão, e se mantêm entre os homens.

F I M.

---

## MAXIMAS

### PARA BOM REGULAMENTO DA VIDA DE UMA MULHER.

1.

Acostuma-te o melhor, que possas, ao genero de vida, que mais convier á pessoa, com quem te tiveres ligado. Se este plano te apartar de divertimentos, e de concurrencias, considera que, por muito que estas te agradem, mais valôr tem a paz domestica, e a estimação reciproca.

2.

Busca aquellas occupações, que mais agradaveis lhe são, e que maior importancia e valôr tem a seus olhos; preferindo a todas o governo domestico, que é o verdadeiro imperio da mulher.

3.

Se as suas occupações o forcarem a ausentar-se dos seus lares, faze que seja nelles respeitado sempre, como se presente estivera.

4.

Se o máo exemplo o traz contaminado, tem por cousa segura, que a discordia e a impaciencia não são os meios mais opportunos de attrahit-o ao seio da Virtude.

5.

Não perturbes os seus prazeres innocentes; tóma parte nelles, fazendo-lhe conhecêr que os gózas, porque vês lhe são gratos.

6.

Não amargures os bocados do seu recreio, e descanço com a relação de desgostos domésticos.

7.

As tuas attentões para com elle devem ser continuas, mas não importunas; affectuosas, mas não affectadas.

8.

A menor sombra de adulação faz suspeitar miras, ou fins interessudos, indignos de uma união tão pura.

9.

De ti depende, que prefira a sua casa ás alheias : Faze, que nella seja feliz.

10.

Se tens a desgraça de ligar-te a uma familia dividida pela discordia, não tomes nunca a menor parte em suas desavenças.

11.

Se os amigos do Companheiro da tua sorte não te parecem dignos da sua pessoa, não trates de o separar delles precipitadamente: Em lugar de exigir, convence.

12.

As demonstrações excessivas de ternura, posto que autorisadas por um vinculo sagrado, costumão produzir efeitos tão funestos, como a mais declarada aversão.

13.

A inconstancia dos seus afagos augmentar-se-ha com a contradicção, e com as exprobrações : Mais seguro é o caminho da suavidade, e do perdão.

14.

Respeita as suas faltas, cõbre-as com um véo; não as confies a pessoa alguma, nem ainda aos autores da tua existencia.

15.

Os zêlos muitas vezes não tem outro fundamento, que a imaginação; porém tão aëria costuma ser a sua origem, como são sempre terríveis e dolorosas as suas consequencias.

16.

Se a tua união é, ou te parece completamente feliz, usa com sobriedade da tua satisfação; porque toda a ventura humana está exposta a desapparecêr em um momento; e nunca é tão dolorosa a perda, como quando parece impossivel que se verifique.

17.

De mais são as penas, que amargurão a vida; não as augmentes com sôbresaltos chimericos, nem com temores sem fundamento.

18.

E' muito mais facil de reduzir um entendimento obcecado, do que o amor proprio ferido. A injuria, em vez de convertêr, exaspêra.

19.

Nas doenças do cõrpo não te costumes a queixas, nem a lamentações, que não dão alivio a quem padece, e molestão aos que lhe assistem.

20.

A união mais intima e mais sagrada profâna-se com nêscias confidencias. Sem sêres dissimulada, podes ser prudente; sem sêres cautelosa, podes ser reservada.

21.

Vive álferta contra qualquer pessoa , em quem conhecêres desejo , ou interesse de perturbar a paz domestica : Em taes casos é licita a intolerancia , e é saudavel o rigôr.

22.

A amizade com as pessoas do teu sêxo pode ser um dos maiores obstaculos , que possas apresentar á tua ventura : Por desgraça a amizade entre mulheres nasce frequentemente antes da analogia de seus defeitos , do que do desejo de corrigil-os.

23.

Antes de contrahirmos uma amizade , é necessario saber , que devêres ella nos impõe , e em que lancees pode comprometter-nos.

24.

A amizade entre as mulheres mõeças , que frequentão a scena do Mundo em grande , e que sempre apparecem juntas nas assemblêas , é um dos viuculos mais frágeis , mais perigosos e mais imprudentes , que podem contrahir os mortaes.

25.

Reflexiona , antes de escolheres uma amiga , que vais participar da sua reputação.

26.

O sorriso é o melhor adôrno das labios de uma mulher ; mas autoriza muitas vezes a falta de decôro , a malignidade . e a insolencia : Em taes casos nunca será demasiada a expressão de severidade.

27.

A curiosidade é o caminho da impruden-

cia : Fuge de tudo quanto possa despertá-la :

28.

Muitas vezes julgarás que o que te move, é a prudencia, a benevolencia, o desejo de seres util, de evitares um perigo, de instruir-te em cousas graves; e tudo isto não passa de curiosidade.

29.

A que deseja saber mais do que deve, põe-se na vergonhosa dependencia de quem pode satisfazê-la. A que só aspira a saber o que deve, só depende de si mesma, e dos que nunca abusarão de sua superioridade.

30.

Raras vezes sôgne os conselhos, que te dærem, sem que os pégas; sê ainda mais escussa em os dares, quando l'os não pedirem.

31.

Entre o pensar sôbre uma boa acção, e o executá-la, não deve medir um momento. O bem nunca se deixa para o dia de amanhã.

32.

Se queres confiar-te de ti mesma, faze-te digna disso; porque é imprudencia dar confiança a quem a não meréce.

33.

Se houveres de passar a vida na companhia de pessoas, que te sejam superiores, arma-te de paciencia; se de inferiores, arma-te de humildade.

34.

Sempre é por culpa nossa, se exerce de-

masiada influencia sobre nossas acções, quem para isso não tem direito.

35.

O demasiado apêgo aos amigos, entre outros muitos inconvenientes, traz consigo o de expôr-nos aos mais amargosos pezares. Quando estiveres na companhia de uma pessoa, a quem amas em extremo, imagina, que a cada instante pode abrir-se entre ti e ella um abismo, que vos separe para sempre.

36.

E' necessario saber escolhêr as occupações: Nem todas as acções, a que dámos este nome, o merecem; nem ha cousa mais lamentavel, que empregar as nobres faculdades da alma em bagatellas.

37.

Cada idade tem occupações, que lhe são proprias; mas em todas as épochas da vida as occupações devem ter um fim util. A grande vantagem da riqueza consiste, em que as occupações, de quem a possuem, podem ser sempre uteis a outrem.

38.

Muitas vezes se perdem as occasiões de fazer bem; porque nos não temos applicado a sabêr o quão facil é fazê-lo. A verdadeira Caridade requere certo estudo: Por meio deste nos pômos em estado de soccorrer muitos males sem esforço, nem sacrificio.

39.

Não convêm que uma pessoa se differencie pelo descuido no traje, nem pela vulgaridade



das expressões ; mas também não é justo o pronunciar um juízo severo contra os que incorrem nestas faltas.

40.

Quando estivermos com inferiores, devemos collocal-os ao nosso nível ; quando estivermos com superiores, devemos esperar que nos colloquem no seu : Em um e outro caso convém evitar-se a familiaridade, que é a porta da offensa, e da discórdia.

41.

Todas nossas obrigações merecem ser examinadas theoreticamente, para que o raciocínio lhes dê um apoio, que nada seja capaz de destruir. A mulher solidamente virtuosa é a que sabe a razão, por que o é.

42.

Não te costumes a aprendêr as doutrinas moraes em ficções, e allegorias ; e considera que o melhor uso, que podes fazer da tua razão, consiste em applical-a ao conhecimento dos teus devêres.

43.

Para tirarmos proveito de um documento moral, é conveniente applical-o á nossa propria situação ; Vinte annos de vida bastão para encontrar cada qual em si mesmo applicações práticas de todas as theorias moraes.

( Extrahidas das *Cartas sobre a Educação do Bello Sexo* por uma Senhora Americana, Carta X. )

MAXIMAS E SENTENÇAS,

COLHIDAS DE DIFFERENTES AUTORES, DE QUE  
PODEM FAZER PRUDENTE USO OS INDIVIDUOS  
DE UM E D'OUTRO SEXO.

A boa-moral e o bom senso, cortados e deramados em Proverbios e em Maximas, podem muitas vezes melhorar uma Nação.

O mais rico thesouro offerecido á Mocidade seria uma collecção de bons e de bellos pensamentos humanos.

Os preceitos ou dictames da bôa-moral são como os grãos espalhados pelos ventos; sempre alguns delles lançam raizes.

---

A maior parte dos homens não são para se amarem, nem para se aborrecerem; só sim para serem tolerados.

Não aceites o serviço do máo; porque elle alligar-lhe-ha um valor excessivo.

O homem, que se deixa abatêr pela desgraça, não merece o nome de homem.

A felicidade consiste em se accommodar cada um com a sua sorte, e em não querer ser mais do que é.

O maior mal, que pode fazer-nos um inimigo é costumarmos o nosso coração ao odio.

Os dardos da maledicencia e da calumnia, aguçados de ambos os lados, offendem tambem a quem os crava.

É raro, que não façamos bom mercado, comprando prazeres a trôco de privações.

A gloria compra-se a trôco da felicidade, o prazer a trôco da saude, o favor a trôco da independencia.

Não ha escravo mais vil, do que aquelle, que faz ostentação de um vicio, para agradar a outrem.

A tendencia, que nos leva a presumir bem dos outros, é o sinal menos equivoco de probidade.

Sê amigo da verdade, até o ponto de dures a vida por ella; mas não sejas o seu apóstolo, até o extremo de seres intolerante.

Acontece com o verdadeiro amor e com a felicidade o mesmo, que com a appareição das almas do outro mundo; todos falam nellas, e ninguem ha de bôa fé, que as tenha visto.

A vaidade procura a approvação dos outros, a verdadeira gloria busca o testemunho secreto da sua consciencia.

O dinheiro não pode dar felicidade; é necessario pedil-a ao trabalho e á virtude.

Todo aquelle, que gozar de saude, e que não carecer do necessario, se arrancar do seu coração os bens da opinião, é sufficientemente rico.

O homem, que reúne em si a insolencia com a riqueza, corre a largos passos para a sua ruina.

· A franqueza tem seus limites, passados os quaes, degenera em tolice, ou em imprudencia.

· A mentira é como bolas de neve, que vão engrossando, ao passo que correm por uma montanha abaixo; a final páram, e reduzem-se a nada.

· Abrir os braços ao proprio destino, é de todos os meios o mais infallivel para mitigal-o, quando nos é adverso.

· A delicadeza no trato, e a escôlha das palavras caracterizam as pessoas polidas e de boa companhia.

· A ignorancia assevera, o homem instruido duvida, o sabio reflecte, e suspende o seu juizo.

· O homem vai após o prazer, como um menino atrás de uma ave; elle está sempre fóra do seu alcance, nunca fóra da sua vista.

· O escravo tem só um senhor; o ambicioso tem tantos senhores, quantos são os individuos uteis para a sua fortuna.

· O mais seguro, para quem tem medo, é avançar.

· Ter inveja a alguém é confessar-se seu inferior.

· Os melhores fructos são os que tem sido espicagados pelos passaros; os homens mais virtuosos são os, que a calumnia atassalha.

· Quem limita os seus desejos, é sempre muito rico.

· O sabio escuta a justiça, a razão e a verdade, quaesquer que sejam as bôccas, por que ellas são enunciadas.

Despreza as injurias da canalha ; que outra cousa pode fazer a lâma , senão sujar ?

« Tu (dizia Pythagoras), que não gostas do vinho, que ferve; não ajuizes do homem no acto da sua colera ».

Gloriar-se da nobreza de seus antepassados é buscar nas raizes o fructo, que deve achar-se nos ramos.

O fraco treme deante da opinião, o louco arrosta-se com ella, o sabio julga-a, o homem habil dirige-a.

Não vos enchaes de vaidade por ter talentos, todas as vezes que elles só podem brilhar á custa alheia.

Os grandes ingenhos confundem mais, do que esclarecem, quando a probidade os não inspira.

Quasi todos os meninos estouvados, berradores e voluveis vem a ser homens mediocres.

Ver o fim a que se tende, é juizo; alcançal-o, é justiça; parar nelle, é força; passar alem, é temeridade.

Aquelles, que nós calumniâmos, ou de quem dizemos mal, as mais das vezes valem muito mais do que nós.

Os que tem sempre alguma cousa, que fazer, devem fugir daquelles, que tem sempre alguma cousa, que dizer

Mostra conhecer bem pouco os relances da fortuna, quem se entrega á desesperação.

O homem de bem regula o seu modo de proceder não pelo dos seus collegas, mas pelos dictames da honra e do dever.

As pessoas atulhadas de dons da fortuna são como os navios muito carregados, que estão mais em risco de ir ao fundo, do que os outros.

O bravo conhece-se na guerra, o sabio na cólera, o amigo na precisão. ( Sentença Persiana. )

Os amantes podem amar-se, antes de se conhecerem; os espôzios devem conhecer-se, antes de se amarem.

A falta de educação e de sensibilidade dão-se a conhecer pelo esquecimento das decencias.

« Marchai, ( dizia Pythagoras ) a par da multidão; nunca porém no meio, nem á sua frente ».

As mais das vezes as Côrtes são como magnificos relogios mal regulados, brilhantes por fóra, e não encerrando por dentro, senão confusão.

O homem augmenta o seu crédito, quando o emprega a favor da justiça e da amizade.

Comprar a crédito é pagar duas vezes.

É ser monstro não amar aquelles, que tem dado cultura á nossa alma.

Custa mais trabalho a vingança de uma injuria, do que o seu esquecimento.

Uma pequena somma emprestada faz um devedor, uma grande faz um inimigo. ( Sentença de Séneca. )

Da calumnia ninguem triumpho senão por meio do desprezo.

Quem não contar com cousa alguma, jamais será frustrado em suas esperanças.

Se o homem tivesse sido destinado para a escravidão, o Creador teria feito d'elle um bruto, e não um ente pensador.

O zeloso passa a sua vida em busca de um segredo, cuja descoberta destroe a sua felicidade.

« Aprender dos sabios (dizia o grande Frederico), e divertir-se com os loucos, eis o que convêm a homens sensatos ».

Convêm deixar aos invejosos o direito de dizer injurias, e aos tôlos o de responder-lhes.

O trabalho faz desaparecer o tédio, o vicio e a miseria.

O homem obtêm uma velhice feliz em trôco de uma mocidade virtuosa.

É necessario ter muita virtude, ou perversidade e orgulho, para um individuo se não importar com o que d'elle se dirá.

Os homens eminentes nunca são bem julgados; porque são vistos de muito longe.

O homem deve empregar a primeira parte da sua vida em falar com os mortos, a segunda em falar com os vivos, e a terceira em entreter-se consigo mesmo.

A inveja faz a gloria de quem a causa, e a vergonha e desgraça de quem a sente.

O silencio da inveja equivale a um elogio.

Para viver como homem, é necessario esperar pouco, e não desesperar de cousa alguma.

Em uma duzia de exagerados encontram-se um louco, um tôlo, e dez hypócritas.

Aproveitai-vos do tempo, dos homens e das cousas, taes quaes ellas são, na certeza de que o Céu não fará outras de proposito para vós.

O homem de bom sentir e de juizo considera tudo debaixo de todas suas faces, e nunca é fanatico; vê o pro e o contra, firma-se na virtude, e entrega-se nas mãos da Providencia.

Não ha delicias, que não percam este nome, quando a abundancia e a facilidade as acompanham.

O verdadeiro modo de vingar-nos de um inimigo é não o imitar.

Ha uma força ou uma faculdade, que faz o homem proprio para tudo; consiste ella em saber soffrer, e muito soffrer, sem se queixar.

É verdadeiramente rico, quem sabe limitar seus desejos a suas faculdades.

A sympathia gera a amizade, a complacencia a augmenta, a grande familiaridade a deita a perder.

O mundo está cheio de fanfarrões de amor, e de hypocritas de amizade.

Esceutai os differentes partidos, e formai a vossa opinião; porém não disputeis com nenhum delles.

A nossa reputação não depende sempre de nós; mas das boas ou más idéas, que a parvoice dos outros de nós fórma.

O homem forte é o que sabe ser desgraçado.



« De dous homens de forças iguaes (dizia Pythagoras) o mais forte é o que tem razão ».

Não caveis muito profundamente no coração ainda do vosso proprio amigo; receai encontrar nelle a hydra do egoismo.

A liberdade é um bem fragil, desejado por todos os homeus; mas do qual todos elles abusam.

O homem simples e franco, com a sua reputação de rectidão, fará mais negocio em um dia, do que o homem manhoso dentro de um anno.

O excesso de franqueza é uma indecencia, hem como a nudêz.

A franqueza não consiste em dizer tudo; quanto pensámos; mas sim em não dizer, senão o que temos no pensamento.

A nobreza é um terreno, que se converte promptamente em baldio, uma vêz que não seja constantemente cultivado pelo mérito e pela virtude.

A mais bella genealogia é uma longa série de serviços feitos á Patria e á Humanidade.

O verdadeiro modo de ganhar muito consiste em não querer ganhar em demasia, e em saber perder a proposito.

Não ha gauho mais seguro, do que o da economia.

Sê reservado em fazer recommendações; pois entre pessoas de bem ellas devem ser actos de fiança.

Vale mais guardar cada um o seu segredo,

do que dal-o a guardar a outrem. (Sentença Persiana.)

Os pais, que não corrigem seus filhos, votão-nos á desgraça e ao cadafalso.

Ha menos ingratos, do que se julga; porque o numero dos homens generosos é menor, do que se pensa.

Arrostar-se com a morte, para viver na Historia, é pagar com a vida uma gôta de tinta.

Fazer demasiada reflexão sôbre a propria desgraça é aggravar uma chaga, coçando-a.

A boa graça consiste na ausencia de toda a affectação.

Para ter direito ao gôzo da gloria de nossos pais, faz-se indispensavel que delles tenhamos herdado as suas virtudes.

Os ociosos sabem sempre quantas horas são.

O sabio tem vergonha dos seus defeitos, mas não tem vergonha de corrigil-os. (Sentença de Confucius.)

A vergonha de si mesmo é o maior supplicio da Humanidade.

Vale mais expôr-nos a hospedar o Diabo, do que fechar a porta aos desgraçados.

O homem, que se respeita a si mesmo, só se humilha na presença de Deus.

Os homens só são máos; porque ignoram o interesse, que tem em ser bons.

Nos successos incertos a audacia é tudo.

Se as apparencias podem servir de provas, é quando se trata de salvar um innocente.

O meio unico de cumprirmos inviolavel-

mente a nossa palavra, é não a darmos nunca, senão depois de haver sôbre ella maduramente reflectido.

O homem acostuma-se tanto á sua propria felicidade, que chega como a ser insensivel a ella; porém sente sempre prazer em ser autor da felicidade alheia.

Um amigo, que nos adverte judiciosamente dos nossos defeitos, é um bem inestimavel. Onde vires, que o máo goza de reponso, pode receios conceber o coração humano.

A fome mette ás vezes a cabeça pela porta do homem laborioso, porém nunca se atreve a entrar lá dentro.

Comei, e purgai-vos moderadamente; lavai-vos, e transpirai muito; e rir-vos-heis dos Medicos.

O lisoujeiro é como a serpente, que lambe por longo tempo a sua prêza, antes de a tragar.

Lava a injuria, que tens recebido, não no sangue, mas no Lethes.

O homem menos livre é o, que tem maior numero de escravos.

Muito pouco reconhecimento, e mil dardos de sátyra são o premio de todo o, que se atreve a ser escriptor.

O primeiro mêz do casamento é a Lua do mel, o segundo a Lua do fel. ( Sentença Persiana. )

Evita expressões desbocadas; neste genero nunca poderás lutar com energia contra a canalha.

Sê economico : a falta de dinheiro causa muitas vezes a falta de juizo, e as mais das vezes a falta de probidade.

A falta de palavra é mais frequentemente falta de bôa fé, do que falta de memoria.

Do desprezo da reputação nasce o desprezo da virtude.

Milhares de remedios existem, para adoçar a desgraca do homem de bem; nenhum porém pode descobrir-se, para mitigar a do máo.

A esperança, por enganosa que seja, serve ao menos para conduzir-nos até o fim da vida por um caminho agradavel.

O menos pobre de todos os homens é o, que tem menos desejos.

Os homens são, como os enfermos, ou como os meninos; só se lhes deve dar o pão da verdade em pequenos boccados.

O desprezo faz morrer a maledicencia.

Quem ama, está exposto a morrer duas vezes, de morte natural, e de ausencia.

O sinal mais verdadeiro de haver nascido com grandes qualidades, é o ter nascido sem inveja.

Negar, não he provar; e todavia é este o recurso dos tôlos, e dos vaidosos obstinados.

Dando de mão uobremente ao, que nos deixa, mostrâmo-nos superiores ao, que perdemos.

Quem aos vinte annos não é forinoso, forte aos trinta, sabio aos quarenta, rico aos cincoenta, perca-lhe as esperanças.

O charlatanismo do estilo reveste de pala-

ras brilhantes, ou sonoras, frases sem sentido algum, absurdos.

O dinheiro tomado de empréstimo com usura cêdo, ou tarde empenha, e arruína a todo aquelle, que só tem uma renda fixa, sem industria.

Quem se casa por amor, tem boas noites; e máos dias. ( Proverbio Hespanhol. )

A Mocidade deve mais obrigações a quem lhe tem communicado suas luzes, do que aos autores da sua existencia.

O egoísta lançaria o fogo á casa do seu vizinho, sómente para fazer cozêr um ovo.

A obstinação é uma qualidade das bestas, dos tôlos e das creanças.

É pobre, por mais opulento que pareça, quem deseja ter mais, do que possui.

Quem estina mais o ouro, que a virtude, perderá ouro e virtude.

Um mancebo deve parecer prudente, sem affectar parecê-lo; um velho deve parecê-lo, ou o seja, ou não.

Um bom livro é um refugio contra as agitações de qualquer natureza que sejam; logo que o abrimos, entrâmos no Templo da Paz.

Encontra-se o Paraiso sôbre a Terra em um bom Livro, ou em uma bôa consciencia, ou em parte alguma.

A esperanza é o pão dos desgraçados.

Comprar a paz á custa do silencio, não é pagal-a mui cara.

A idade e a experiencia nunca fazem o homem tão perfeito, que lhe não deixem sem-

pre alguma cousa, que aprender, e que reformar.

Nós desejaríamos poucas cousas com ansiedade, se perfeitamente soubessemos o, que desejamos.

Não contes com o coração, e com o juizo do homem partidario.

Um tólo, elevado a qualquer emprego, acha-se nelle como sôbre o cume de uma montanha, donde tudo lhe parece pequeno, assim como elle parece pequeno a toda a gente.

Os postos eminentes fazem os grandes homens ainda maiores, e os pequenos ajuda mais pequenos.

Os falsos amigos são aves de arribação, que vem com o bom tempo, e vão-se com o máo.

O bom juizo e as virtudes occultam-se, quando os partidos andam patrulhando.

Sem boa educação o sabio não passa de ser um pedante, o philosopho de ser um cynico, o soldado de ser um bruto.

Devemos sempre pensar no que dizemos; mas nem sempre devemos dizer o, que pensamos.

Os partidos oppostos ajnizam quasi sempre mais mal uns dos outros, do que elles merecem.

O infortunio e a prosperidade tocam-se de tão perto, que nunca o homem deveria entregar-se á desesperação, nem á segurança.

O odio e as perseguições do máo honram ao homem de bem.

: O sabio é grande nas cousas pequenas, o máo é pequeno nas cousas grandes.

Falar pouco, e comer pouco, nunca fêz mal a ninguem.

A melhor tábua em o naufragio da velhice é um boim Livro.

Uma velhice prematura é a herança, que nos deixa uma mocidade viciosa.

A maledicencia e a calunnia esforçam-se por sentirem menos o pèzo do merecimento, mordendo-o.

O interesse é como o pó, que o Diabo lança aos olhos do homem; assim de que não co-nheça nem justiga, nem devêr, nem honra, nem amizade.

O homem pode tudo, quanto quer; quando não quer, senão o, que pode.

Uma bôa estima tardia vale mais, do que uma opinião prematura de merecimento.

O homem livre não conhece por protectores senão a Deus, e as Leis.

Uma velhice sãa, ou enfêrma é a recompensa, ou o castigo de uma juventude prudente, ou desordenada.

Os livros, os remedios, os conselhos e os amigos devem sempre ser tomados em pequena quantidade, porém bem escolhida.

Nunca alugues casa em um bairro, cujo pôvo seja ignorante e devôto. ( Sentença Persiana. )

Raras vezes o, que o homem deseja, vale o, que ja possui.

Antes de desejarmos anciosamente uma cou-

sa, e de tudo sacrificarmos para a alcançar; cumpre que saibamos, qual seja a felicidade d'aquelle, que a possue.

As injurias são as melhores razões de quem não tem razão.

O tom decisivo está na razão directa da ignorancia, e na inversa do bom senso.

Os falsos amigos, dispersos, logo que vêm uma bolsa vazia, sómente se tornam a ajuntar, mostrando-lha cheia.

Os prazeres, tomados com moderação, são como o orvalho sôbre as plantas, reanimam tudo.

Quem faz sempre o, que quer; raras vezes faz o, que deve.

Quem reconhece o proprio erro, nisso dá provas de que começa a ser sabio.

Para se ajuizar da importancia real de um individuo, devemos suppôl-o morto, e calcular depois o vazio, que deixaria: Poucos homens resistiriam a esta prova.

O remorso é a unica dôr da alma, que o tempo e a reflexão não mitigam.

O mais máo homem, que imaginar-se pode, é o que concorre para a desgraça dos seus semelhantes, sem sentir remorsos.

A consciencia neste Mundo é a primeira e muitas vezes a unica remuneração das boas acções.

Um Povo está perdido, quando o Codigo da sua Moral se encerra todo e unicamente no Codigo das suas Leis.

Os esforços, que se fazem para obter a re-



paração publica de uma grande injuria, prejudicam muitas vezes mais, do que a mesma injuria.

O mais nobre privilegio da velhice é o de repetir grandes verdades.

O sabio não se arrepende, corrige-se; o pòvo não se corrige, arrepende-se.

Ninguem soffre com mais paciencia o ser rejeuchido, do que aquelle, que merece ser louvado.

A opinião publica compõe-se das opiniões de tantos patetas, que é permittido desprezal-a, quando a consciencia severa e perspicaz nos não censura.

Os grandes empregos são como os rochedos; sómente as aguias e os reptis sobem ao seu cumo.

O homem, que a si mesmo se não respeita, não será respeitado de pessoa alguma.

Um espello unico existe, no qual o homem, mais satisfeito de si, não onsa revêr-se; é o da verdade.

Pode ajuizar-se do pouco caso, que Deus faz das riquezas, pelas pessoas, a quem as dá.

Se disserem mal de ti, corrige-te; se te calumniarem, ri-te.

Depois que a verdadeira Philosophia tem collocado no seu devido logar as virtudes, os talentos e a instrucção, ninguem deve envergonhar-se de não ser nobre.

Nunca faças cousa algũa, que o teu inimigo não possa saber (Sentença de Sêneca.)

A arte de duvidar é o melhor segredo de aprender.

Fazei sentir ao vosso inimigo todo o mal, que poderíeis fazer-lhe, pelo bem, que lhe fazeis.

O dinheiro é um bom escravo, e um máo senhor.

Um meio excellenté de vivermos contentes em o nosso estado consiste em o compararmos com outro peór.

A solidão com livros é melhor, do que a sociedade com tôlos.

Os cabellos brancos de um velho virtuoso são uma corôa, com que o tempo tem adornado a sua cabeça.

Os Tribunaes são como os silvados; a ovelha encontra nestes um refugio, mas não pode sahir delles, sem que lá deixe a lã.

A tolerancia é a mãe da paz.

Os grandes faladores são como os toneis vazios, que ressoam mais, do que os cheios.

O talento paga um cruel tributo á ignorancia e á inveja.

A Philosophia triunfa facilmente dos males passados e futuros; triumpham porém della os males presentes.

A mentira faz descobrir uma alma fraca, um espirito sem recursos, um caracter vicioso.

Aquelle, que se propõe a agradar a toda a gente, não pode ser senão um homem mediocre.

Aspirar ao poder com o fim de alcançar tranquillidade, e segurança, é o mesmo que trepar sôbre um vulcão, para pôr-se ao abrigo das tempestades.

Cousa nenhũa ha mais bárbara, do que procurar o proprio prazer no longo supplicio de um ser vivo.

O sabio deve viver, como pode; caso não possa viver, como deseja.

A disputa tem a verosimillhança por principio, a obstinação por alimento, e a cólera por desculça.

Quando dâmos, comprâmos a liberdade a-lheia; e quando recebemos, vendemos a nossa propria. ( Heitor Pinto, Dialogos. )

O mal a uinguem faz tanto mal, como a quem espera por bem. ( O mesmo. )

Se te queres vingar, usa de silencio; que com elle injurias teu inimigo; ao máo melhor o vencerás, calando, que respondendo. ( O mesmo. )

Assás pobre è de nobreza propria, quem não tem mais, que a que vai buscar em seus antepassados. ( O mesmo. )

A quem a prosperidade fêz amigo, a adversidade fará inimigo. ( O mesmo. )

Quem quizer ser rico, não accrescente na riqueza, mas diminua na eubiga. ( O mesmo. )

Os males pequenos sentem alivio das palavras grandes; porém os grandes folgam com o silencio. ( Amador Atraes, Dialogos. )

A adversidade lança de si o amigo fingido, como o fel e vinagre o bom bebedôr. ( O mesmo. )

O sabio pode ser peregrino, mas não desterrado; podem-no mudar de um logar para outro, mas não degradar; porque toda a terra è sua patria. ( O mesmo. )

— Não pode ter algũa autoridade a sentença, quando o, que merece ser condemnado, nos condemna, e diz mal de nós. (O mesmo.)

— Não ha cousa menos eluizosa, do que a alma daquelles, cujo corpo e vestido rescende a perfumes. (O mesmo.)

— Mais damna, e prejudica a lingua do adulator, que a mão e a espada do perseguidor. (O mesmo.)

— Algo mais de varão é dar orelhas aos maldizantes, que aos aduladores; porque nos ditos d'aquelles ás vezes se acha algũa secreta medicina, e nos destes sempre está manifesta a preçõha. (O mesmo.)

— O que quer devéras ser louvado, não ouça a quem o louva; porque ainda que a alguem seja facil não fazer conta dos louvores, quando se lhe negam; é difficultoso o não se deleitar com elles, quando se lhe offercem. (O mesmo.)

— Fazemos nossos os vicios, que em os amigos soffrimos. (O mesmo.)

— Nem todo o, que perdõa, é amigo; nem todo o, que castiga, é inimigo. (O mesmo.)

— O sabio, falando, se faz nésceo; e o nésceo, calando, se faz sabio. (O mesmo.)

— O muito falar é lodo, e o pouco é ouro. (O mesmo.)

— Fala derradeiro, e entende primeiro. (O mesmo.)

— A grandis encontros e perigos offerece sua honra, quem toma a cargo historias do seu tempo; porque dizer sempre verdades puras

sem mistura de respeito, não se soffre; pois passar por ellas com ingrato silencio, ou vender mentiras por certo preço, é fraude infame. (O mesmo.)

MAXIMAS E SENTENÇAS PARTICULARES PARA O  
SEXO FEMININO.

A mulher, que descobre indecentemente o seu seio, esquece-se, de que a rosa é mais bella debaixo da sua folhagem.

Toda a mulher sem pudór é depravada; porque calca aos pés um sentimento natural ao seu sexo.

Ela uma pessoa superior ainda em merecimento a uma bella mulher, vem a ser uma mulher bella e modesta.

Os mais bellos enfeites de uma mulher são costumes puros.

A honra de uma mulher pudica está debaixo da protecção das pessoas de bem.

A primeira e a mais importante qualidade de uma mulher é a affabilidade.

Uma mulher não disforme sempre é mui bella, quando é bôa.

Toda a mulher, que cede ás suggestões de um amante, é um ilolo prostrado por terra.

A nudéz do trajo tira ao Amor a sua venda, a Vénus a sua cintura, e ás Graças o seu véo encantador.



# I N D I C E.

INTRODUÇÃO, Pag. 5.

TARDE I.

*Da Sociedade*, 7.

## P A R T E I.

### *Da Boa-Moral.*

TARDE II.

*Deveres para com Deus*, 15.

TARDE III.

*Deveres para com os Pais*, 18.

TARDE IV.

*Deveres para com os nossos Irmãos e Similhan-  
lhantes*, 26.

*Fabula do Leão e do Rato*, 30.

*Fabula do Castor e da Lebre*, 31.

TARDE V.

*Do que deve o homem á sua Patria*, 33.

TARDE VI.

*Não fazer mal a outrem*, 37.

*Não offender ao Proximo na sua Pessoa*, 38.

*Não prejudicar ao Proximo em seus interes-  
ses*, 41.

TARDE VII.

*Não offender ao Proximo na sua Honra*, 54.

*Devemos tolerar-nos mutuamente as faltas*, 60.

*A ninguém devemos deprimir*, 62.

P

TARDE VIII.

*Fazer mal aos animaes é sinal de mão cordão, 64.*

PARTE II.

*Da Virtude.*

TARDE IX.

*Sacrificar-se por seus Similhantes, 73.*

*Estancias dos Lusíadas, o Patriotismo heroico, embora mal recompensado, 80.*

TARDE X.

*Das virtudes pessoas, 86.*

*Fabula a Videira e o Podador, 87.*

*Fazer bem por mal, 96.*

PARTE III.

*Da Urbanidade.*

TARDE XI.

*Da Urbanidade em geral, 98.*

TARDE XII.

*Da hora de levantar da cama, 103.*

*Do traje, e da limpeza, 106.*

TARDE XIII.

*Respeito aos Anciãos, 110.*

*Da docilidade, e condescendencia, 112.*

TARDE XIV.

*Regras para a conversação, 115.*

*Convêm observar com que pessoas estamos, antes de falar muito, 116.*

*Côntos, e digressões, id.*



*Sôbre a acção, 117.*

*Faladores, e segredistas, id.*

*Falta de attenção, quando outra Pessoa fala, 119.*

*Não se deve interromper a quem fala, id.*

*Não ostenteis de Sabios nas companhias, 120.*

*Contradizei com urbanidade, id.*

*Evitai as disputas, 121.*

*Disputai sempre com moderação, e não aposteis, id.*

*Observem-se as propriedades locais, 122.*

*Chistes, e agudezas, id.*

*Egoismo, 123.*

*Sobre o ar reservado e mysterioso, 125.*

*Olhai para a Pessoa, com quem falardes, 126.*

*Não ataquéis corporações, id.*

*Bobices, 127.*

*Juramentos, id.*

*Segredo, 128.*

*Convém que se fale a cada Pessoa conforme a sua graduação e qualidade, 130.*

*Estando em sociedade, ninguém deve suppôr-se objecto de escarneo dos mais, id.*

*Seriedade, 131.*

TARDE XV.

*Do modo de comportar-nos em uma Sociedade, 134.*

TARDE XVI.

*Do modo de estar á mæsa, 141.*

TARDE XVII.

*Modo de procedêr no jôgo, 150.*

*Do buile, 153.*

*Do modo de andar pelas ruas, 154.*

TARDE XVIII.

*Do que devem os homens por urbanidade ás Senhoras, 157.*

*Do modo, com que as jovens Senhoras devem portar-se na sociedade com os homens, 160.*

TARDE XIX.

*Não atacar a ninguem na sua crença religiosa, 166.*

*Emprego do tempo, 168.*

*Ociosidade, id.*

*Leitura, 169.*

*Modo de fazer as cousas, 170.*

*Méthodo, id.*

*Bagatellas, 172.*

*Economia, 173.*

TARDE XX.

*Das amizades, 174.*

*Fabula as Maças, 176.*

*Do mentir, 177.*

*Fabula O Mentiroso castigado, 179.*

*Arte de agradar, 181.*

*Cumprimentos, 183.*

TARDE XXI.

*Da escripta das cartas, 187.*

*Da pronunciaçao ao tempo de falar, 190.*

*Expressões vulgares, 191.*

*Alcunhas, 192.*

TARDE XXII.

*Do tempo, e modo de ir tomar o descaço da Cama, 194.*

MAXIMAS

*Para bom regulamento da vida de uma mulher, 197.*

MAXIMAS E SENTENÇAS,

*Collidas de differentes Autores, de que podem fazer prudente uso os individuos de um e d'outro Sexo, 204.*

1871

THE ...  
...

...

...

...

...

...